

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

VOLUME 10 – Dezembro de 2016  
ISSN: 2176-5782



## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**

### **REITOR**

José Bites de Carvalho

### **VICE-REITORA**

Carla Liane Nascimento Santos

### **PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROGRAD**

Káthia Marise Borges Sales

### **PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG**

Tania Maria Hetkowski

### **PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX**

Maria Celeste Souza de Castro

### **PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO – PROAD**

Luzinete Gama

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE LINGUAGENS - PPGEL**

Profa. Dra. Márcia Rios da Silva

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens –  
PPGEL**

Profa. Dra. Sayonara Amaral de Oliveira

**Coordenadora da Linha de Pesquisa 1: Leitura, Literatura e Identidades**

Profa. Dra. Norma da Silva Lopes

**Coordenadora da Linha de Pesquisa 2: Linguagens, Discurso e Sociedade.**

## **REVISTA TABULEIRO DE LETRAS**

**Editor-Chefe:** Prof. Dr. Ricardo Oliveira de Freitas

### **COMISSÃO EXECUTIVA**

**Editora de texto:** Celina Márcia de Souza Abbade e Sayonara Amaral de Oliveira

**Editor de Layout:** Ricardo O. de Freitas

**Revisor:** Reinaldo Alves de Miranda

### **COMISSÃO EDITORIAL**

Adelaide Augusta de Oliveira, Universidade do Estado da Bahia

Celina Márcia Abbade, Universidade do Estado da Bahia

Gilberto Sobral, Universidade do Estado da Bahia

Sayonara Amaral de Oliveira, Universidade do Estado da Bahia

### **PARECERISTAS Ad Hoc**

Prof. Dr. Adeíto Manoel Pinho – Universidade Estadual de Feira de Santana

Profa. Dra. Célia Regina da Silva – Universidade Federal do Sul da Bahia

Prof. Dr. Gilberto Sobral – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rodrigo Oliveira Fonseca – Universidade Federal do Sul da Bahia

Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz – Universidade Estadual de Feira de Santana

### **CONSELHO CONSULTIVO**

Prof. Dra. Alana de Oliveira F. El Fahl (UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana)

Prof. Dra. Alba Valéria Silva (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Profa. Dra. Cilza Carla Bignotto (UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto)

Profa. Dra. Denise Zoghbi (UFBA – Universidade Federal da Bahia )

Prof. Dr. Diógenes Cândido de Lima (UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Prof. Dr. Elmo Santos (UFBA – Universidade Federal da Bahia)

Prof. Dra. Enivalda Nunes Freitas Souza (UFU – Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL – Universidade Federal de Alagoas)

Profa. Dra. Janaína Weissheimer (UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte)  
Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira (UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana)  
Prof. Dr. José Henrique Santos (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)  
Profa. Dra. Kênia Maria de Almeida (UFU – Universidade Federal de Uberlândia)  
Profa. Dra. Lígia Negri (UFPR – Universidade Federal do Paraná)  
Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais)  
Profa. Dra. Maria Jose Bocorny Finatto (UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul)  
Profa. Dra. Mairim Linck Piva (FURG – Universidade Federal do Rio Grande)  
Profa. Dra. Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA – Universidade Federal da Bahia)  
Profa. Dra. Nelly Medeiros de Carvalho (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)  
Prof. Dra. Regina Kohlrausch – (PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)  
Profa. Dra. Rejane Vecchia (USP – Universidade de São Paulo)  
Profa. Dra. Renata Maria de Souza Nascimento (UNEB – Universidade do Estado da Bahia)  
Prof. Dr. Ricardo Postal (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)



**TABULEIRO  
DE LETRAS**

VOLUME 10 – Dezembro de 2016  
ISSN: 2176-5782

# TABULEIRO DE LETRAS





# TABULEIRO DE LETRAS



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).

TABULEIRO DE LETRAS | Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL - UNEB) | ISSN 2176-5782

# TABULEIRO DE LETRAS

Prezadxs Leitorxs,

Mais um número da nossa Revista Tabuleiro de Letras é lançado. Agora, o volume 10, número 02.

Muitos são os desafios para a manutenção de uma revista científica. Ter boa e positiva classificação junto às agências de fomento pode ser o mais imediato desafio. Mas, não é o único. Por isso, o lançamento de mais um número da Revista prova que temos conseguido vencer tais desafios. E isso, somente tem sido possível, graças à vossa participação como leitor e como autor. Precisamos de vocês para que possamos continuar a publicar com mais e mais qualidade. Por isso, a vocês, leitores e autores, dedicamos esse novo número

Como sempre, lembramos que o objetivo da Revista é contribuir com os estudos da literatura, da língua e da cultura, envolvendo o universo das linguagens. Por isso, neste número, como nos outros, vocês encontrarão artigos e textos que versam sobre os mais diferentes temas, produzidos por autores das mais variadas e distintas instituições de ensino e pesquisa. Tal fato demonstra o comprometimento da Revista com o caráter diverso e plural na representatividade de autores, de temas, de interesses e instituições.

No primeiro artigo, intitulado *Tempo, espaço urbano e melancolia em “Viagem aos seios de Duília”, de Aníbal Machado*, Carlos Augusto Magalhães, faz instigante análise do referido conto, ao valorizar os aspectos da abordagem simbólica e da percepção visual presentes na obra do autor.

No segundo artigo, intitulado *Indícios para uma sócio-história linguística do Português Popular Brasileiro a partir de cartas do Semiárido Baiano*, as autoras Huda da Silva Santiago e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro apresentam aspectos ortográficos e fonéticos em cartas pessoais escritas no século XX por baianos da região do semiárido. A importância do texto reside na tentativa de contribuir para a busca de evidências para a construção da história social e linguística do português popular brasileiro.

O terceiro artigo, de autoria de Natival Almeida Simões Neto, intitulado *Outras palavras: as palavras-valise entre revisões e sistematizações*, investiga a formação das palavras-valise na língua portuguesa, contribuindo, de modo eficaz, para os estudos que têm como objeto padrões fonológicos e recursos morfossintáticos, lexicais e semânticos.

No quarto artigo, *Professor, quanto mais cedo é melhor? O papel diferencial da Educação Bilíngue*, o autor, Ricardo Santos David, trata da importância da educação bilíngue no desenvolvimento infantil. Para tanto, analisa o impacto positivo

do bilinguismo sobre o funcionamento intelectual em relação ao monolinguismo e seus impactos sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças.

As autoras Raquel Meister Ko Freitag e Gládisson Garcia Aragão Souza, no artigo intitulado *O caráter gradiente vs. discreto na palatalização de oclusivas em Sergipe*, fazem uma análise baseada em variações sociolinguísticas. Utilizam a fonologia de usos, a fim de contribuir para os estudos acerca da organização dos sons e da diversidade linguística no Brasil.

No sexto artigo, intitulado *Os usos funcionais do verbo “dar”: Um caso de gramaticalização?*, de autoria de Nahendi Almeida Mota e Gessilene Silveira Kanthack, o leitor terá acesso aos resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar os usos funcionais do verbo “dar”, a partir de um *corpus* constituído de textos de opinião veiculados na revista *Veja*. O texto é importante contribuição para os estudos da gramaticalização.

Em *O duplo, um tal Julio: cronópio duplicado*, nosso sétimo artigo, a autora Cristina Rosa Santoro faz uma análise da obra de Julio Cortázar, baseada no entendimento de que o duplo e a duplicidade constituem uma particularidade da sua obra. A autora aprofunda a sua investigação ao assumir que o autor transita entre as duas margens, literais e metafóricas, momento em que sua narrativa se aproxima de questões do interesse da psicanálise e das análises psico-literárias.

No oitavo artigo, intitulado *Jehová de Carvalho, o Cronista (de) Salvador*, o autor Raimundo Dalvo Costa recupera a vida e obra do cronista baiano Jehová de Carvalho, chamando a atenção para a importância do cronista para pensar as questões do urbano soteropolitano, a partir das crônicas por ele publicadas em importantes jornais baianos, na segunda metade do século passado.

O último artigo, intitulado *Variação na Concordância Nominal de Número no Português Popular de Vitória da Conquista - BA: Sócio-História do Português do Brasil*, de autoria de Maria Aparecida de Souza Guimarães e Jorge Augusto Alves da Silva, oferece uma visão resumida do número nominal, de acordo com os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos fornecidos pela variação da Teoria da Mudança e da Linguística, apoiado num *corpus* de doze informants, que compõem a comunidade de fala de Vitória da Conquista, na Bahia.

Por fim, apresentamos, no final desse número, a resenha, de autoria de Maristela Rodrigues Lopes, acerca do livro de Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, intitulado *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*.

Como sempre, desejamos aos nossos leitores, a melhor leitura!

Ricardo Oliveira de Freitas  
Editor-Chefe da Revista Tabuleiro de Letras

# TABULEIRO DE LETRAS

**Tempo, espaço urbano e melancolia em “Viagem aos seios de Duília”<sup>1</sup>, de Aníbal Machado**

**Time, urban space and melancholy at “Viagem aos seios de Duília”, by Aníbal Machado**

Carlos Augusto Magalhães<sup>2</sup>

## **RESUMO:**

O conto “Viagem aos seios de Duília”, de Aníbal Machado, analisa a trajetória de José Maria. A aposentadoria é o momento que possibilita ao melancólico funcionário público do Rio de Janeiro fazer um balanço de vida. Ele constata que contemplou mais que experimentou a vida. A ausência de prazer, de vínculos afetivos e a interação superficial com o presente reafirmam o vazio da vida e também caracterizam a própria melancolia. Há um elo com o passado e com uma cidadezinha de Minas Gerais, tempo-espaço de uma experiência prazerosa com Duília. Equivocadamente, José Maria resolve voltar em busca da namoradinha e, principalmente, da energia da adolescência distante. A dificuldade em lidar com o tempo se reflete também no descompasso entre a vivência do tempo biológico e do tempo existencial.

**Palavras-chave:** Melancolia; Tempo-espaço; Passado; Espetáculo; Rio de Janeiro.

## **ABSTRACT:**

The short story “Viagem aos seios de Duília”, by Aníbal Machado, analyses José Maria’s life story. The retirement is the moment that makes it possible for a melancholic public servant from Rio de Janeiro to take stock of his life. He realizes that he spent most of his life gazing instead of enjoying life. The absence of pleasure, of affective entailments and the superficial interaction with the present re-states his empty life and also depicts his own melancholy. There is bond with the past and with a tiny city in the state of Minas Gerais, time-space of a pleasant experience with Duília. Mistakenly, José Maria decides to go back to look for his sweetheart and mainly to look for the energy of his lost and far adolescence. The difficulty to deal with time can also be seen in the mismatch with the time which also becomes clear in the unsteadiness between the biological time and existential one.

**Keywords:** Melancholy; Time-space; Past; Event; Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup>Disponível em: < <http://www.cocminas.com.br/arquivos/file/Viagem%20aos%20seios%20de%20Duilia.pdf>>. O conto objeto de estudo neste trabalho é da quarta edição do livro *A morte da porta-estandarte e outras histórias*, de 1972. Todas as transcrições do conto são dessa edição e aparecem no texto entre aspas, seguidas do número da página, colocado entre parênteses. As edições mais recentes da obra apresentam-se com o título *A morte da porta-estandarte e Taiti, a garota e outras histórias*.

<sup>2</sup> Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Deptº de Ciências Humanas, Campus I, Salvador. Atua no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – PPGEL. E-mail: carlosmagal@terra.com.br

Aqueles cinco ou seis homens se ressentem, sobremaneira, de sua baixa estatura. O diminuto tamanho lhes causa incômodo, irritação, transtorno. A convivência com a irremovível condição não é pacífica, assumindo, ao contrário, ares e formas de intensa exasperação. O mais curioso é que esses cariocas – Fagundes, Gorgulho, Espadim, Vítor, Josias – não aceitam as próprias limitações e jamais se conformam com o elenco de perdas a que estariam sujeitos e expostos no dia a dia urbano. São indisfarçáveis, incontornáveis os constantes encontros e contatos, com vistas a uma ajuda mútua, mas o companheirismo e o compartilhamento solidário dos dissabores passam a ser olhados noutra direção, a partir do momento em que eles chegam à conclusão de que o convívio e a partilha das desditas só fazem realçar a pequena altura de cada um e do grupo como um todo. Enfim, decidem se separar. Melhor que cada qual, por seu turno, venha a cuidar da própria vida.

É com a dispersão que ganha visibilidade o sexto rapaz do grupo, o condutor das aventuras e infortúnios daqueles liliputianos<sup>3</sup> errantes urbanos, hipoteticamente remetidos ao mundo das margens, no caso, por exibirem uma estatura destoante do padrão de homem eleito e bem-sucedido no universo do Rio de Janeiro de então, Distrito Federal, nos meados do século XX. Entra em cena o narrador de “O homem alto”, conto integrante da antologia *A morte da porta-estandarte e outras histórias*, de Aníbal Machado. Ainda que destituída de nome, isto é, não dispondo da insubstituível identificação nominal – nome próprio – e, como tal, apresentando-se privada desse essencial instituto civil, a personagem vem a ser a figura central do texto. Além de incorporar e desempenhar as funções do foco narrativo de primeira pessoa, ela assume o protagonismo em termos de se colocar como sujeito que radicaliza o inconformismo ante as feições, maneiras e jeitos com que as práticas sociais e o cotidiano urbano em geral tratariam os homens de baixa estatura.

A não aceitação dos modos e das formas com que se delineiam os impedimentos, como também a não concordância com as restrições e até mesmo com as conformações com as quais o real se apresenta, inquietam e fomentam a necessidade de uma urgente reação. Afastando-se de uma paralisante imersão em possíveis recalques e frustrações, o protagonista, ao contrário, transporta-se para esferas que lhe permitem alcançar situações de extremada

---

<sup>3</sup> Habitantes da Lilipúcia ou Lilliput, país dos anões, criaturinhas de 5 a 6 centímetros, que povoam o mundo fantástico da narrativa *As viagens de Gulliver*, de autoria de Jonathan Swift, escritor irlandês do século XVIII. Lemwel Gulliver aporta nesse país, salvando-se, sozinho, de um naufrágio, quando fazia sua primeira viagem, como médico de bordo. Partiu Gulliver, de Bristol, em 4 de maio de 1699, no navio veleiro chamado “Antílope”. Ficou em Lilipúcia, passando por algumas peripécias entre os homúnculos, porém [foi] acolhido e considerado por estes lilipucianos (CARVALHO, [19--], p.36-37).

libertação. Atenta a seu propósito indeclinável “[...] de modificar o rumo das coisas do real, [a personagem realiza] pela náusea e pela magia um desejo neurótico de ganhar altura física” (ARAÚJO, 1985, p. 51).

O inconformismo ante a realidade implacável e inexorável da baixa estatura chega às raias da alucinação. Assim, num arroubo de fantasia ou, talvez, de delírio, esse brobdignaquiano<sup>4</sup> com quem Gulliver agora se defrontaria, magicamente, passa a se ver, a se sentir e a se comportar como homem alto, cidadão cômico dos privilégios e das benesses sociais de que poderia agora desfrutar. Esse homem pequeno imagina-se, ou melhor, vê-se no auge das reconhecidas magnitude e estatura social de autoridade digna e respeitada, condição que a nova altura lhe possibilita e lhe concede. Dando asas ao desvario, ele se entrega a imaginações e fantasias que lhe permitem sentir-se num mundo de deslumbramentos e de sonhos que o remetem a maravilhosos patamares de vida agora então disponibilizados. Essa fantasia o liberta da reassunção dos limites da real estatura, oferecendo-lhe, nessa direção, o direito de viver para sempre os privilégios e as delícias de ser agora um homem alto.

A ilusória iniciativa de superação e/ou de anulação da inevitabilidade do ritmo do tempo e a tentativa fantasiosa de contorno de um impasse existencial vêm a se constituir como uma das tematizações de outro texto, a narrativa eleita por este artigo – “Viagem aos seios de Duília” –, conto moderno, também integrante da antologia do autor acima citado. Como será analisado, José Maria, personagem principal, protagoniza uma pungente trajetória em que se expõem sopros de melancolia, categoria que costuma se enlaçar com outra, o tempo, em especial, a esfera do passado.

A personagem-narrador de “O homem alto” e José Maria, protagonista de “Viagem aos seios de Duília” são apenas dois dos muitos solitários e decaídos “heróis” modernos que integram a galeria das criaturas que povoam os mundos representados nas narrativas de Aníbal Machado. São “heróis”, ou melhor, anti-heróis transgressores, que buscam enfrentar e rejeitar as estipulações e as mesmices de cotidianos descoloridos e desprovidos de emoção. Não raras vezes, tais heróis se descolam, se despregam não só das leis e dos códigos com que se pautam os costumes e as práticas sociais, como também dos jeitos e modos com que a vida se apresenta, pagando altos preços pelo destemor e pela ousadia, arrebatamentos que os

---

<sup>4</sup> Jonathan Swift cria mais uma viagem para Gulliver. Agora, o navegador parte de Liverpool, no navio “Aventura”, em 1703 [...]. Exausto, adormece e desperta com a fuga de seus companheiros que, apavorados com os gigantes que avistaram, se precipitam ao mar, deixando-o só. Em Brobdignac, onde os homens tinham a altura de 15 a 20 metros, nada lhe fizeram. Gulliver era então um lilipuciano. Apenas se invertiam as situações. O seu tamanho ridículo transforma-o num bichinho insignificante (CARVALHO, [19--], p.37).

colocam ante “[...] o riso e a lágrima – mais a lágrima que o riso” (ADONIAS FILHO, 1969, p. 110).

A personagem anibaliana é focalizada, a princípio, em atitudes identificadas com as variadas convenções reinantes nas interações do dia a dia. A estabilidade, as conformações sociais e certo pacifismo da rotina são interceptados no momento em que emerge o mais profundo intimismo que coloca em cena reações e comportamentos instáveis e surpreendentes, instantaneamente flagrados. Ganham relevo sujeitos cujos mundos recônditos se exteriorizam, algumas vezes, em situações de desalinho e de desarmonia, em perspectiva de singularidade existencial, sempre. O desconcerto expõe as fraturas e as desagregações da personagem transportada para o mundo das relações sociais quase sempre por meio de eventos recheados de cenas espetaculares, desencadeadoras de profundas e densas perplexidades. Adonias Filho (1969, p. 110) anota que “[...] se fosse indispensável definir o processo novelístico de Aníbal Machado, [poder-se-ia afirmar que] a base desse encontro entre o homem e o mundo se molda nas relações da personagem com o espetáculo”.

O sentido de espetáculo pode ser observado, inclusive, em situações nas quais a instância temporal é diretamente acionada. Sem dúvida, há personagens do universo de Aníbal Machado que enfrentam embates espetaculares nas interações com a esfera temporal. Assim, flagram-se criaturas atreladas a um passado que as oprime e bloqueia a fluidez de suas vidas. É como se elas enfrentassem relações não resolvidas com o momento existencial pretérito. Enfim, no geral, a personagem anibaliana costuma ser apanhada em grandezas e misérias, em realizações e infortúnios, mas sempre em processo de busca da própria verdade, oportunidade em que ela costuma viver situações inesperadas e espetaculares.

No conto “Viagem aos seios de Duília”, desenham-se elos melancólicos com um passado longínquo e com um lugarejo perdido, tempo-espaço de uma fugaz cena de prazer vivida a partir da contemplação do corpo do Outro, experiência e gozo que se apresentam, sobretudo, como únicos, sem par, na vida de José Maria. Na cidadezinha mineira de Pouso Triste, aquele rapazinho observa deslumbradamente os seios de Duília, a namoradina que, no entremeio de uma procissão religiosa, resolve se afastar das companheiras e, na penumbra de uma árvore, silenciosa e disfarçadamente, mostra os seios brancos, um após o outro, àquele tímido rapaz. Duília concede àquele adolescente a momentânea oportunidade de uma contemplação extasiante.

Essa cena passa a integrar o rol dos eventos decisivos na trajetória do protagonista, uma vez que tal momento também assume importante papel na estruturação dos traços

psicológicos e na construção de sua individualidade e singularidade. Não se deixe de observar que a cena ocorre em paralelo a uma procissão religiosa. O quadro perpetrado pelo casal correria o risco de desencadear censuras e recriminações, pois poderia ser visto como desrespeitoso e até mesmo como pecaminoso. Atente-se para o fato de que o acontecimento reporta a uma experiência<sup>5</sup>, de certa forma, interrompida e, principalmente, retida e congelada no passado. Reitera-se que se trata de um prazer exclusivo, ímpar e vivido rapidamente.

Nesse evento do qual Duília participa, observa-se que o aspecto contemplativo com que o gozo se apresenta teria ofuscado a oportunidade de José Maria viver um sentimento de realização, mediado pela plenitude da experiência do prazer. Na verdade, o afeto melancólico faz com que a atitude de contemplação ganhe bem mais espaço que a experimentação da vida propriamente dita, em termos de interações com a riqueza das *nuances* que o dia a dia coloca, demandando posturas e posições mais definidas. Certo caráter de passividade com que a inibição se coloca costuma se expressar, se manifestar em José Maria também por meio de fantasias e bloqueios irmanados com sentimentos de culpa. Enfim, a hesitação faz com que o conagraçamento com o Outro seja permeado pela inconsistência no que concerne ao “*hedone* – termo que em grego indica prazer sensual” (SENNET, 2003, p. 67).

Os aspectos de fragilidade e de exiguidade comparecem no todo da caminhada existencial de José Maria, a qual volta a ser flagrada, apenas uma vez mais, por um diminuto e fortuito gozo que se apresenta acompanhado de significativa autocensura. Trata-se do evento no qual o olhar do funcionário público volta a fixar os seios de uma mulher, oportunidade em que ele vive novamente uma rápida sensação de prazer; na homenagem por ocasião da aposentadoria, Adélia, funcionária que “usava decote largo” (p. 36) lhe dirige palavras elogiosas. O olhar do funcionário pousou “como um relâmpago pelo colo branco de sua

---

<sup>5</sup> Vivência e experiência são conceitos tematizados por Walter Benjamin e discutidos por Sérgio Paulo Rouanet em *Édipo e anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Ao analisar o texto de Benjamin, Rouanet relaciona os princípios ali expostos com a teoria freudiana, buscando, assim, estabelecer correlações entre memória e consciência, no propósito de uma crítica da cultura. A experiência caracteriza-se por ser a esfera na qual a memória acumula impressões, sensações, sentimentos, excitações que jamais se tornam conscientes e que, transmitidas ao inconsciente, deixam nele traços mnemônicos duráveis, isto é, recursos que facilitam a aquisição e a conservação da memória. A memória e a experiência são, assim, elementos preservadores das raízes e da identidade do ser. Pertencem à esfera da vivência, as impressões cujo efeito de choque é interceptado pelo sistema percepção-consciência, que se tornam conscientes e, por isso mesmo, desaparecem de forma instantânea, sem se incorporar à memória. O choque assim amparado, assim interceptado pela consciência, daria ao acontecimento que o desencadeou o caráter de vivência, no sentido eminente. Quanto maior a participação do elemento de choque nas impressões individuais, menos essas impressões são incorporadas à experiência, e mais elas satisfazem o conceito de vivência. Essa interpretação da teoria freudiana do choque constitui o fio condutor da crítica cultural de Walter Benjamin. A partir da concepção benjaminiana, o mundo moderno se caracteriza por atingir situações e níveis nos quais o choque aparece contínua e intensamente nos diversos domínios da vida social e individual.

subordinada”, (p. 37) a qual lhe concede a célere possibilidade da observação prazerosa, ainda que reprimida.

Principalmente na interação com Duília, o caráter de corte fragmentário, de contato desprovido de integração se identifica com desfrutes que ostentam, sobretudo, modos, feições e sentidos relacionados a fragmentos de natureza metonímica. O prazer é limitado, apoucado, pois articulado com o gozo apenas em parte, o que guarda relação com o caráter metonímico, em termos da relação da parte em lugar do todo. Assim, trata-se de um gozo parcial, destituído da completude realizadora. O aspecto de prazer, por assim dizer, substitutivo, ou seja, vivenciado bem mais no plano da fantasia que no campo dos fatos reais, se faz presente nos modos com que, como se sabe, se esboçam os devaneios, voyeurismos e fetichismos, o que ocorre também com José Maria, análise a ser feita mais adiante. Como está sendo descrito, pode-se afirmar que a não efetivação da troca prazerosa se relaciona igualmente com a postura de contemplação da vida, em vez da inserção definitiva nela, atitude com que também se qualificam traços de melancolia do protagonista em estudo.

Focalizando-se o passado e o presente, pode-se afirmar que, embora limitado, no tempo pretérito é que José Maria vivera um momento determinante e significativo. Hoje, essa energia nostálgica cavouca e chacoalha o presente monótono, desbotado e destituído de vitalidade e encenado num Rio de Janeiro antes mítico e, agora, pálido e desprovido de encantamento. Como se verá, a tentativa de retomada de eventos ligados àquela cena do passado fará com que José Maria protagonize um processo desagregante, espetacular e equivocado de tentativa de reversão da inexorabilidade do fluxo do tempo. Sem dúvida, a condição melancólica coloca José Maria numa encruzilhada, no que diz respeito à relação com a instância temporal. Continuando a apreciação crítica, Adonias Filho afirma que, na produção de Aníbal Machado, “[entrosam-se] personagem e espetáculo, [tornando-se] as duas posições responsáveis pelo equilíbrio das narrativas que se traduz em firmeza na dissociação do mundo interior (a personagem) e na representação do mundo exterior (o espetáculo) ” (ADONIAS FILHO, 1969, p. 110-111).

Com efeito, José Maria experiencia a atroz dissolução interior, mas está exposto a situações curiosas e, talvez, excêntricas. O caráter de exposição a certo espetáculo a que ele está submetido faz com que haja a fragmentação da dramaticidade por meio do humor, ainda que irônico. Michel Zeraffa (1971, p.389) lembra “[...] que o absurdo implica a ironia<sup>6</sup>”.

---

<sup>6</sup> “Rappelons qu’absurde implique ironie”.

A referência ao tempo remete de imediato à questão do espaço. Espaço e tempo são categorias essenciais da existência humana, mas seus sentidos são vivenciados e analisados, na maioria das situações, a partir de perspectivas práticas e reificantes. Em tal enfoque, a dualidade e o aspecto simbólico que costumam envolver as relações humanas com tudo que as cerca, inclusive o tempo e o espaço, não ocupam posição de destaque. No entanto, sob a aparência das ideias imediatistas acerca dessas duas categorias, ocultam-se territórios de ambiguidade, de incoerência e de luta.

Ultrapassando a perspectiva utilitarista, constata-se que a experiência subjetiva pode nos levar a domínios de percepção, de imaginação e de fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa real e diretamente relacionados a uma visão intimista da dimensão tempo-espacial. Não resta dúvida de que o modo notadamente pessoal e singular e a condição de elo indiscutivelmente profundo, aspectos e feições com que se apresentam as interações de José Maria com o tempo e com o espaço se constituem como elementos fundamentais de sua melancolia e da narrativa em estudo.

Assim, o conto em foco pode ser visto como um flagrante de vivências ambivalentes nas quais o tempo e o espaço se imbricam no itinerário das personagens e em que há articulações notadamente metafóricas – recursos verbais que fazem com que fantasia e realidade, sonho e vigília se confundam. O jogo entre ilusão e realidade, aspecto a ser analisado, perpassa essa narrativa moderna; no plano da realidade exterior, identificada com as vivências e com a sequência linear dos fatos, é retratado o périplo do aposentado, que deixa o Rio de Janeiro no encalço do lugarejo de onde partiu na adolescência.

No plano da interioridade, ligado à sucessão das experiências, que torna complexo o enredo, focaliza-se a questão dramática e fantasiosa de um indivíduo que, no desejo de encontrar o sentido da própria vida, busca reverter o ritmo do tempo. Expondo componentes existenciais identificados com fortes traços de singularidade, a narrativa focaliza a tentativa ilusória de retorno à experiência vivida no passado no lugarejo de origem, iniciativa empreendida por José Maria, funcionário público há pouco aposentado, como foi observado.

A odisséia de José Maria não poderia se realizar, apenas, no aspecto geográfico físico; o percurso assume a dimensão simbólica de um “atar as duas pontas da vida”, numa evocação machadiana, isto é, representa a tentativa ingênua e disfarçada pela fantasia de religação com um tempo pretérito, em que se vislumbrariam possibilidades de eventos dotados de vitalidade e de significações, perspectivas ausentes no momento atual. O retorno a esse universo identifica-se com o desejo de reencontro de referências, das quais poderiam advir expectativas

de futuro – percepções, articulações e sentidos bastante fragilizados, ou, talvez, inconcebíveis no momento atual no Rio de Janeiro. Reforça-se aqui que os modos e as feições com que se caracterizam o tempo-espaço vivido na capital Federal, como também o deslocamento em busca do tempo e do espaço encravados e congelados no interior de Minas Gerais, se apresentam como demandas existenciais que ajudam a esboçar traços da melancolia do protagonista.

A representação de si mesmo como alguém sem futuro, reflexão a que José Maria é remetido com densidade maior a partir da aposentadoria, expõe as relações inconsistentes com a vida em geral e indiciam e clarificam componentes da própria melancolia, especialmente na relação com o tempo: “Disponível, sem jeito de viver no presente, compreendeu que despertara com muitos anos de atraso nos dias de hoje. Não encontraria mais os caminhos do futuro, nem havia mais futuro nenhum. Chegara ao fim da pista.” (p. 42). Como foi apontado, o tempo pretérito vem a ser a quadra existencial que concentra pelo menos uma experiência, de certo modo, prazerosa e marcante, gozo agora recordado, imaginado e, sobretudo, desejado. O atrelamento da libido ao passado e, como tal, a ligação ao que de certa forma foi perdido, além do alheamento e do desinteresse em relação à vida presente, colocam José Maria como protagonista de tocantes cenas desencadeadoras de desconcertantes perplexidades. Sem dúvida, sua atitude de retorno e o desejo de retomada do tempo-espaço pretérito, a partir do que foi congelado na fantasia idealizadora, assume o caráter de um dramático e pungente evento espetacular.

O conto se inicia, e talvez não por acaso, com o momento exato da desautomatização na vida do protagonista; naquele dia, rompendo com o que costumava fazer há trinta e seis anos, ele interrompe a rotineira viagem no bonde que o levava ao centro da cidade, área onde está instalado o Ministério, seu local de trabalho. Também o bondinho de Santa Teresa mantinha o hábito diário de parar em frente àquela casa para que o servidor público nele entrasse: “Durante mais de trinta anos, o bondezinho das dez e quinze, que descia do Silvestre, parava como burro ensinado em frente à casinha de José Maria, e ali encontrava almoçado e pontual, o velho funcionário” (p. 35).

Interpelado pela aflita e surpresa Floripes, a empregada portuguesa, resolve comunicarlhe, querendo rir, que, daquele dia em diante não mais iria trabalhar – estava aposentado. Na véspera, havia sido homenageado pelos colegas; a mesa foi enfeitada com flores; foi saudado pelo diretor mais antigo, um ex-adversário; também recebeu palavras de homenagem de um dos subordinados, um estudante de Medicina; o ministro passou um telegrama; uma

funcionária, Adélia, a quem já se fez menção, se referiu “[...] à competência e exemplar austeridade do querido chefe de quem todos se lembrarão com saudade” (p. 36); finalmente, uma garota, filha do arquivista, entregou-lhe uma bengala de castão de ouro, com a data e seu nome gravados.

A bengala – indício de iminência da velhice – é a forma encontrada pelos colegas do Ministério para demonstrar o reconhecimento pela lisura e seriedade com que aquele homem íntegro e exemplar sempre tratou a coisa pública. José Maria, caracterizado por M. Cavalcanti Proença (1972, p. xxii) como “[...] avatar de machadianos funcionários públicos, talvez, aparentado com o pai de Iaiá Garcia”, merecia, agora, dentro do previsível socialmente, gozar a tranquilidade da aposentadoria e caminhar para o envelhecimento com a dignidade que aquele símbolo, certamente, ostentaria.

Mas “o domingo sem fim...” (p. 35) que passaria a ser a vida do aposentado começa, pouco a pouco, a causar-lhe estranhas e desassossegadoras emoções: “Ora veja! Estou livre agora, livre! ... Mas livre para quê?” (p. 37). O rompimento brusco com a rotina diária – esperar o bonde, comprar o jornal da manhã, tomar café na Avenida, despachar, sisuda e caladamente, os processos na repartição – representa não só a alteração do cotidiano, mas, principalmente, a desestabilização da referência maior – a profissão, o trabalho, a ocupação: “antes tivesse ainda algum processo a informar; estaria ocupado em alguma coisa” (p. 40). Assim, um grande vazio e uma significativa inquietação começam a tomar conta de seu ser: “com os trinta e seis anos perdidos na Repartição, teria perdido também o dom de viver?” (p. 36). Tenta encontrar novas ocupações, procura estabelecer novos vínculos, modificar-se externamente, livrar-se da máscara fria, que os decênios de trabalho monótono, de “austeridade exemplar”, (p. 37), conforme as palavras de Adélia, lhe forjaram. O desejo de metamorfose começa a alimentar seu imaginário; a primeira transformação foi o abandono do chapéu, símbolo de sisudez, atitude interpretada pelas pessoas como “[...] o primeiro passo para um programa de rejuvenescimento” (p. 38). Começa o desejo de negação da maturidade, ao lado do sonho de retorno ao mundo adolescente.

À medida que os dias passavam, mais se acentuava o sentimento de vazio, de solidão e de inutilidade: “O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentiu-se mais só. A vida era para os outros” (p. 40). Resolve intensificar a mudança de hábitos, usando roupas claras – outro índice de busca de rejuvenescimento – e procura se aproximar mais da empregada, a única referência afetiva, mas não experimenta grandes êxitos nessa empreitada. Ao constatar

que não participava da vida urbana, busca reverter tal situação tornando-se sócio de um clube recreativo, mas não consegue construir e estabelecer relações sociais naquele universo. Busca o prazer solitário na leitura de romances: “Entrou numa livraria [...]. Pediu um [livro], à escolha do caixeiro. Tentou ler. Impossível passar das primeiras páginas. Não compreendia como tanta gente perde horas lendo mentiras. Ao atravessar, dias depois, o Viaduto, deixou o livro cair lá embaixo, sentiu-se livre daquilo” (p. 40; 41). A convivência com processos burocráticos o havia deformado e não consegue se concentrar. Enfim, resolve voltar para a cidadezinha mineira da qual partiu na adolescência.

O desejo de realizar o deslocamento tempo-espacial se identifica com as inquietações e com a premência de uma tentativa de metamorfose existencial. A viagem se caracterizaria como importante indício de transformação, em termos de apresentar-se como tentativa de rompimento com o tédio e com o vazio dominantes. O retorno às origens, num plano filosófico mais amplo, representaria a reivindicação de uma proposta libertadora, o que possibilitaria uma nova interpretação da existência e a assimilação de uma linguagem que lhe permitiria um novo olhar sobre o universo. Essa linguagem, original e não uniformizada, instauraria a possibilidade de uma visão mais contundente do mundo. Essa perspectiva, certamente, desestabilizaria o convencionalismo das relações sociais e aprofundaria as ligações do ser consigo próprio, com o Outro, com o Cosmos e com a Vida.

Um impulso de renovação e um desejo de recomeço se implantam, ainda que, eternamente, a ruína, aspecto que se identifica com a fenda melancólica decorrente da vivência do tempo lacunar – o vazio existencial –, se faça presente sempre. Buscando, de certa forma, neutralizar a ausência de sentido da própria vida, a ação de José Maria no espaço – retorno à terra natal, Pouso Triste –, se mescla ao movimento no tempo, em termos da “busca de um tempo perdido”, numa evocação proustiana. A memória pessoal faz a constatação de que, ao longo de todos esses anos no Rio de Janeiro, sua vida se apresenta monótona, medíocre, sem objetivo – um tempo perdido –, em última análise, o que agora é dolorosamente avaliado. O entrecruzamento e a interpenetração da memória com a melancolia assumem importância capital no conto em análise. Indiscutivelmente, há um elo muito forte entre tempo e/ou memória e melancolia. Sobre essa relação, Gilles Barbedette (1987, p. 19) faz afirmações conclusivas segundo as quais “[...] não há melancolia sem memória, nem memória sem melancolia”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup>“Il n’y a pas de mélancolie sans mémoire et pas de mémoire sans mélancolie”.

Enfim, é a partir da reflexão da qual provém o sentimento de inutilidade da própria vida no Rio de Janeiro que José Maria passa a alimentar o desejo de regresso ao momento que foi congelado e retido na experiência de prazer vivida na adolescência e tornada indelével pela memória. Assim, ele busca fazer o retorno para o não menos mítico Pouso Triste, vilarejo incrustado no interior mineiro, na ilusão esperançosa de poder experimentar a aura do prazer e da liberdade da adolescência distante. A “viagem” e os “seios de Duília” são signos que assumem indubitável importância, conclusão a que se chega a partir da observação de suas presenças também no título da narrativa. Com efeito, a viagem a Pouso Triste em busca de Duília e, em especial, o desejo de retomada do evento em que ganham realce os seios brancos, são pilares sustentadores do enredo. Como se vê, esses elementos apresentam-se como componentes importantes que também se entrecruzam nas representações da singularidade melancólica de José Maria.

Por outro lado, não se perca de vista que, muito mais do que Pouso Triste e até mesmo Duília, interessa a José Maria, sobretudo, o reencontro com o tempo da juventude. Focando as duas categorias (tempo e espaço) e sua relação com a memória e levando em conta elaborações de Kant, no que concerne ao entrelaçamento da nostalgia mais com o tempo do que com o lugar, Julia Kristeva termina por também tecer oportunas considerações. A princípio, convém se observar que a saudade, a nostalgia e a melancolia, cada uma com as próprias especificidades, são categorias que estabelecem relações decisivas com o tempo, com a memória. A citação de Kristeva é extensa, mas o texto se constitui de reflexões esclarecedoras:

Nos lembremos de que a ideia de encarar a depressão como dependente em relação a um *tempo* mais do que a um *lugar* cabe a Kant. Refletindo sobre essa variante específica da depressão, que é a nostalgia, Kant afirma que o nostálgico não deseja o lugar da sua juventude, mas sua própria juventude, que o seu desejo está à busca do *tempo* e não da *coisa* a ser reencontrada. A noção freudiana de *objeto psíquico*, ao qual estaria fixado o depressivo, participa da mesma concepção – o objeto psíquico é um fato de memória, pertence ao tempo perdido “à moda de Proust”. É uma construção subjetiva, e como tal, depende de uma memória, certamente inapreensível e refeita em cada verbalização atual, mas que, de repente, se instala, não num espaço físico, mas no espaço imaginário e simbólico do aparelho psíquico (KRISTEVA, 1989, p.61-62) (Grifos da autora).

O protagonista segue os roteiros e os esboços de uma geografia intimista e irmanada com um resgate tempo-espacial em que vicejam mapas e percursos de imaginação e de sonhos. O trajeto vem a ser uma viagem que se norteia, sobretudo, por um desejo de retorno a

casa, aos lugares das emoções primeiras e protetoras de um tempo-espço de origem, fundamental, portanto. A investida de José Maria incorpora como norte o devaneio e não podia, logicamente, obedecer a traçados lineares e cronológicos, uma vez que no trilhar de um roteiro como esse,

[...] as condições reais já não são determinantes. Com a poesia a imaginação coloca-se na margem em que precisamente a função do irreal vem arrebatando ou inquietar – sempre despertar – o ser adormecido nos seus automatismos. O mais insidioso dos automatismos, o automatismo da linguagem, deixa de funcionar quando penetramos nos domínios da sublimação pura. (BACHELARD, 1988, p. 18).

O percurso através do espaço se realizaria paralelamente à travessia de caráter filosófico; a marcha do mundo exterior – urbano – em direção ao mundo interior – rural, identifica-se com a proposta existencial de José Maria, que faz um caminho iniciado na exterioridade das aparências e segue em direção ao desejo de mergulho no mais recôndito de sua interioridade, em busca da identidade perdida. Não se trata de itinerâncias espaciais e, sim, de roteiros emocionais, atemporais e não espaciais, portanto.

Ante o intuito de análise de possíveis atrofias que teriam permeado a trajetória do protagonista, uma delas residiria na sua relação com o espaço urbano. Bachelard refere-se à “[...] toponálise que seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima. [...]”. Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo” (BACHELARD, 1988, p. 28). Ao longo da caminhada no Rio de Janeiro, gradativamente, vão-se apagando em José Maria o deslumbramento e a ligação afetiva com aquela cidade, o que vai fazendo emergir um sentimento de saudade diretamente relacionado com um tempo passado que se articula também com suas vivências primeiras naquela cidade.

Hoje tudo contribui para a desidentificação e para o desenho de uma saudade interior que se articula com uma inquietação não totalmente nomeada, não totalmente qualificada. Trata-se de um lamento diante de um tempo-espço já passado, do qual provém um sentimento de saudade irmanado com os vazios e dissoluções do agora. O vazio e a falta se relacionam com limites inerentes à atitude contemplativa, a qual se posta em lugar da experimentação e vivência plenas da instância tempo-espacial, quando ela se constituía como tempo presente. Hoje, aquele presente vivido superficialmente é o passado do qual provém o sentimento de perda, elemento muito caro ao afeto melancólico.

Assim, o presente é o tempo, por excelência, da lacuna e do descompasso ante uma época que passou e da qual restam agora pendências e débitos identificados com uma saudade sofrida, ante o que não foi vivido, não foi experimentado com intensidade. Esses aspectos caracterizam a singular e melancólica relação de José Maria com o tempo-espaço do Rio de Janeiro: “Debruçado à janela, José Maria olhava para a cidade embaixo e achava a vida triste” (p. 35).

A visão do funcionário público sobre a capital carioca foi se tornando a do estrangeiro na própria pátria, já que ele não conseguiu acompanhar o presente e a metamorfose da cidade que vive um crescimento e uma transformação que o incomodam: “Da velha cidade que restava? Onde o Rio de outrora? As casas rentes ao solo, os pregões, o peixeiro à porta?” (p. 42). Diante do crescimento urbano, ele se impõe um indisfarçável enclausuramento, e a relação com a cidade reduz-se ao diminuto percurso diário – residência em Santa Teresa *versus* Ministério, centro da cidade. Não por acaso, ele mora nesse bairro próximo ao centro, reduto da cidade antiga e que não se renova como espaço urbano, com sua rede de implicações. A percepção pálida e apoucada da vida se identifica não apenas com a leitura limitada e desgastada dos signos citadinos e a utilização restrita da morfologia urbana, mas também com as cores desbotadas com que seu olhar visualiza a cidade como um todo.

Hoje, convém chamar a atenção para as evidências segundo as quais os estímulos do meio exterior e do momento atual não são suficientemente capazes de mobilizar o aposentado. Ao contrário, o rompimento com a rotina e com um trabalho desprovido de maiores criatividade, longe de ser uma oportunidade de adesão a qualquer outro tipo de projeto, só faz acentuar os sentidos de vazio, apatia e ruína.

Antes de tudo, não se pode perder de vista que, bem mais do que com o Rio de Janeiro, é na relação com a própria vida que se pode observar melhor a condição melancólica da personagem. Nesse sentido, na situação em tela, ele experimenta a saudade de um tempo pretérito, vivido na Capital federal, como foi apontado anteriormente. A melancolia instaura nesse sujeito o ar de alheamento, a inação, a absorção constante, o mergulho diuturno em si mesmo, o isolamento social – atitudes e comportamentos que o levam a uma postura de ruminação constante perante os fatos, a vida, o mundo. Esboça-se a acedia<sup>8</sup>. Benjamin lembra que Saturno torna os homens “[...] apáticos, indecisos, vagarosos” (BENJAMIN, 1984, p. 178). Enfim, delineiam-se traços paralisantes, tudo indiciando a força da bile negra que atua, sobremaneira, na constituição do melancólico. Marsile Ficin alerta que, além da tão

---

<sup>8</sup> Termo medieval com que se designava a melancolia.

invocada causa astrológica e celestial – atuação de Mercúrio e Saturno sobre o melancólico –, duas outras razões também se instalam na estruturação e na caracterização da tristeza dos intelectuais – a natural e a humana. Focaliza-se aqui a causa natural, diretamente relacionada com a bile negra. Segundo o teórico,

[...] a bile negra não cessa de chamar a alma à coesão, à imobilização, à contemplação. E semelhante [...] ao centro do mundo, ela a impele a procurar o centro das coisas singulares; ela a eleva até a compreensão das coisas mais altas, do mesmo modo que ela está de acordo plenamente com Saturno, o mais alto dos planetas. Em sentido inverso, concentrando-se nela própria e se comprimindo (ou se dominando) por assim dizer, a contemplação assume uma natureza muito semelhante à bile negra.<sup>9</sup> (FICIN, 1987, p. 33).

A inseparável fragilidade e a incisiva inibição desencadeiam a misantropia da qual o aposentado se ressent, como fica evidente no momento do balanço de vida e da reflexão sobre a necessidade de estabelecimento de novos vínculos sociais, iniciativa de que vai resultar mais um insucesso: “[...] Mais do que nunca, sentiu José Maria naquela noite a solidão da casa. Não tinha amigos, não tinha mulher nem amante” (p. 38). Não consegue se aproximar das pessoas, pois a timidez cria constrangimentos, e ele se acha incapaz de se tornar agradável, de seduzir o Outro: como chegar “[...] às principais beldades do bairro. Como dialogar com elas?” (p. 40).

O desalinho da relação tempo-espacial pode ser observado também na perplexidade experimentada ante as transformações do mundo – todo –, por meio do olhar sobre o crescimento do Rio de Janeiro – parte – e da singular interação do sujeito em foco com essa cidade, Capital Federal naquele momento: “a cada arranha-céu que subia – eles sobem a todo momento – a cidade calma de José Maria ia-se desmanchando” (p. 42).

Observando-se o protagonista, pode-se afirmar que o pasmo e a não adesão ao presente, como também sua não imersão significativa nessa instância temporal, desencadeiam a precariedade e/ou inexistência de uma sequencialidade das experiências. Tal interrupção e paralisia geram certo sentimento de não continuidade integrativa do vivido, do experimentado, falta que faz com que, num momento futuro, o período anterior, vivenciado a partir de certo imobilismo e sem a imersão necessária, venha a ser saudosamente lembrado.

---

<sup>9</sup>« Ainsi la bile noire ne cesse-t-elle d'appeler l'âme à la cohésion, à l'immobilisation, à la contemplation. Et semblable elle-même au centre du monde, elle la pousse à rechercher le centre des choses singulières; elle l'élève jusqu'à la compréhension des choses les plus hautes, d'autant qu'elle s'accorde pleinement avec Saturne, la plus haute des planètes. Inversement, en se recueillant constamment en elle-même et en se comprimant pour ainsi dire, la contemplation acquiert une nature fort semblable à la bile noire ».

Instaura-se certo descompasso temporal e existencial, o que desencadeia “uma espécie de saudade interior” e a nostalgia do não vivido. Referindo-se ao poeta Augusto dos Anjos e à sua produção lírica, José Villaça faz afirmações que se aproximariam de traços psicológicos com que se busca aqui caracterizar José Maria. Afirma o crítico: “[...] uma das maiores preocupações subjacentes à extraordinária poética de Augusto dos Anjos é a de algo perdido no passado do homem, uma ruptura, a falta de unidade [...], uma espécie de saudade interior” (VILLAÇA, 1994, p. 14).

Entre as debilidades de José Maria, ocupa espaço a tenuidade dos próprios desejos. A realização e/ou experimentação do desejo aconteceriam de modo superficial e inconsistente, precariedade esta que só faz intensificar os sentimentos relacionados com a inexistência de certa realização pessoal. Essa ausência desencadeia uma incorrigível e generalizada perplexidade, sentimento que se robustece diante da constatação do vazio da vida e do mundo e do acirramento do sentimento de culpa. O sentido de falta é dolorosamente observado pelo funcionário público também a partir das reflexões e constatações voltadas para seus descompassos e desencontros ante as vivências, experiências e interações com o tempo, como foi apontado. As noções de “perda” e de “falta” serão examinadas mais adiante.

Freud foi quem primeiro tematizou as noções de “luto” e de “melancolia”, abordagem que se apresenta como referência e ponto de partida para o estudo do afeto melancólico. Enfim, delineiam-se profundos sentimentos de perda e de falta cujas origens e razões não são totalmente identificadas, esclarecidas, nomeadas. Tudo desemboca numa leitura avaliativa carregada de dor moral e de sentimento de baixa autoestima, queda que se irmana, ou melhor, decorre da culpa. A baixa autoestima se corporificaria a partir da inexistência da categoria há pouco apontada, isto é, a segurança e a tranquilidade oriundas de algum tipo de realização pessoal, sentimento compensador que decorreria do sucesso da obstinada investida no desejo. Nesse sentido, articulam-se falta, perda, desejo, culpa e baixa autoestima. As perdas e as faltas fazem parte da vida humana e buscar superá-las costuma ser um exercício do desejo, como apontam as reflexões de Antonio Quinet (1999, p. 93):

[...] é evidente que o sujeito será sempre confrontado com perdas em toda sua vida e aí aparecerá a dor da falta. Qual é a arma que o sujeito tem para dar conta dessa falta? O desejo, que é a manifestação da falta em outra vertente. Mas quando o sujeito cede de seu desejo a falta se transforma em falta moral, e o que advém para ele é a culpa.

A culpa desencadeia a diminuição ou a precarização da autoestima, sentimento que se manifesta em autocensuras, autoacusações. Não se perca de vista o caráter de rigidez com que

o superego, também no caso do protagonista em estudo, incidiria, observaria, mensuraria e, sobretudo, julgaria o ego. No clube recreativo, José Maria foi apresentado, pelo colega de trabalho Lulu – típico *bon vivant* carioca –, “[...] bom atleta e péssimo funcionário, às principais beldades do bairro, como velho servidor do Estado. [José Maria] tentou manter conversa, não conseguiu. Parecia-lhe que zombavam dele. Se algumas moças lhe dirigiam a palavra, era como se lhe atirassem esmola. Acabou a noite só e triste, agarrado ao seu copo de uísque [...] Quase nunca provava essa bebida, achava-a até ruim. Como fazia parte do rito social, não custava virar o copo. Deixou o Lulu com as moças, e saiu fazendo careta. Velho servidor do Estado...” (p. 40).

Realçando o caráter de perda e de falta e a força do sentimento de culpa, cuja atuação desencadeia o empobrecimento do ego, no texto “Luto e melancolia”, Freud explicita que “[...] a diminuição dos sentimentos de auto-estima [pode chegar] a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-evilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (FREUD, [1917]1987, p. 250). Há uma falta, enfim, uma lacuna não totalmente identificada, não totalmente qualificada, não totalmente nomeada da qual brotaria o sofrimento. A ênfase na imprecisão em caracterizar a profunda dor que aqui se discute é reforçada por Freud que, inclusive, aponta diferenciações entre ela e o incômodo desalinho provocado pelo luto:

[...] verificamos que a inibição e a perda de interesse são plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego está absorvido. [...] A diferença consiste em que a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente. [...] No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego (FREUD, [1917]1987, p. 251).

Na melancolia, haveria uma carência existencial de que resulta o sofrimento. Sobre tal ausência, também Antonio Quinet (1999, p. 136) se pronuncia, descrevendo-a como uma “[...] dor profunda, o que Lacan nomeará de *dor de existir* – tristeza profunda, abatimento moral, abulia, perda de desejo” –, a dor moral da melancolia, em última instância. Discutindo as noções de “perda” e de “falta”, relacionando-as, respectivamente, com a nostalgia e com a melancolia, Chico Viana aponta importantes diferenciações:

[...] enquanto a nostalgia decorre de uma perda, a melancolia deriva de uma falta. Corresponde a uma espécie de lacuna no ser. O que orienta o desejo humano é a capacidade de tratar essa falta como perda, criando a partir disso

a possibilidade de um reencontro. O que nos falta está perdido para sempre; o que perdemos, não. (VIANA, 2004, p. 22).

Ainda no referente à caracterização da nostalgia e da melancolia e às diferenciações que as individualizam, Viana continua trazendo contribuições oportunas. Normalmente as duas expressões são empregadas como sinônimas, mas o crítico faz afirmações esclarecedoras: “[...] a melancolia difere da nostalgia por decorrer de uma perda ideal, proveniente menos do vivido que do imaginado. É antes a saudade do que não se teve, sendo a nostalgia a saudade do que se teve. Assim, a nostalgia é histórica; a melancolia é mítica. [...] Freud acentua o quanto há nela de fantasioso e mítico” (VIANA, 2004, p. 22).

Em José Maria, o caráter de fragilidade comparece, principalmente, na tentativa de construção de novas experiências, tenuidade de que resultam as tímidas relações sociais com que o protagonista se envolve e o sentimento de culpa diante do fracasso dessas investidas; a precariedade das vivências impossibilitaria ou impediria a presença de sólidos encadeamentos e sequencialidades de experiências e de contatos sociais enriquecedores: como chegar “às principais beldades do bairro. Como dialogar com elas? Não conhecia futebol nem equitação, não sabia jogar baralho, não guardava nome de artistas de cinema, ignorava os escândalos da sociedade” (p. 40).

Agora, com todo o tempo do mundo a seu dispor, José Maria permite-se ficar bem mais à janela, observando a paisagem, interessada e demoradamente. Passa a ver a natureza de forma diferente; contempla a Baía de Guanabara e nela descobre ilhas, ilhotas, recantos nunca percebidos, reentrâncias das praias, montanhas, o vai e vem das águas, as nuvens, o efeito das transformações da luz no céu e sobre as águas, enfim, começa a sentir a explosão de vitalidade da natureza. O aspecto vigoroso do mundo natural vai transportando-o a um universo conhecido – seu espaço, seu mundo campestre. Pouco a pouco, os contornos arredondados das montanhas começam a impulsionar fantasias que cavoucam reminiscências fugazes, roçando suavemente a sensualidade reprimida. As sensações fugidias vão se cristalizando e o prazer da contemplação das formas sinuosas das colinas vai apagando as lembranças negativas vindas à tona recentemente.

A percepção metonímica, tão próxima das fortuitas experiências prazerosas, com a qual seu olhar sempre recortou e continua a recortar a cidade e as pessoas, – o Outro –, direciona-se, agora, para sensações de prazer, o que vai alimentando a fruição fetichizada que seu imaginário está redescobrando. O elemento da natureza que está preenchendo, agora, o universo particular da personagem vem a se constituir um fetiche, a princípio, dotado de

feição lúdica e apresentado como decorrência de devaneios voyeurísticos. Posteriormente, o objeto natural vai ganhando contornos mais definidos e, nesse sentido, uma figura feminina passa a assumir espaços mais nítidos na imaginação do ex-funcionário – as curvas das colinas, num claro processo de deslocamento, fazem lembrar os seios de Duília, a mulher arrebatadora que marcou a adolescência daquele garoto tímido: “Era o afloramento súbito da namorada, seus seios reluzindo na memória como duas gemas no fundo d’água” (p. 41). Duília, eis aí, definitivamente, o ser que concentra e acumula o universo de José Maria.

Por outro lado, não se pode perder de vista o caráter intransitivo com que se apresenta a inquietação de José Maria, uma vez que sua saudade e nostalgia ultrapassam a geografia física de Minas Gerais, espaço do qual faz parte principalmente Duília. Esses elementos se apresentam como componentes da esfera do mundo objetivo e, como tal, são identificados, nomeados. Na verdade, José Maria estaria exposto a uma saudade interior cujas razões e caracterizações escapariam de uma percepção imediata, concreta, relacionada e identificada com objetos do mundo referente. A melancolia guarda relações muito próximas com aspectos de idealização. Já foi apontado o quanto há de idealização no afeto melancólico.

Em termos da relação de José Maria e Duília, seria plausível observar-se quanto há também de fantasioso, idealizado e mítico nesse relacionamento. Observa-se que, bem mais que as lembranças do que foi vivido, são as imaginações que alimentam as motivações do protagonista. É como se o que está sendo revivido na saudade fossem antes as esperanças, os sonhos, os desejos, ou seja, em José Maria, as idealizações ocupariam bem mais espaço que as recordações oriundas do que realmente constitui os fatos da história pessoal. Ele estaria vivendo, por assim dizer, a saudade do que não foi efetivamente experimentado.

Um fetiche surgido a partir da observação distraída de partes da paisagem escava e faz eclodir outro fetiche, que se caracteriza por ser a experiência distante, mas radical de um adolescente que mirou e experimentou um rápido prazer voyeurístico, verdadeiro estado de êxtase, gozo possibilitado pela contemplação de partes do corpo de uma mulher. A percepção metonímica – seios fortuitos, arredios, sedutores, deslumbrantes – que aquele olhar ávido captou e registrou para sempre, tornou-se o objeto de desejo que volta a fazer pulsar sua vida. Retomando a imagem bachelardiana, percebemos que o momento vivencial de José Maria propicia que sua imaginação corra livremente e mergulhe na memória, ambas trabalhando, associada e profundamente, com o objetivo de fazer com que aquela lembrança passageira se concretize nas imagens de bem-estar e prazer possíveis de ser, novamente, desfrutadas. Na

fruição desta cena, que o imaginário do rapazinho tornou indelével, está a matriz do voyeurismo e do fetichismo, importantes componentes de sua personalidade e identidade.

Assim, no Rio de Janeiro de hoje, só lhe faz bem voltar ao passado, por meio da contemplação fetichista e voyeurística da paisagem que lhe possibilita visualizar “[...] os dois focos luminosos [...] ora se acendendo, ora se apagando” (p. 42). O jogo sensorial e fantasioso que se estabelece a partir da observação da natureza cintilante reafirma citações bachelardianas de que é no “[...] plano do devaneio e não no plano dos fatos, que a infância permanece em nós viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente, preservamos a poesia do passado” (BACHELARD, 1988, p. 35). José Maria resolve retomar o tempo-espaço do passado – lúdico, juvenil, de poesia e de devaneio, só possível ao lado de Duília. Decide partir, desejoso de novamente fruir o alumbramento de uma experiência mágica e resplandecente que, como se sabe, seu imaginário tornou indelével. Resolve voltar às origens, em busca da identidade afetiva interrompida com a vinda para a metrópole e, mais do que isso, volta em busca do adolescente cheio de vitalidade que ficou no lugarejo distante.

A viagem vem a ser a tentativa de busca de um encadeamento existencial e de uma sequência de sentidos para sua vida. Esse evento representaria o desejo de busca da base para o reerguimento da inteireza por ser construída, ou seja, a viagem representaria a possibilidade de nascedouro e/ou de retomada de uma completude em vias de esfacelamento definitivo. Nessa perspectiva, é como se o tempo e o espaço se irmanassem com energias inerentes a viagens que se comprometeriam com tais intuítos de recomeço. Enfim, a razão do deslocamento seria “[...] para se voltar ao ponto anterior à partida, onde tudo é passível de ressignificação. Viaja-se para plurissignificar o que se é” (SANTOS, 2000, p. 59).

Na verdade, o retorno ao universo original representa, na trajetória existencial de José Maria, um mergulho na fantástica e dramática utopia de querer reverter o fluxo ininterrupto do tempo, o que talvez ilusoriamente possibilitaria que ele reescrevesse a própria história, como se ela pudesse retroceder. Resolve, assim, iniciar uma peregrinação amorosa mesclada de ilusões, na verdade, um grande equívoco. Almir de Campos Bruneti, que analisa a trajetória de José Maria numa perspectiva mitológica, afirma que “[...] com a partida do Rio começa a descida aos Infernos” (BRUNETTI, 1978, p. 13), ou seja, metaforicamente, o crítico realça o caráter de derrocada com que se qualifica a partida de José Maria do Rio de Janeiro em busca do passado.

José Maria fuge do mundo que o rodeia, mas, a cada instante, é confrontado com signos que indiciam transformações, quer os relacionados com o progresso material, quer os ligados

à própria ordem natural da vida. O trem de luxo, as estradas novas, os caminhões e os ônibus, as chaminés de uma fábrica de cimento, os fornos de uma siderúrgica são índices de progresso que desencadeiam sentimentos de perplexidade e de melancolia. A inadaptação à realidade objetiva – terreno árido para o sonho – assim como a não aceitação das evidências da passagem do tempo, vão ocupando contornos cada vez mais nítidos no viajante. Em Belo Horizonte, preferiu recolher-se ao quarto do hotel a ver a cidade que também cresceu, optando por uma saída que não “viesse aumentar-lhe a sensação de envelhecimento pessoal” (p. 44). A partir desse momento, a trajetória do protagonista mergulha, cada vez mais, em territórios de ambiguidade entre ilusão e vigília. Segundo Elza Miné (1984, p.11), “[...] as personagens anibalianas pelo sonho, ingenuamente contestam um mundo racional e mistificador que não abre espaço para o imaginário e a sensibilidade”.

Coerentemente com a abordagem simbólica acima referida, o texto explora, em profundidade, o signo linguístico em todas as potencialidades expressionais, elegendo, além da já analisada percepção metonímica ligada ao deslocamento, o discurso metafórico, voltado para a condensação, por meio de imagens predominantemente visuais, o que, aliás, segundo Elza Miné (1984, p. 11) é uma característica do autor, pois

[...] marcam a escrita de Aníbal Machado um mineiro e vagaroso caminhar por entre as palavras e uma perfeccionista e medida escolha. Também um aguçar da percepção visual a recuperar-se em metáforas de luz e cor, em contrastes de sombra e irradiação que acusam, por vezes, preocupação um tanto excessiva com o torneio frasal.

As metáforas visuais aparecem ao longo do conto como indícios imagéticos de que se vale o narrador para expressar os estados oníricos e psicológicos da personagem. Encontram-se expressões de claridade, denunciadoras de satisfação e de esperança, bem como expressões sombrias, relacionadas a pressentimentos de destruição. As metáforas constituem também os recursos linguísticos com os quais o autor esboça a tenuidade dos limites entre realidade e imaginação.

A percepção da metáfora como elemento de condensação é analisada por M. Cavalcanti Proença que afirma sobre o conto: “[...] a luminosa viagem aos seios de Duília é um caminhar para o nascente” (PROENÇA, 1972, p. xxxiii). Essas imagens tornam-se recorrentes e assumem caráter matricial em função da abrangência semântica que elas incorporam ao longo do texto, o que é confirmado pelo crítico: “[...] quando dissemos a ‘luminosa’ viagem aos seios de Duília, tínhamos em pensamento a acumulação de imagens relativas à luz e seus opostos (escuridão, trevas, noite). Assim, o conto se estrutura em torno da luz e de seus

contrários e “poderia chamar-se em busca da ‘adolescência perdida’ (PROENÇA, 1972, p. xxxiv). O discurso metafórico caminha, passo a passo, com o roteiro que levaria o protagonista, ilusoriamente, ao encontro do mundo do nascente, cujas trilhas estão sendo seguidas. Lá está a definitiva “fonte de claridade” (p. 48) da vida de José Maria.

O tão desejado momento se aproxima e a ansiedade cresce. José Maria dirige-se à escola rural, em cuja fachada havia o letreiro grafado com sinais desbotados. A sala de espera da casinha se apresenta decorada com “gravuras de santos enfeitados de flores de papel” (p. 52). O local de funções múltiplas – escola, residência e chiqueiro – é o espaço real em que vive a professora Dona Dudu. A identificação nominal desfigurada, prenúncio de uma metamorfose destrutiva, causa-lhe choque e pasmo.

José Maria bate à porta e é atendido por uma senhora muito pálida, em chinelos, e ele gagueja: “Eu queria falar com Duília... Dona Duília...” (p. 52). Ela o recebe, depois “pediu licença, deixou a sala. Momentos depois, voltou mais arrumada. Seus cabelos eram grisalhos, a voz meio rouca, o sorriso simpático, apesar de exibir os dentes cariados. Ainda não tinha sessenta anos, e aparentava mais” (p. 52). E José Maria não pode mais escapar da realidade: quando as crianças chamam Dona Dudu, ele, definitivamente, admite que a mulher com quem está conversando é sua Duília. Nada faz lembrar “o santuário de Duília” (p. 50), o templo de luminosidade em que vive a deusa de seus pensamentos.

Gradualmente, ele se identifica e vai relatando o porquê de estar ali. A mulher abre os olhos com curiosidade, escuta atentamente a narração-descritiva do gesto por ela praticado e, ao reconhecer naquele homem, o rapazinho com quem vivera aquele momento de deslumbramento, volta a viver um rápido instante de juventude, expresso na claridade do seu rosto. Depois de encará-lo longamente, abaixa a cabeça e enrubesce, “com quarenta anos de atraso” (p. 53). Também ela mergulha no passado distante, mas, numa evidência de que consegue elaborar melhor as transformações, abandona o devaneio e adverte José Maria sobre a inutilidade de sua ação: “Tudo aqui envelheceu tanto! Disse, erguendo a cabeça. Que veio fazer neste fim de mundo, seu José Maria?” (p. 53). José Maria fixa o olhar nos seios, local do inolvidável acontecimento e os vê murchos e caídos. Ela, distanciando-se mais do momento de enlevo, novamente o adverte desta vez sobre a imprudência da atitude de “voltar ao lugar das primeiras ilusões, viajar tão longe para se encontrar com uma sombra!” (p. 54).

Mas, repentinamente, a raiva opera transformações nas próprias feições e José Maria sente vontade de espancar aquela mulher, “destruir aquele corpo que ousava ter sido o de Duília [...] desse corpo de que só vira um trecho, num relâmpago de esplendor” (p. 54). Num

nítido processo de espelhamento, ele nega a Duília de hoje, a Dona Dudu, projetando nela a rejeição ao José Maria atual, aposentado, solitário, fragmentado e sem identidade, em especial, a afetiva. Não aceitando o envelhecimento de Duília, nem o próprio, evidencia-se o bloqueio de José Maria diante das transformações em geral, assim como fica patente sua dificuldade em lidar com aspectos relacionados com a metamorfose temporal na vida humana.

Tentando voltar à realidade, a professora pergunta-lhe, calmamente, se vai retornar para o Rio. A voz musical da mulher, presença viva da doce Duília do passado, emociona-o e ele baixa o rosto, começando a soluçar. Ela, compassiva e, ao mesmo tempo, surpresa com o próprio gesto, acaricia-lhe a mão, buscando consolá-lo: “Por longo tempo, as duas mãos enrugadas se aqueceram uma na outra. Mudos, transidos de emoção, ambos cerraram os olhos. Duas sombras dentro da sala triste...” (p. 55).

Acareado mais uma vez com a realidade, agora de modo mais contundente, José Maria pensa em ficar ali, ao lado daquela mulher “que se dizia Duília, espectro da outra” (p. 54). O tempo não lhe permite mais entregar-se a sonhos: “[...] já não tinha mais tempo para criar novas ilusões [...] nada mais a esperar. Ficaria por ali mesmo”. (p. 54). Numa imagem kafkiana, ele estacionaria “naquele buraco” (p. 54), preso aos fragmentos de um passado do qual poderia ter brotado um mundo de plenitude e de sonho, com o qual imaginou poder voltar a conviver.

O conto cala a voz do narrador, que agora se limita a colocar para o leitor, entre aspas, o texto da reflexão de José Maria sobre a falta de sentido de sua empreitada: “Sim, é verdade, pensou o homem, não devia ter vindo. O melhor de seu passado não estava ali, estava dentro dele. A distância alimenta o sonho. Enganara-se” (p. 54). A reflexão de José Maria identifica-se com a imagem bachelardiana segundo a qual “[...] sempre haverá mais coisas num cofre fechado do que num cofre aberto. A verificação faz as imagens morrerem. Imaginar será sempre maior que viver” (BACHELARD, 1988, p. 100).

De repente, opera-se uma transformação em José Maria; já que não mais podia sonhar, ele prefere rejeitar, pela última vez, o pouco que a realidade lhe oferecia, não aceitando os possíveis fragmentos de afetividade ali disponibilizados: “o homem não se conteve. Ergueu-se, saiu precipitadamente. A professora correu atrás: José Maria, Senhor José Maria!... [...] Os moradores se alvoroçaram [...] e já se preparavam para perseguir o intruso, munindo-se de pedras e pedaços de pau. Mas o desconhecido desapareceu na escuridão” (p. 55).

José Maria! A despeito da indiscutível singularidade, mais uma personagem anibaliana cuja trajetória remete a desfechos constituídos de cenas inusitadas, tocantes, espetaculares e

desencadeadoras de paralisantes perplexidades. Também o funcionário público é arremessado, sem defesa, aos recônditos do desvario. Nesse momento, não mais fantasias e devaneios compõem o espetáculo com que se defrontaria o leitor. Agora ele se queda diante do quadro delirante, alucinado e permeado de certo caráter punitivo em que mergulha José Maria, melancólica e especial criatura desse especial contista mineiro/carioca.

## REFERÊNCIAS:

ADONIAS FILHO. Aníbal Machado. In: \_\_\_\_\_. **O romance brasileiro de 30**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969. p. 109-115 (Coleção Pesquisa).

ARAÚJO, Jorge de Souza. Conceito e identidade do herói em Aníbal Machado. In: GARCIA, Angela Silveira Dias et al. **Estudos de Literatura Brasileira – 1**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Departamento de Letras Vernáculas/Setor de Literatura Brasileira, 1985. p. 47-56.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Padua Damesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARBEDETTE, Gilles. Une question de rate. **Le Magazine Littéraire: Litterature et Mélancolie**, Paris, n. 244, p.19-21, juil./août 1987.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRUNETI, Almir Campos. Orfeu em Minas Gerais: uma interpretação de “Viagem aos seios de Duília”, de Aníbal Machado. **Cultura**, Brasília, v. 8, n. 29, p. 10-16, abr./jun.1978.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil**. São Paulo: IBEP, [19--].

FICIN, Marsile. La mélancolie des intellectuels. **Le Magazine Littéraire: Litterature et Mélancolie**, Paris, n. 244, p.32-34, juil./août 1987.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia [1917]. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Tradução de Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIV, p. 243-263.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MACHADO, Aníbal M. O homem alto. In: \_\_\_\_\_. **A morte da porta-estandarte e outras histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 113-131.

\_\_\_\_\_. Viagem aos seios de Duília. In: \_\_\_\_\_. **A morte da porta-estandarte e outras histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p. 35-55.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. Realidade e fantasia em itinerâncias tempo-espaciais: uma leitura bachelardiana em Aníbal Machado. In: VII SEMANA DE LETRAS E ARTES, 7.,

1996, Viçosa, MG. **Anais...** : Tradição e modernidade na era da globalização. Viçosa, MG: UFV, 1996. p. 27-34.

MINÉ, Elza. Um vigoroso agente da modernidade. **Minas Gerais: Suplemento Literário**, ano 19, v. 1, n. 904, p. 11, 28 jan.1984. Edição especial dedicada a Aníbal Machado. Organizada por Lúcia Machado de Almeida.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Introdução: Os balões cativos. In: MACHADO, Aníbal M. **A morte da porta-estandarte e outras histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro, 1972, p. xix-xli.

QUINET, Antonio. A clínica do sujeito na depressão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999, p. 123-151.

QUINET, Antonio. Atualidade da depressão e a dor de existir. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Extravios do desejo: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999. p. 87-94.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Édipo e anjo**: itinerários freudianos em Walter Benjamin. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. **A estética da melancolia em Clarice Lispector**. Florianópolis: UFSC, 2000.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

VIANA, Chico [Francisco José Gomes Correia]. **O evangelho da podridão**: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos. João Pessoa: UFPB, 1994.

VIANA, Chico [Francisco José Gomes Correia]. Melancolia: sentido e forma. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O rosto escuro de Narciso**: ensaios sobre literatura e melancolia. João Pessoa: Ideia, 2004, p. 11-52.

VILLAÇA, Antonio Carlos. “Juventude, divino tesouro”. Apresentação. In: VIANA, Chico [Francisco José Gomes Correia]. **O evangelho da podridão**: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos. João Pessoa: UFPB, 1994. p. 13-15.

ZERAFFA, Michel. **Personne et personnage**. 2<sup>ème</sup> tir. Paris: Éditions Klincksieck, 1971 (Collection d'Esthétique).

Recebido em: 20 de setembro de 2016.

Aceito em: 30 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## Indícios para uma sócio-história linguística do Português Popular Brasileiro a partir de cartas do Semiárido Baiano

### Evidence for a linguistic socio-history of Brazilian Popular Portuguese from letters from the Semi-Arid of Bahia

Huda da Silva Santiago<sup>1</sup>  
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro<sup>2</sup>

#### RESUMO:

O objetivo deste estudo é apresentar alguns aspectos grafofônicos em cartas pessoais escritas no século XX, por sertanejos baianos, pouco escolarizados, a fim de contribuir com a busca de indícios para a construção da história social e linguística do português popular brasileiro. A transposição de marcas da oralidade para a escrita contribui, junto a outras propriedades, nesse *corpus*, para evidenciar a inabilidade de redatores em fase inicial de aquisição da escrita. Há, nas cartas das *mãos inábeis* sertanejas, alguns fenômenos grafofônicos mais gerais, que refletem variações mais comuns, presentes também nas normas cultas, como elevações de vogais médias pretônicas, postônicas e em monossílabos; apóopes, em final de verbos no infinitivo; reduções de ditongos, e ditongações. Fenômenos como esses podem não se constituir propriamente como marcas de inabilidade, mas podem ser considerados como indícios, coocorrendo junto àqueles mais raros, cuja identificação revela um grau maior de dificuldade com a escrita, como o abaixamento das vogais altas; anteriorizações e posteriorizações de vogais; rotacismos e lambdacismos; aféreses; sínopes, e próteses.

**Palavras-chave:** Sócio-história linguística; Português popular brasileiro; Cartas pessoais; Aspectos fonéticos.

#### ABSTRACT:

The aim of this study is to present some spelling and phonetics aspects in personal letters written in the 20th century by Bahians from the hinterland region, who were little schooled, in order to contribute to the search for evidence to the construction of social and linguistic history of the popular Brazilian Portuguese. The transposition of aspects from orality to writing contributes, along with other properties, to highlight the inability of writers, in the early stages of acquisition of writing. There is, in the letters of the awkward hands, some spelling and phonetic, or better, a more general phenomena that reflect the most common variations, also present in cultured norms, such as elevations of prestressed and post-stressed medial vowels, and in monosyllable words; apocope, at the end of verbs in the infinitive form; reductions of diphthongs, and diphthongations. As these phenomena may not be considered properly as evidence of disability, but it may be considered as evidence, happening along with those which are rare, whose identification reveals a greater degree of difficulty with writing, as the lowering of the high vowels; anteriorization as well as and post-collocation of vowels; rotations and lambdacisms; apocopeses; syncope, and pre-phonetics.

**Keywords:** Linguistic Socio-history; Popular Brazilian Portuguese; Personal Letters; Phonetics Aspects.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos – UEFS. Professora Substituta da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. É integrante do Projeto *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão UEFS. E-mail: [huda.santiago@hotmail.com](mailto:huda.santiago@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística – UNICAMP. Professora Plena da UEFS. Coordenadora do Projeto *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão - UEFS. E-mail: [zenaide.novais@gmail.com](mailto:zenaide.novais@gmail.com)

## Introdução

A reconstrução mais aproximada do chamado português popular brasileiro, a partir da exploração de arquivos, é uma das possibilidades que marcam os estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro, em fins do século XX e início do XXI, de acordo com Oliveira e Lobo (2012). E é essa possibilidade que motiva o interesse pelo estudo em torno das “mãos inábeis” do sertão baiano, a partir da constituição de um *corpus* que atesta a recorrência à prática da escrita por indivíduos com baixo nível de letramento, oriundos da zona rural, em uma época em que as escolas eram ausentes ou funcionavam de modo precário e o contato com as primeiras letras ocorria, geralmente, em espaços extraescolares, como a própria casa.

O *corpus* é constituído por 91 cartas pessoais, escritas durante o século XX, com uma maior quantidade correspondendo às décadas de 50, 60 e 70 do referido século. Os 43 remetentes são oriundos da zona rural de Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe e Ichu, municípios localizados no Semiárido Baiano. Essas cartas, as quais trazem em si um caráter afetivo, foram enviadas por amigos, namorados, compadres e parentes em geral, para expressar saudades, obter notícias familiares, fazer pedidos etc.<sup>3</sup>. São documentos raros, considerando-se a dificuldade de se encontrar textos que reflitam a escrita cotidiana, de especial relevância para a reconstituição sócio-histórica da língua, na medida em que esses textos podem ser mais transparentes aos usos vernáculos, segundo Barbosa (2006), ao afirmar que são o desejo de consumo do investigador.

A pouca familiaridade dos remetentes com a escrita é evidenciada em produtos gráficos que apresentam marcas de inabilidade em vários planos, como os aspectos paleográficos; os aspectos no plano da *escriptualidade*, como as irregularidades na grafia de sílabas complexas, na representação da nasalidade e na representação de dígrafos; os do plano

---

<sup>3</sup> As cartas fazem parte do banco *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), do *Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do Português Brasileiro* (CNPq. 401433/2009-9), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS-BA), um projeto filiado ao *Programa Para a História do Português* (PROHPOR) e ao *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), sob a coordenação da Profa. Dra. Zenaide Carneiro.

grafofonético, entre outros<sup>4</sup>. Para a identificação desses planos, tem-se por base os critérios estabelecidos para *corpora* de inábeis já estudados, como os definidos por Rita Marquilhas (2000), para os manuscritos portugueses, do século XVII, do arquivo da Inquisição; as cartas de comércio do século XVIII, de indivíduos pouco hábeis no Brasil colonial, documentação editada por Afrânio Barbosa (1999), e as atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia, no século XIX, localizadas e editadas por Klebson Oliveira (2006).

Neste trabalho, apresentam-se aspectos no plano da escrita fonética, com a descrição de fenômenos próprios à oralidade, cuja presença nos textos escritos contribui para evidenciar a inabilidade daqueles que estão em fase incipiente de aquisição da escrita.

#### Aspectos grafofonéticos nas cartas dos sertanejos baianos

Encontrar ocorrências de traços característicos da oralidade nos textos produzidos em uma fase da língua para a qual já existe uma norma ortográfica única pode ajudar a referendar a constatação de que os redatores tiveram pouco acesso ao processo normatizador da escola e/ou estiveram pouco expostos aos modelos do padrão gramatical e do sistema ortográfico vigente. No caso dos manuscritos dos sertanejos baianos, quando tais textos foram escritos já havia uma norma ortográfica, transformada em lei no início do século XX, em 1911, como informa Mattos e Silva (2008), e isso pode indicar que esses textos se aproximam da fala, fornecendo pistas da língua em uso. Essa relação entre a representação escrita da língua e a sua realidade oral não é simples, no entanto, Mattos e Silva (2008, p. 42), comentando sobre a ausência da normatização ortográfica do período medieval, considera que

[...] sendo a documentação escrita que permanece, e sendo essa uma representação convencional da fala, desta teremos nos documentos um reflexo que permite tirar conclusões, até certo ponto seguras, no nível fônico-mórfico, já que, não havendo então uma normatização ortográfica, a análise da variação da escrita oferece indícios para alguma percepção da voz.

No caso das “mãos inábeis”, a insegurança com o sistema de escrita faz com que os redatores incorram em desvios das formas convencionais e, em alguns casos, a variação pode

---

<sup>4</sup> Alguns desses aspectos foram descritos na dissertação de Mestrado *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012), produzida sob a orientação da Profa. Dra. Zenaide de O. Novais Carneiro e a coorientação do Prof. Dr. Klebson Oliveira.

estar refletindo processos fonéticos. Segundo Barbosa (2007, p. 484), “[...] a inabilidade de reproduzir as soluções mais fonológicas de várias convenções gráficas torna os inábeis em escrita alfabética um grupo mais que desejado pela pesquisa histórica [...]”, ao comentar sobre textos escritos a partir do século XVI, quando se passou a uma maior pressão normatizadora, em comparação ao período medieval.

Fenômenos grafofonéticos foram identificados nas produções das “mãos inábeis”, seiscentistas portuguesas, por Marquilhas (2000). A autora indica que a criatividade na aplicação dos princípios do sistema de escrita constitui um dos resultados possíveis de uma exposição ocasional a amostras ortográficas, atestando a hipótese de uma correspondência estável entre símbolos do alfabeto e segmentos consonânticos e vocálicos. Para ela, recuar a atestação de fenômenos fonológicos é o benefício mais óbvio que a linguística histórica pode retirar de fontes graficamente “cândidas” como são os documentos do século XVII. Barbosa (1999) também recolheu dados que espelham realizações próprias à fala, nas mãos pouco hábeis dos documentos coloniais. O conjunto de dados recolhidos pelo autor serve de instrumento para contraste entre os *corpora* do material de circulação oficial e particular. Oliveira (2006), ao reunir os dados produzidos pelos negros da Sociedade Protetora dos Desvalidos, mostra que, na procura da relação monogâmica entre letra e fonema, os escritores, no século XIX, apresentam os traços fônicos típicos da linguagem oral da atualidade. Nas cartas dos sertanejos baianos que compõem o *corpus* deste estudo também são percebidas marcas da oralidade como as encontradas pelos pesquisadores citados.

Constatam-se, nas cartas, alguns fenômenos mais gerais, comuns mesmo entre os mais hábeis, e outros mais raros, característicos de inábeis. Dentre os mais gerais, que refletem variações já generalizadas no português brasileiro, presentes também nas normas cultas, estão as elevações de vogais médias pretônicas, em *sigundo* por *segundo* (AHC, 54)<sup>5</sup> e *nuvidadi* por *novidade* (JMS, 66); as elevações de vogais médias postônicas, como em *saldadi* por *saudade* (AFS, 12) e *adoru* por *adoro* (JMA, 64). Em quantidade bem expressiva (1.067 dados), são as elevações das vogais médias em monossílabos, ilustradas em *lhi* por *lhe* (MC, 36) e *nu* por *no* (AFS, 2). Outros fenômenos também comuns, não muito marcados, são: as apócopies,

---

<sup>5</sup> A identificação dos dados é realizada, ao longo do texto, do seguinte modo: dentro dos parênteses, registra-se a sigla do remetente, seguida do número da carta e, após o hífen, número de ocorrências encontradas, caso haja mais de uma. A sigla do remetente e o número da carta correspondem aos que são apresentados na edição dos documentos (cf. SANTIAGO, 2012 e CARNEIRO; SANTIAGO; OLIVEIRA, 2011).

principalmente em ocorrências de apagamento do /r/<sup>6</sup> na grafia de verbos no infinitivo, como em *chora* por *chorar* (AHC, 55); as reduções de ditongos orais e nasais, em *importansa* por *importância* (AFS, 4) e *bença* por *benção* (IZA, 87), e as ditongações, em *dezejado* por *desejando* (JMS, 68) e *toudo* por *todo* (ICO, 48).

Exemplos como esses podem não se constituir propriamente como marcas de inabilidade, mas podem ser considerados como indícios, coocorrendo junto àqueles mais raros, cuja identificação em um *corpus* revela um grau maior de dificuldade com a escrita. A seguir, apresentam-se dados que ilustram fenômenos mais estigmatizados, presentes nos textos, alertando-se que uma classificação sempre implica em excitações em relação a “que rótulo se pode embalar os dados” (OLIVEIRA, 2006, p. 349), ou seja, determinados fatos da fala podem ser fatos da escrita e vice-versa.

#### Abaixamentos das vogais altas

A maior parte dos casos de abaixamento de [i], [ĩ], [u] e [ũ] ocorreram em posição pretônica (30 ocorrências). A posição tônica demonstra ser um ambiente mais resistente ao abaixamento, pois foram encontrados apenas quatro casos: *vevi* por *vivem* (JMS, 66), *veve* por *vive* (MDC, 84), *conti noi* por *continui* (FP, 79) e *apareceo* por *apareceu* (AHC, 54). Não foram identificadas ocorrências em posição postônica.

Eis os exemplos:

– abaixamento de [i] ~ [e] e [ĩ] ~ [ê] em posição pretônica: *ermãos* por *irmãos* (MC, 37); *erman* por *irmã* (MC, 37); *entiramente* por *inteiramente* (RCO, 39); *destinto* por *distinto* (SFS, 40); *destinta* por *distinta* (APS, 43); *entero* por *inteiro* (ACO, 48); *enumeras* por *inúmeras* (FPS, 47); *emternada* por *internada* (ZLS, 70); *enbu* por *imbu* (ZJS, 74); *premeiro* por *primeiro* (VAN, 86), e *dese* por *dizer* (VAN, 86).

– abaixamento de [u] ~ [o] e [ũ] ~ [õ] em posição pretônica: *corzeiro* por *cruzeiro* (AFS, 3, 4, 6, 25); *monicipi* (AFS, 6) e *monicípio* (AFS, 22-2) por *município*; *porgontar* (AFS, 13), *pregontar* (MC, 50) e *pergonta* (MC, 21; JMS, 67) por *perguntar*; *tabôa* por *tábua* (MCO, 33); *cotural* por *cultural* (MC, 36); *costoramo* por

<sup>6</sup> Assim como fizeram Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006), será utilizado /r/ para se referir à vibrante em todas as posições silábicas em que pode ocorrer. Da mesma maneira, também será usado /l/ para a lateral e /s/ para a sibilante.

*costurando* (ICO, 48); *codado* por *cuidados* (MC, 37); *loga* por *lugar* (AHC, 54); *numero* por *número* (AHC, 61); *conhada* (ZLS, 71) e *qonhada* (BMO, 91) por *cunhada*.

#### Anteriorizações e posteriorizações de vogais

As anteriorizações de vogais, fenômeno que se refere à presença de vogais anteriores em lugar da central ou das posteriores, está presente em 6 dados de [a] ~ [e]: em posição pretônica, *esmerinda* por *Almerinda* (SFS, 40-4), *trepasado* por *transpassado* (NIN, 38), e um exemplo em posição tônica, *tratemos* por *tratamos* (MCO, 33).

O fenômeno contrário, as posteriorizações, ocorre em 21 dados:

– [a] ~ [o]: *tonbem* (AFS, 8; 12-2; 13; 14; 16; 17; 22), *tombem* (AFS, 19-2, 45; VAN, 86) e *tobem* (FP, 78-2; 79) por *também*; *estommo* por *estamos* (AFS, 2), e *ofilhada* por *afilhada* (LM, 75).

– [e] ~ [o]: *porgontar* (AFS, 13) e *proguntar* (SFS, 42) por *perguntar*; *intereço* por *interesse* (ZBO, 52).

– [u] ~ [i]: *gardaloisa* por *guarda-louça* (ZSS, 53).

Há ainda um caso que ilustra uma centralização, presente apenas em *saudaçãos* por *saudações* (APS, 43), um fenômeno, portanto, pouco expressivo no *corpus*.

#### Nasalizações

São 48 ocorrências de grafias em que um fonema oral passa a nasal. Há 29 casos de nasalizações no pronome *me*: *min* (AFS, 6-4, 7-2, 9-2, 10, 11-2, 12, 13, 16, 20-2), 21-2, 22, 23, 25-2, 45-2; JMA, 65), e *mim* (AFS, 8, 25; LM, 75-2) por *me*. Em dois casos, *endinlidade* por *identidade* (ACO, 44) e *sombranseha* por *sobrancelha* (AHC, 54), o fenômeno parece ser motivado pela proximidade com a nasalização da sílaba seguinte. Os demais dados são: *vim* (AFS, 4, 6, 16, 22; ZBO, 52; ZSS, 53; AHC, 55-4; AHC, 60, 61; ZJS, 74; MDC, 84) e *vin* (FPS, 47) por *vir*; *muinta* por *muita* (DCS, 69), e *muinto* por *muito* (AFS, 1).

A desnasalização, fenômeno contrário, quando um fonema nasal passa a oral, é identificado apenas em *pasaje* por *passagem* (AHC, 55).

### Palatalizações

Dos 14 dados de palatalizações, a maior parte ocorre na grafia da palavra *família*, em que o [l] passa a [ʎ], em *família* (AFS, 8; ASC, 63-2; FP, 80; APC, 83-2); *famelha* (AML, 81), e *farmilha* (AFS, 13). Há 4 ocorrências da palavra *Brazilha* por *Brasília* (GOR, 29-4), todas saídas da mesma carta. Além dessa consoante, há exemplos também com a palatal [ɲ]: *vimhese* por *viesse* (MDC, 84) e *convenhos* por *convênios* (IZA, 87). É possível que o fato de a consoante estar próxima à vogal [i] seja a motivação para ocorrer esse fenômeno na maioria dos exemplos.

O fenômeno contrário, a despalatalização, não foi identificado. Casos como *li* por *lhe* são considerados como aspectos de aquisição de escrita, mais especificamente, irregularidades na grafia de dígrafos.

### Rotacismos e lambdacismos

O fenômeno fônico em que a lateral /l/ passa a vibrante /r/ é, segundo Oliveira (2006), fecundo na formação do português e, além de ser documentado em vários tempos históricos, caracteriza e estigmatiza a fala brasileira daqueles com pouca ou nenhuma escolarização. Nos textos dos inábeis sertanejos, esse fenômeno manifesta-se em 20 dados. Em 12 destes, ocorre em posição de coda, como em *vorto* por *volto* (AFS, 13); *armerinda* por *Almerinda* (AFS, 6-2); *Hirdebando* por *Hildebrando* (AFS, 6, 12); *peçroar* por *peçoal* (AFS, 20); *amaver* (MC, 37) e *a marvi* (AFS, 19) por *amável*; *parntação* por *plantação* (AFS, 17); *dicurpi* por *desculpe* (AFS, 45); *forgado* por *folgado* (MC, 50), e *farta* por *falta* (FP, 78). Em 7 casos, ocorre em posição de ataque simples, como em *marquirino* (AFS, 15) e *Marquirinno* (AFS, 12) por *Marcolino*; *pero* por *pelo* (AHC, 55); *farmiria* por *família* (AFS, 2); *a queri* por *aquele* (AFS, 4); *darqueri* por *daquele* (AFS, 8), e em *Aulerio* por *Aurélio* (JJO, 49), em que há uma metátese mútua entre a vibrante e a lateral. Um dado, apenas, registra o caso em ataque ramificado, em *prano* por *plano* (ASC, 63).

A passagem do /r/ a /l/, que caracteriza o fenômeno contrário, denominado lambdacismo, é visível em duas ocorrências em posição de coda: *silvido* por *servido* (NIN, 38) e *Calnero* por *Carneiro* (SFS, 42); quatro dados em posição de ataque simples: *vili* (AFS, 6, 13) e *virli* (AFS, 8) por *vire*, e *Aulerio* por *Aurélío* (JJO, 49), e dois dados em posição de ataque ramificado: *ideblando* por *Hildebrando* (GOR, 28, 29). No total, são 8 exemplos a ilustrar o fenômeno.

### Próteses

Presente em 38 ocorrências, a prótese, inserção de um fonema no início da palavra, é caracterizada no *corpus*, principalmente, pela inserção da vogal /a/. Exceção para 18 casos envolvendo a inserção do segmento *de/des/der* na palavra *prezado*. Em relação aos exemplos de inserção de /a/, incidem, na maior parte dos casos, em verbos: *alenbra* (AFS, 1) e *alembra* (NIN, 38) por *lembra*; *alenbo* (AFS, 13) e *alembro* (ACO, 44) por *lembro*; *alimbrado* (JCO, 31) e *alebrado* (AOL, 72) por *lebrado*; *alembrei* por *lembrei* (BMO, 91); *alenbanno* por *lebrando* (AFS, 24); *aperpara* por *prepara* (AFS, 14); *avoar* por *voar* (ACO, 44); *arespondir* por *respondi* (JMS, 66); *aricibi* por *recebi* (JMS, 67); *aricibido* por *recebido* (FP, 79); *arespomdido* por *respondido* (JMS, 67); *azagada* por *zangada* (FP, 79); *abasta* por *basta* (JMS, 66), e *aquexo* por *queixo* (JMS, 67-2). Os demais dados, envolvendo a inserção de /a/, são: *adepois* por *depois* (GOR, 28) e *avoio* por *voo* (ZSS, 53).

As próteses referentes à palavra *prezado* ocorrem no registro de: *depezado* (AFS, 1, 2, 6, 9, 10, 12-2, 13, 14, 20, 24; AHC, 45); *despesado* (AFS, 4, 5); *despezado* (AFS, 8, 9, 23), e *derpezado* (AFS, 7).

### Paragoges

O acréscimo de um fonema no final da palavra, fenômeno denominado paragoge, é detectado em 16 ocorrências. Os exemplos concentram-se principalmente na escrita de JMA, com 13 casos. Com exceção de *forer* por *for*, *poru* por *por* e *favoru* por *favor* (JMA, 65), predomina a inserção de um /i/ na sílaba final, como em *veizi* por *vez* (AFS, 3, 24); *fizi* por *fiz* (FP, 79); *porotugesi* por *português* (JMA, 65); *daisi* por *das* (JMA, 65). Essa inserção do /i/

ocorre, principalmente, após o /r/ em posição de coda: *dizeri* por *dizer* (2 ocorr.); *iri* por *ir*; *queri* por *que*; *poqueri* por *porque*; *leri* por *ler*; *caberi* por *saber*, e *dizeri* por *dizer*, todos esses exemplos saídos das mãos de JMA, carta 65. De modo geral, nota-se nesses dados uma tentativa de adequar as sílabas à estrutura canônica CV, à medida que os acréscimos predominaram em sílabas terminadas com /r/, /z/ e /s/.

### Aféreses

Em 24 ocorrências, existe a queda de um fonema em posição inicial, principalmente na grafia de verbos. Em 6 casos, eliminou-se a vogal /a/ que constitui sílaba simples: *carbar* por *acabar* (AFS, 8); *deus* por *adeus* (NIN, 38); *rastando* por *arrastando* (MC, 50) *duentada* por *adoentada* (ZSS, 53); *notada* por *anotada* (JMS, 66) e *senda* por *acenda* (ROM, 73).

Também o segmento [es] demonstra-se favorável ao apagamento, ocorrendo em 11 dados, todos envolvendo o verbo *estar*, processo comum ao português brasileiro: *tou* por *estou* (AFS, 5, 6, 20; NIN, 38; AOL, 72); *tar* por *está* (ZLS, 70-2; ROM, 73-2); *tiver* por *estiver* (AFS, 11), e *tivenmo* por *estivemos* (AFS, 13). Os demais casos correspondem ao apagamento de [i] e [ê]: *tensão* (AFS, 1; SFS, 40), *tencão* (AFS, 18), *tenção* (SFS, 40; NIN, 51) e *tesão* (ROM, 73) por *intenção*; *pergar* por *empregar* (AFS, 2).

### Síncopes

A perda de um fonema medial na palavra, a síncope, está presente nas cartas por meio da queda de uma sílaba inteira, em *sideruca* por *siderúrgica* (AFS, 12), e no apagamento de um fonema apenas, como no registro de *uar* por *uma* (JS, 62). Quanto aos casos de apagamento de um fonema, há 28 ocorrências de queda da palatal [ɲ]: *neum* por *nenhum* (GOR, 28), *mia* por *minha* (AFS, 2-2, 3-2, 4, 11, 13, 21, 23, 45; JMA, 64-2), *diero* por *dinheiro* (VAN, 86), *tia* por *tinha* (AOL, 72) e *via* por *vinha* (FP, 78). No caso da grafia de *senhor/senhora*, ocorrem as seguintes variações: *siora* (ZSS, 53; VAN, 86), *seora* (VAN, 86), *seiora* (VAN, 86-2), *siorra* (VAN, 86), *cioras* (AOL, 72), *ciora* (AOL, 72-2), *seor* (ZSS, 53), e *sior* (ZSS, 53-2). Vale ressaltar que exemplos de apagamentos semelhantes, com perda de [ɲ], foram encontrados por Oliveira (2006) nas atas do século XIX.

Em 24 dados, o fonema apagado é o /l/, principalmente quando está em posição de coda silábica: *resover* por *resolver* (AFS, 3-2); *resova* por *resolva* (AFS, 8); *rezovido* por *resolvido* (AFS, 14); *descupanmo* (AFS, 9), *dicupanno* (AFS, 13) e *descupando* (MC, 36) por *desculpando*; *cotural* por *cultural* (MC, 36); *amerinda* por *Almerinda* (APS, 43; FPS, 47-2); *idebarndo* por *Hildebrando* (FPS, 47); *resutado* por *resultado* (AHC, 55); *gupa* por *culpa* (JMA, 64); *prisipamentis* por *principalmente* (JMS, 66); *nerado* por *Neraldo* (AOL, 72; ROM, 73-4); *resovir* por *resolver* (LM, 75); *Forizete* por *Florizete* (AFS, 22), e *probema* por *problema* (VAN, 86). Há, também, o caso de *famia* por *família* (JSS, 88), que pode ser considerado como um exemplo de iotização.

A redução de *para*, um fato geral no português do Brasil, foi frequente (23 ocorrências): *pra* (JOM, 30; NIN, 38-2; ACO, 44-5; DCO, 46-3; NIN, 51-3; ZSS, 53; AHC, 55-2, 59-2; AHC, 60; IZA, 87); *prá* (IPO, 89) e, ainda, em *pur* por *para o* (AFS, 14). Em 219 dados, a síncope acontece pela omissão do /r/, seja em posição de ataque ramificado, mais frequente (205 dados), seja em posição de coda (14 dados). Em posição de ataque ramificado, os exemplos ocorrem em itens não muito variados, pois 151 ocorrências correspondem a variações da palavra *compadre* e 44 da palavra *comadre*:

Omissão do /r/ em posição de ataque ramificado:

- por *compadre*: *compades* (AFS, 1), *compade* (NIN, 38-3; AOL, 72), *compader* (AFS, 1-2), *compadi* (AFS, 2, 3-7, 4-8, 5-5, 6-7, 8-7, 12, 13-12, 17-3, 18, 19-6, 22-3, 23-8, 24, 45-2), *conpadi* (AFS, 6-4, 7-8, 8-2, 9-5, 10-3, 11-7, 12-10, 14-5, 15-4, 16-2, 17, 18-2, 19, 21-4, 24-5, 25-6) e *conpade* (LFO, 32-3);
- por *comadre*: *commadi* (AFS, 4, 8, 12, 13, 17-2, 19-2, 23, 24, 45-8), *conmadi* (AFS, 6-2, 7-3, 2, 14, 15), *comade* (LFO, 32; NIN, 38-4; NIN, 51-2; AOL, 72-4) e *comadi* (NIN, 51-6; DCS, 69);
- por *Jertrudes*: *Jetudi* (AFS, 5), *jetudis* (AFS, 23-2), *Jertudi* (AFS, 13), *Jertudis* (AFS, 19) e *Jetude* (AFS, 20);
- outros casos: *pocura* por *procurar* (AFS, 7), *poquri* por *procure* (AFS, 23), *aligial* por *alegria* (AFS, 18) e *pecizo* por *preciso* (JMA, 64).

Omissão do /r/ em posição de coda:

– *vijem* por *virgem* (SFS, 40), *convecar* por *conversar* (AFS, 13), *ojenti* por *urgente* (AFS, 17), *futunato* por *Fortunato* (SFS, 41), *civico* por *serviço* (AFS, 8), *siderugica* por *siderúrgica* (AFS, 18), *civido* por *servido* (FJO, 26; MC, 50), *vesso* por *verso* (ACO, 44-2), *maço* por *março* (ZBO, 52), *teça* por *terça* (AHC, 59), *nevozo* por *nervoso* (JMA, 64), *passero* por *parceiro* (MDC, 84), e também nos registros de *Jetudi* (AFS, 5), *jetudis* (AFS, 23-2) e *Jetude* (AFS, 20) por *Jertrudes*.

Um caso específico de perda de um fonema medial é em relação ao processo de assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio. São 22 ocorrências que registram esse processo: *descupanno* (AFS, 9) e *discupanno* (AFS, 13) por *desculpando*; *ganhanno* por *ganhando* (AFS, 12, 23); *devenno* por *devendo* (AFS, 12); *choranno* por *chorando* (AFS, 13); *andano* por *andando* (ICO, 48; ZSS, 53); *podemo* por *podendo* (ICO, 48); *costoramo* por *costurando* (ICO, 48); *farzenno* por *fazendo* (AFS, 13, 18); *pencanno* por *pensando* (AFS, 16); *alenbanno* por *lembrando* (AFS, 24); *enviano* por *enviando* (ZSS, 53); *cuidano* por *cuidando* (JMA, 65); *pacano* por *passando* (JMA, 65); *seno* por *sendo* (JMS, 68); *espera no* por *esperando* (FP, 79); *pidino* por *pedindo* (JPC, 82); *salbemno* (AFS, 6) e *salbenno* (AFS, 17) por *sabendo*.

No geral dos dados, são 321 ocorrências de apagamentos de fonemas mediais identificadas no *corpus*. Dentre essas ocorrências, muitas estão relacionadas com a tendência à simplificação das palavras com três ou mais sílabas, como também observou Oliveira (2006, p. 331), nas atas por ele analisadas. Segundo ele, parece haver “[...] uma relação privilegiada entre síncope e palavras com três ou mais sílabas [...]”, como se a queda de fonemas mediais, como ocorre em alguns exemplos listados anteriormente (*sideruca* por *siderúrgica*, *dicupanno* por *desculpando*, *siora* por *senhora* e outros), tivesse a finalidade de “[...] encurtar vocábulos de longa extensão da linguagem oral”.

### Metáteses

A migração de fonemas em uma mesma palavra, a metátese, é pouco frequente no *corpus*. É importante lembrar que, assim como algumas grafias consideradas como aspectos de aquisição de escrita envolvendo sílabas complexas (como *garsa* por *graças*, (AFS, 2),

*treminar* por *terminar* (APS, 43)) poderiam estar refletindo dados da oralidade, metáteses, os exemplos aqui listados podem estar revelando dificuldades na escrita das sílabas complexas. São 7 ocorrências do fenômeno: *aperpara* por *prepara* (AFS, 14), *porcura* por *procura* (ZLS, 70), *perciza* por *precisa* (FP, 79), *proguntar* por *perguntar* (SFS, 42; AHC, 55), *pregontar* por *perguntar* (MC,50) e *pro* por *por* (AHC, 55).

### Considerações Finais

A transferência de traços próprios da oralidade para a escrita é manifestada por todas as mãos que redigiram as cartas; algumas apresentam mais dados, outras menos. Quanto aos fenômenos ocorridos, dentre os mais estigmatizados, cuja presença nos textos indica um grau maior de dificuldade com a escrita, os mais representativos são os que envolvem transformações de segmentos sonoros, como os abaixamentos das vogais altas, as posteriorizações de vogais, as nasalizações e os rotacismos, e também os que envolvem apagamentos de segmentos, como as aféreses e sínopes. Os casos de inserção ocorrem em menor quantidade, a exemplo de epêntese, – inserção de um fonema em posição medial – presente em apenas duas ocorrências da palavra *obeter* (por *obter*, GOR-28; AHC-56), assim como as trocas de posição de segmentos sonoros, com poucos registros.

A identificação desses fenômenos grafofonéticos, coocorrendo com fatos mais gerais no português brasileiro, como as elevações de vogais médias pretônicas e postônicas, contribuem para a caracterização do *corpus* como produto de redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, que tiveram pouco acesso aos processos de letramento. Junto a outras propriedades, como os aspectos de aquisição de escrita, os dados demonstram que os sertanejos produziram textos que se distanciam das convenções da escrita, aproximando-se, em muitos aspectos, da fala, do vernáculo, permitindo assim que se obtenham indícios do português popular brasileiro.

### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Normas cultas e normas vernáculas: a encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira

de et al (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes, 2007. p. 483-498.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio**. Rio de Janeiro, 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. v. 6, t. 2. Salvador: EDUFBA, 2006. p.761-780.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; SANTIAGO, Huda da Silva; OLIVEIRA, Klebson (Org.) **Cartas Brasileiras (1809-2000): coletânea de fontes para o estudo do português**. v. 3. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico – Uma aproximação**. v.1 Léxico e morfologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico**. 2006. 3v. 1144f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

OLIVEIRA, Klebson. **Tem Afrânio Barbosa razão?: a posse das letras por dois negros do século XIX**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. p. 285-343.

OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia Conceição Freire. O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII. In: LOBO, Tânia C. F.; CARNEIRO, Zenaide de O. N. et al. (Org.). **ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTIAGO, Huda da Silva. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano**. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

Recebido em: 01 de outubro de 2016.

Aceito em: 30 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

**Outras palavras: as palavras-valise entre revisões e sistematizações**

**Other words: the portmanteau words between reviews and systematizations**

Natival Almeida Simões Neto<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho, de caráter revisionista, investiga a formação das palavras-valise em língua portuguesa. O *corpus* analisado é constituído por 100 vocábulos, extraídos dos mais variados textos (*tweets*, telenovelas, músicas, relatos de *blogs*, reportagens, entre outros). Alguns exemplos são *sapatênis*, *cantriz*, *coxibe*, *zebrasno*, *forrogode*. Objetivam-se, aqui, uma revisão conceitual e uma sistematização dessas formações, a partir de padrões fonológicos, morfossintáticos léxico-semânticos, tudo isso com base em trabalhos anteriores.

**Palavras-chave:** Neologismos; Palavras-valise; Morfologia lexical; Português brasileiro.

**ABSTRACT:** This work, of revisionist character, investigates the formation of portmanteau words in Portuguese. The *corpus* of analysis consists of 100 words, extracted from various texts (*tweets*, soap operas, musics, blogs, reports, articles etc.). Some examples are *sapatênis*, *cantriz*, *coxibe*, *zebrasno* and *forrogode*. It aims up here a conceptual review and systematization of formations, from phonological patterns, morphosyntactic lexicon-semantic, all based on previous work.

**Keywords:** Neologisms; Portmanteau words; Lexical morphology; Brazilian Portuguese

## Considerações Iniciais

Os estudos morfológicos, de uma maneira geral, têm apontado a aparente necessidade de a morfologia ser abordada sempre em diálogo com outros níveis de análise. Assim, são propostos, recorrentemente, estudos com as seguintes interfaces: (i) morfologia e fonologia, abordando-se os processos fonológicos e os impactos que estes têm na estruturação interna das palavras; (ii) morfologia e sintaxe, destacando-se as questões de flexão nominal e verbal; (iii)

---

<sup>1</sup> Mestre (2016) na área de Linguística Histórica pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Graduado (2014) em Letras Vernáculas (Licenciatura), por essa mesma instituição. Atualmente, é professor substituto no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia. E-mail para contato: nativalneto@gmail.com.

morfologia e semântica, observando-se a polissemia dos afixos e; (iv) morfologia e léxico, atendo-se à formação de palavras por meio de processos vários.

Neste trabalho, em que se pese o seu caráter revisionista, investiga-se um processo de formação de palavras que, ao que parece, só pode ser explicado, levando-se em consideração todas as interfaces mencionadas: as chamadas palavras-valise. Em língua portuguesa, como exemplos, podem ser citadas *sapatênis*, *cantriz*, *coxibe*, *pilantropia*, *forrogode*, entre outras. Para este artigo, analisou-se um *corpus* de cem palavras, coletadas nos mais variados textos (*tweets*, telenovelas, músicas, relatos de *blogs*, reportagens, entre outros). Objetiva-se, aqui, uma sistematização dessas formações, a partir de padrões fonológicos, morfossintáticos léxico-semânticos, já delineados por outros autores.

A fim de alcançar esse objetivo, depois dessa curta introdução, o trabalho se apresenta da seguinte maneira: na seção 2, faz-se uma revisão de literatura, destacando-se a variedade de termos para designar o fenômeno; a seção 3 traz um breve mapeamento dos variados usos das palavras-valise; a seção 4 se divide em subseções e apresenta a análise dos dados levantados, considerando-se as interfaces mencionadas e as propostas anteriores de sistematização dessas formações; na seção 5 são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

### As palavras-valise nos estudos linguísticos: uma revisão de conceitos

O termo “palavra-valise”, utilizado por autores como Alves (1990), surgiu como uma tentativa de decalcar a expressão *portmanteau word*, cunhada pelo escritor britânico Lewis Carroll, em 1871, no livro *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*<sup>2</sup>. No sexto capítulo desse livro, a personagem Alice encontra Humpty Dumpty, um ovo com características antropomórficas que combina as palavras de maneira bastante peculiar. Parte dessa *cena* está destacada a seguir:

“Isto explica direitinho”, disse Alice.

---

<sup>2</sup> Título em português: “Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá” (*Through the Looking-Glass and What Alice Found There*).

“E lubriciosos?” “Bem, ‘lubriciosos’ significa lúbricos, que é o mesmo que escorregadios, e operosos, ágeis. Entende, é uma palavra-valise... há dois sentidos embalados numa palavra só.”<sup>3</sup>

Sobre essa passagem, cumpre ressaltar a contribuição dessa obra para a fixação da nomenclatura palavra-valise (a partir de *portmanteau word*), bastante consagrada nos estudos linguísticos para designar esse tipo de formação. Tal designação, entretanto, não é única, podendo ser encontrados os termos “cruzamentos vocabulares” (SANDMANN, 1992), “amalgamas lexicais” (AZEREDO, 2010), “misturas” (SÂNDALO, 2001), “composições de partes de palavras” (STEINBERG, 2003) e “mesclas lexicais” (GONÇALVES, 2006).

Alves (1990), fazendo um panorama dos processos mais frequentes na formação de novas palavras no português, destaca a derivação, a composição e o empréstimo linguístico, observando que há mecanismos menos recorrentes, como o “truncamento” e a “reduplicação”. Sobre as palavras-valise, a autora menciona que essas se caracterizam por uma redução tal qual ocorre no “truncamento”. Porém, nas palavras-valise, duas palavras base, ou apenas uma delas, perdem parte de seus elementos fonológicos para constituírem um novo item lexical, sendo, geralmente, a perda da parte final da primeira e a parte inicial da segunda. Os exemplos da autora incluem *brasiguaio* (brasileiro + paraguaio), *cantriz* (cantora + atriz), *novelha* (novo + velha) e *showmício* (show + comício).

Sandmann (1992) chama o processo de “cruzamento vocabular” e considera que esse é um espécime de compostos que se distingue por sofrer diminuição no seu corpo fônico. Ao tomar esse cruzamento como um tipo de composição, o autor aplica as mesmas classificações, dadas por ele mesmo, aos compostos do tipo “nome+nome”: “copulativos” ou “determinativos”. Os cruzamentos copulativos, portanto, seriam aqueles em que há adição de elementos do mesmo nível, casos dos exemplos *Suicíndia* (Suíça + Índia), *Jaiça* (Japão + Suíça) e *Belíndia* (Bélgica + Índia), encontrados pelo autor, ao passo que nos “determinativos” existem elementos de níveis

<sup>3</sup> "That'll do very well," said Alice: "and 'slithy'?"

"Well, 'slithy' means 'lithe and slimy,' 'Lithe' is the same as 'active.' You see it's like a *portmanteau* - there are two meanings packed up into one word." (CARROLL, 1871)<sup>3</sup>. Tradução disponível em: <<https://blogmeumundopretoerosa.files.wordpress.com/2016/03/alice-no-pais-das-maravilhas-atraves-d-lewis-carroll.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

diferentes, como *uisquerda* (uísque + esquerda), em que esquerda é o núcleo determinado pelo adjunto uísque e *tucanóptero* (tucano + helicóptero), em que o núcleo alterado – *óptero* é especificado por tucano, que se refere aos políticos do PSDB.

O termo “amálgama lexical” foi encontrado em Azeredo (2010), que o define da seguinte maneira:

Chama-se *amálgama lexical* ao tipo de composição em que se misturam de forma arbitrária e imprevista dois ou mais *lexemas*<sup>4</sup>. Este processo também é conhecido como “cruzamento vocabular” (A.J. Sandmann, 1992). O amálgama lexical constitui um recurso da função poética da linguagem, quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, e encontra-se tanto no discurso literário, como nos discursos humorístico-satírico e comercial-publicitário. São exemplos de amálgama lexical *exposia* (exposição de poesia) e *democradura* (mescla de democracia e ditadura). (AZEREDO, 2010, p. 103-104)

Assim como Sandmann (1992), Azeredo (2010) considera as amálgamas como uma espécie de compostos. Sobre o conceito em Azeredo (2010), cumpre ressaltar que a “amálgama lexical” é vista como um processo arbitrário e imprevisto o qual se vale da função poética da linguagem e com finalidade expressiva. A função poética da linguagem, da forma como é proposta por Jakobson, consiste numa projeção do eixo da “seleção” sobre o eixo da “combinação” dos elementos linguísticos. No que tange às amálgamas, ao que parece, o falante inicialmente “seleciona” as palavras primitivas que melhor expressarem suas ideias naquele contexto e as combina, de acordo com um conjunto de padrões morfológicos, semânticos e fonológicos.

O quarto termo encontrado foi “misturas”, utilizado por Sândalo (2001), para se referir às palavras que são criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua, sendo que o único exemplo apresentado pela autora é *portunhol*.

A designação “composição de parte de palavras” ou *blends* foi vista em Steinberg (2003), que, embora trate de formações do inglês, apresenta reflexões passíveis de serem aplicadas a outras línguas. Steinberg (2003), então, observa que esse tipo de construção produz palavras que

---

<sup>4</sup> Grifos do próprio autor.

se formam de outras já existentes na língua e propõe uma tipologia à qual foram acrescentados exemplos da própria autora:

- Uma ou duas sílabas da palavra inicial + palavra completa: *amerindian* (*american+indian*)<sup>5</sup>
- Palavra completa + parte de outra palavra: *workaholic* (*work + alcoholic*)<sup>6</sup>
- Parte inicial de uma palavra + parte final de outra palavra: *vegeburger* (*vegetable + hamburger*)<sup>7</sup>
- Parte inicial de uma palavra + parte inicial de outra: *modem* (*modulator + demodulator*)<sup>8</sup>

O trabalho de Steinberg (2003) foi o único, até aqui, que se propôs a classificar sistematicamente essas formações, embora a autora não considere que *blends* sejam o mesmo que *palavras-valise*. Sobre isso, a autora menciona que

Os *blends* têm sido impropriamente chamados de palavras-cabide (*portmanteau*) ou ainda palavras-valise. Cabe esclarecer que num *blend* as partes que o constituem ocorrem em sequência. Uma palavra *portmanteau* nasce de duas outras que se unem num só morfema, isto é, suas ocorrências são simultâneas. É o caso do francês *au*, junção de *a + le*. Ocorrências dessa natureza são raras. Talvez pudéssemos considerar o *a* craseado do português – *à* – como um exemplo, mas teríamos de incluir mais um morfema, que seria o suprasegmental, isto é, a crase. (STEINBERG, 2003, p. 102)

Steinberg (2003) não parece justificar a distinção entre os *blends* e as palavras-valise. É possível pensar que o *blend* acontece no nível fonológico e a palavra-valise no nível morfológico. Porém, para as palavras-valise não cabe qualquer relação baseada em morfemas, independentemente da definição de morfema que venha a ser adotada. Se tomada a forma *sinistranho* (*sinistro + estranho*), encontrada nesta pesquisa, o segmento fonológico /str/, presente nas duas palavras primitivas, funciona como um “ponto de quebra” e não pode ser tomado como

<sup>5</sup> Exemplo para o português: *literatortura* (literatura + tortura)

<sup>6</sup> Exemplo para o português: *roubartilhar* (roubar + compartilhar)

<sup>7</sup> Exemplo para o português: *gostir* (gostar + curtir)

<sup>8</sup> Exemplo para o português: *BaVi* (Bahia + Vitória)

um morfema, pois não é uma unidade mínima de significado da palavra e não apresenta recorrência no sistema linguístico da LP.

O último termo encontrado foi “mesclas lexicais”, forma aparentemente decalcada da forma inglesa *blends*. Ambas são vistas em Gonçalves (2006). Para esse autor,

mesclas lexicais são formas criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua, como se vê em (05). Diferentes dos compostos, que tendem a preservar o conteúdo segmental das bases (‘porta-luvas’ e ‘boia-fria’). Mesclas são caracterizadas pela interseção de palavras, de modo que é impossível recuperar, através de processos fonológicos como crase, elisão e haplologia, as sequências perdidas.

(05) chafê (chá + café) sacolé (saco + picolé)  
 gayroto (gay + garoto) cariúcho (carioca + gaúcho)  
 cantriz (cantora + atriz) psicogélico (psicólogo + evangélico)  
 matel (mato + motel) apertamento (apartamento + aperto)  
 (GONÇALVES, 2006, p. 9).

Gonçalves (2006) chama a atenção para o fato de que as “mesclas” têm na função expressiva a sua principal motivação, ou seja, externar a opinião do falante acerca de algum conceito ou objeto do enunciado. Nos exemplos do autor, por exemplo, isso fica claro em *apertamento*, que indica que é um *apartamento* de tamanho pequeno e *apertado*. Com o *corpus* desta pesquisa, isso se evidencia em *herbachatos*, para se referir a inconveniência (*chatice*) dos vendedores da *Herbalife*, *sofressor*, para realçar o trabalho sofrido do professor, e *sertanojo*, para atribuir um valor de repulsa (“nojo”) ao ritmo musical sertanejo. Por outro lado, o autor não deixa de considerar que as mesclas servem também para designar novos conceitos, tendências e realidades, a exemplo de *portunhol* (mescla de *português* e *espanhol*, sobretudo em situações de contato) e *sacolé* (uma espécie de *picolé* em forma de *saco*). Outros exemplos, coletados do *corpus* de análise deste trabalho seriam *roubartilhar* (nas redes sociais da internet, significa *compartilhar* alguma postagem sem a autorização prévia do autor – ou daquele que postou inicialmente –, o que seria uma espécie de apropriação indevida ou “roubo”, *sapatênis* (calçado que une as características da seriedade de um sapato social com o despojamento de um tênis) e *pãe* (diz-se da mãe que assume as funções socialmente atribuídas ao pai, ou o contrário).

Gonçalves (2006) atenta para o fato de que o conceito de mescla, muitas vezes, se aproxima das criações analógicas, mas o autor esclarece que nestas há uma substituição por

interferência de homofonia de parte da palavra com alguma outra já existente na língua. Por exemplo, em *boacumba*, *boa* substitui o *ma* de *macumba*, em que a homofonia entre o *ma* e o adjetivo *má* permite a substituição pelo seu antônimo *boa*. Em *tricha*, por sua vez, há uma substituição da sequência *bi* de *bicha*, que é homófona ao prefixo – *bi*, indicativo de *dois* (*bípede* – *dois* pés; *bicampeão* – campeão *duas* vezes) pelo prefixo – *tri*, que indica três (*triciclo* – veículo de *três* rodas), para indicar um homossexual afeminado em demasia.

Com base nessa revisão de abordagens, é possível compreender que as propostas dos autores apresentam mais semelhanças do que diferenças. Assim, qualquer uma das nomenclaturas é válida e, em se tratando de terminologia, essa variação entre os termos acaba sendo infrutífera. Embora tenham sido apresentadas várias nomenclaturas, este trabalho, iniciado com a utilização de palavras-valise, se manterá com essa designação, mas a análise proposta se mostrará aplicável em todos os contextos.

#### Os diversificados usos das palavras-valise

Apesar de este trabalho destacar as mesclas em LP, estas acontecem em outras línguas, como o inglês, o francês e o espanhol. Para o inglês, há os exemplos de Steinberg (2003), na seção 2. No francês, Madueke (2013) encontra formações, como *franglais* (*français* - francês + *anglais* - inglês), *pomate* (*pomme* de terre - batata + *tomate* - tomate), *alicament* (*aliment* - alimento + *médicament* - medicamento), *télébrité* (*télévision* - televisão + *célébrité* - celebridade), *cordoléances* (*cordial* - cordial + *condoléances* - condolência), tranquilidade (*tranquillité* - tranquilidade + *quiétude* - quietude). Em espanhol, Almaz (2012) atestou formas como *cebrallo* (*cebra* + *caballo*) e *tigardo* (*tigre* + *leopardo*)

Rio-Torto (1998), voltando-se para a língua portuguesa, chama a atenção para o fato de que processos os quais aparentam ser bastante produtivos e disponíveis no português brasileiro não encontram correspondência de disponibilidade e produtividade na variedade europeia.

Monteiro (2002), embora não trate do tema, menciona o processo de *braquissesmia*, que, quando relacionado aos nomes de pessoas, encontra correspondência com as palavras-valise, pois

dá conta da formação de antropônimos, como *Edlivia* (Edson + Olívia), *Dagoberto* (Dagmar + Roberto) e *Marielza* (Mário + Elza).

Tendência similar foi encontrada em registros do site humorístico *Ai! Morri de sunga branca*<sup>9</sup>, em que os autores do site nomeiam o casal famoso por meio de *mesclas dos nomes dos envolvidos*<sup>10</sup>. Exemplos disso são *Latyanne* (casal formado pelo cantor *Latino* e sua noiva *Rayanne*), *Naldoguinho* (*Naldo* e a sua esposa, a Mulher *Moranguiho*), *Susandro* (a atriz *Susana* Vieira e o seu então marido *Sandro* Pedroso). A motivação humorística se justifica pela função emotiva e discursiva nessas formações.

Foram encontradas também construções desse tipo em textos de escritores, como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Leminski; de compositores, como Caetano Veloso, Chico Buarque e Moraes Moreira; em livros e telenovelas infanto-juvenis e, até mesmo, no discurso científico, contexto do qual se espera maior resistência.

Cardoso (2013), investigando as formações de palavras na obra de Carlos Drummond de Andrade, encontra as formações *chuvadonha* (*chuva* + *medonha*) e *chuvil* (*chuva* + *vil*) no poema *Caso pluvioso*. Outros dados foram encontrados em *distriburrida* (*distribuída* + *burro* – sinalizando, no poema *Ao Deus Kom Unik Assão*, que, ao *distribuir* sua melodia pelo mundo, Deus faz com que as pessoas fiquem mais *burras*) e *jornaledor* (*jornal* + *ledor* – aquele que lê *jornal*, no subtítulo do poema *Diamundo*).

A observação d’*O léxico de Guimarães Rosa*, de Martins (2001), permite encontrar *pensamor* (*pensamento* + *amor*, no conto *Substância*, do livro *Primeiras estórias*, podendo significar *pensamento amoroso*), *enxadachim* (*enxada* + *espadachim*, no conto *Fatalidades*, do livro *Primeiras Estórias*, para designar um trabalhador do campo que luta para sobreviver), *fraternura* (*fraterno* + *ternura* – ternura entre irmãos, no conto *A vela ao diabo*, do livro *Tutameia – Terceiras Estórias*), *ensimesmudo* (*ensimesmado* + *mudo*, no conto *Barra da Vaca*, do livro *Tutameia – Terceiras Estórias*, para designar um sujeito calado e mal-humorado).

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.aimorridesungabranca.com/>>.

<sup>10</sup> Em sites de língua inglesa, são encontradas formações como *Brangelina*, para se referir ao casal formado pelos atores *Brad Pitt* e *Angelina Jolie*, *Billary*, para os políticos *Bill* e *Hillary* Clinton, e ainda *Chrisanna* para os cantores *Chris Brown* e *Rihanna*. Isso corrobora a ideia de que as mesclas não são exclusividades da língua portuguesa.

Na obra de Paulo Leminski, Novais (2008), estudando *Catatau*, encontra *armandíbula* (*arma* + *mandíbula*), *gratuitária* (*gratuita* + *utilitária*), *atritude* (*atrito* + *atitude*) e *vagabundância* (*vagabundo* + *abundância*). Sobre o trabalho de Paulo Leminski, cabe destacar o encaixamento da sua obra no movimento concretista do Brasil, que tinha como características de composição o uso intensivo de neologismos vernáculos ou estrangeiros e decomposição ou recomposição semântica das palavras. Esse movimento teve como principais nomes Décio Pignatari e os irmãos Haroldo e Augusto Campos cuja linguagem influenciou a obra literária de Leminski e a música de Caetano Veloso, Tom Zé e Gilberto Gil os quais depois viriam a influenciar nomes mais contemporâneos como Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown.

Em relação à obra de Caetano Veloso, foram observadas recorrentes mesclas em duas composições: *Acrílico* (1967) e *Outras palavras* (1983). Na primeira canção, são encontradas as palavras *colorício* (*colírio* + *lírico*), *telástico* (*tela* + *elástico*), *adolescência* (*adolescência* + *cidade*). Em *Outras palavras* (1983), são encontradas as seguintes ocorrências: *sexonhei* (*sexo* + *sonhar*), *frúture* (*fruto* + *futuro*), *ouraxé* (*ouro* + *axé*), *palávoras* (*palavras* + *metáforas*), *homenina* (*homem* + *menina*) e *felicidadania* (*felicidade* + *cidadania*).

Outros compositores da música brasileira utilizam as mesclas como recursos de criação, a exemplo de *blumenáutica* (*Blumenau* + *náutica*) e *zanzibárbaro* (*Zanzibar* + *bárbaro*), em *Banda Um* (1982), de Gilberto Gil, *precinecessário* (*preciso* + *necessário*), em *Besta é tu* (1972), de Moraes Moreira e Luiz Galvão, *baioque* (*baião* + *roque* – do inglês *rock*), na música homônima de Chico Buarque em 1972 e *carimbolada* (*carimbó* + *embolada*) e *homenstruado* (*homem* + *menstruado*), respectivamente nas canções *Carimbolada soul* (1996) e *Homenstruado* (1997), da banda Timbalada.

Muitas palavras-valise foram vistas na telenovela infanto-juvenil *Floribella*<sup>11</sup>, exibida pela Rede *Bandeirantes* entre 2005 e 2006. Alguns exemplos são: *ansinervoso* (*ansioso* + *nervoso*), *cafajestúpido* (*cafajeste* + *estúpido*), *complifuso* (*complicado* + *confuso*), *chocrível* (*chocante* + *incrível*), *desástrofe* (*desastre* + *catástrofe*), *enlouquepirar* (*enlouquecer* + *pirar*),

<sup>11</sup> Os dados dessa novela foram vistos nos seguintes sites: <<http://floribellaparasempre.zip.net/>> e <<http://coisasdenovela.pop.com.br/voce-lembra-do-exclusivo-dicionario-da-floribella/>>. Acessos em: 24 jun. 2016.

*espetaculindo* (*espetacular* + *lindo*), *horrorível* (*horroroso* + *horrível*), *legalindo* (*legal* + *lindo*), *maravilindo* (*maravilhoso* + *lindo*) e *sinistranho* (*sinistro* + *estranho*).

Também no âmbito infanto-juvenil, o Blog *Oficina de Alfabetização*<sup>12</sup> apresenta o relato de uma professora que criou com seus alunos o que ela chamou de *bichonário*, uma espécie de dicionário de animais exóticos, inventados por meio de uma mistura entre eles. São exemplos encontrados nesse blog: *abelhama* (*abelha* + *lhama*), *camelontra* (*camelo* + *lontra*), *porcoruja* (*porco* + *coruja*) e *tubaranha* (*tubarão* + *aranha*). A ideia de animais mesclados, segundo a professora relatora, foi encontrada também em outros livros e *softwares*, inclusive de outras línguas, como o francês e o inglês. Um dos livros mencionados é *Animais*, de Arnaldo Antunes e Zaba Moreau, em que são observadas as seguintes formações: *papagalo* (*papagaio* + *galo*), *vacavallo* (*vaca* + *cavalo*), *cangorila* (*canguru* + *gorila*), *camalo* ou *cavelo* (*camelo* + *cavalo*), *leonça* (*leão* + *onça*), *jabutirica* (*jabuti* + *jaguaririca*), *procodilo* (*porco* + *crocodilo*), *baleoa* (*baleia* + *leoa*) e *largato* (*lagarto* + *gato*).

A possibilidade de cruzamento entre animais de espécies distintas é real e investigada cientificamente, sendo os animais nascidos desses cruzamentos chamados de *animais híbridos*. O hibridismo em animais, segundo Ferreira, Hochman e Barbosa (2005), somente é possível entre aqueles que são *isogênicos*, ou seja, que têm o mesmo genótipo (constituição genética), não sendo um fenômeno aleatório e, raramente, acontecendo nos ambientes naturais desses animais. Por exemplo, o cruzamento entre um leão e uma tigresa, o *ligre* (*lion* + *tigre*), ou entre um tigre e uma *leoa*, o *tigreão*<sup>13</sup> (*tigre* + *leão*), somente é possível em cativeiro, pois esses animais não dividem território na natureza. Sobre os animais híbridos, cabe ressaltar que “apresentam com frequência o que se denomina de vigor híbrido; tendem a ser maiores, crescem com mais rapidez, e são mais sadios que seus progenitores. Por exemplo, as mulas se caracterizam pela sua força, que é superior a dos seus pais.” (ALMAZ, 2012, p. 10)<sup>14</sup>

<sup>12</sup> O link está disponível em <[http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com.br/2012\\_01\\_01\\_archive.html](http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com.br/2012_01_01_archive.html)>. Acesso em: 20 fev. 2014.

<sup>13</sup> Steinberg (2003) registra as formas *ligre* (*lion* + *tiger*) e *tiglon* (*tiger* + *lion*).

<sup>14</sup> “presentan con frecuencia lo que se denomina vigor híbrido; tienden a ser más grandes, crecen con más rapidez, y están más sanos que sus progenitores. Por ejemplo, las mulas se crían por su fuerza, que es superior a la de sus padres.” Tradução nossa.

Ainda que não utilize qualquer termo linguístico para designar as nomenclaturas desses híbridos, Almaz (2012, p. 11) observa que a designação se faz por “primeiramente, uma parte do nome correspondente ao nome da espécie do pai mais uma segunda parte correspondente ao nome da espécie da mãe.”<sup>15</sup> Seguindo esse processo, o autor encontra, em língua espanhola, as seguintes formações: *balfin* (*ballena* + *delfín*), *beefalo* (do inglês *beef* – carne de *boi* + búfalo), *cama* (*camello*+*llama*), *caraval* (*caracal* macho + *serval* fêmea), *cebrallo* (*cebra* + *caballo*), *cebrasno* (*cebra* + *asno*), *oso grolar* (*oso grizzly* + *oso polar*), *leopon* (*leopardo* macho + *leona*), *ligre* (*lion* + *tigre*), *tigardo* (*tigre* + *leopardo*) e *tigón* (*tigre* + *león*).

Quase todas essas formações encontradas em Almaz (2012) têm correspondências encontradas em português<sup>16</sup>, a saber: *golfeia* (*golfinho* + *baleia*), *beefalo* (*beef* – carne de *boi* + búfalo), *cama* (*camelo* + *lhama*), *caraval* (*caracal* macho + *serval* fêmea), *zebralo* (*zebra* + *cavalo*), *zebrasno* (*zebra* + *asno*), urso *grolar* (urso *grizzly* + urso *polar*), *ligre* (*lion* + *tigre*) e *tigreão* (*tigre* + *leão*). Apenas *leopon* e *tigardo* não foram encontrados nesta pesquisa, mas certamente seriam da mesma forma que em espanhol. Outros não apareceram no trabalho de Almaz (2012), como *servical* (*serval* macho + *caracal* fêmea), *pumapardo* (*puma* + *leopardo*), *javaporco* (*javali* + *porco*), *jagleão* (*jaguar* + *leão*).

Algumas dessas designações de animais híbridos foram detectadas em trabalhos de investigação da Zoologia e da Genética, o que sugere que essas *mesclas* lexicais já são aceitas no discurso científico, talvez pelo fato de esse processo designativo ser a melhor forma de materializar o conceito desses cruzamentos. As formas *tigreão* e *ligre* apareceram numa tese defendida por Andrade (2010), na Universidade de Campinas (Unicamp), em que se discutiu sobre especiação e padrões de diversidade das espécies, da mesma maneira que o termo *javaporco* apareceu em Eulálio (2010), numa dissertação defendida na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em que se tratou das artérias dos lobos cervicais tímicos em fetos desses animais.

<sup>15</sup> “Primeramente una parte del nombre correspondiente al nombre de la especie del padre más una segunda parte correspondiente al nombre de la especie de la madre”. Tradução nossa.

<sup>16</sup> Fonte: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/10-incriveis-animais-hibridos-que-existem-de-verdade/>>. Acesso em: 24 de junho de 2016.

A utilização de mesclas no discurso científico reforça a versatilidade, no que tange aos variados usos. A mescla deixa de ser observada, portanto, como um fenômeno exclusivo da criação literária ou como um mecanismo formador de gírias. Assim, ao ter o seu uso evidenciado até mesmo no campo das ciências, sugere-se que esse processo tenha um melhor tratamento, no sentido de se tentar delimitar os seus aspectos formativos, tirando-lhe o estigma, por assim dizer, de ser um processo marginal e assistemático. Na seção 4, apresentam-se algumas propostas.

### Os Padrões de Formação

Araujo (2000), ao observar o fato de palavras-valise serem recorrentes em várias línguas, como o português, o espanhol, o inglês e o hebraico, com as mesmas características de formação, discute a necessidade de elas serem investigadas na teoria morfológica.

Se os portmanteaux são produtivos, regulares e regidos pelas mesmas restrições em várias línguas do mundo, logo eles possuem ou uma gramática própria ou, pelo menos, a mesma gramática que restringe os processos de composição, reivindicando, assim, um lugar na teoria morfológica. (ARAUJO, 2000, p. 6).

Neste trabalho, as formações foram analisadas com base em três critérios (fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais) que, embora separados por questões metodológicas, não devem ser compreendidos separadamente, uma vez que os sistemas linguísticos funcionam de maneira conjunta.

### Padrões Fonológicos

Gonçalves (2006) analisa as palavras-valise como uma fusão de dois vocábulos (palavra 1 – P1; palavra 2 – P2) que atuam em planos alternativos e que se caracterizam pela existência de um ponto de quebra, o lugar em que a fusão ocorre. Partindo dessa lógica, o autor observa que essas formações, do ponto de vista fonológico, são de dois tipos:

- *Tipo 1*: P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica;

- *Tipo 2*: P1 e P2 são totalmente dessemelhantes do ponto de vista segmental.

Essa semelhança ou dessemelhança fônica, segundo o autor, é que determinará o ponto de quebra e a forma como se estruturará a palavra-valise. Exemplo do próprio autor para isso é *sacolé* (Tipo 1), em que *saco* e *picolé* compartilham o segmento fônico *co* e isso indicará não apenas o ponto de fusão entre os dois vocábulos, mas também a posição deles no interior da nova palavra, pois sendo *co* a sílaba átona final em *saco*, o acento de *picolé* funcionará como P2, núcleo da formação que será responsável pela pauta acentual.

Quando não houver semelhança, o ponto de quebra será determinado pelo rastreamento do maior grau de identidade das bases, respeitando os padrões de estruturação silábica da LP. Em *portunhol* (Tipo 2), não há semelhança fônica entre *português* e *espanhol*, o que exigirá a busca por identidades fônicas que privilegiarão a quebra nas sílabas tônicas, aproveitando-se o início átono *portu* e o finalônico com *nhol*.

Das 100 formações do *corpus*, 64 são do Tipo 1, de modo que os pontos tanto podem ser um único fonema, exemplo de *gostir* ( /t/ é o ponto de quebra entre *gostar* e *curtir*), quanto podem ser uma sílaba, exemplo de *Carnatal* (a sílaba /na/ é o ponto de quebra entre *carnaval* e *Natal*), chegando a casos em que segmentos mais complexos servem como lugar de fusão, a exemplo do já mencionado *sinistranho*, *pilantropia* (o segmento *ilantr* é o ponto de fusão entre *pilantra* e *filantropia*) e craquéticos (*aque* funde *craque* e *caquéticos*). Entre as 36 formações do Tipo 2, as que não apresentaram qualquer semelhança fonológica, estão *coroquete* (*coroa* + *piriguete*), *brasiguaios* (*brasileiros* + *paraguaios*), *forrogode* (*forró* + *pagode*) e *vagaranha* (*vagabunda* + *piranha*). Nesses casos, as quebras se fizeram nas sílabas tônicas<sup>17</sup>, como observou Gonçalves (2006) para seus exemplos, e as pautas acentuais, na nova palavra formada, foram sempre da responsabilidade de P2.

## Padrões Morfossintáticos

---

<sup>17</sup> *Forrogode* seria uma exceção, pois o vocábulo primitivo *forró* entrou completo na formação, mas isso pode se justificar pela tentativa de *equilibrar* as participações de P1 e P2 na nova palavra, fazendo com que haja duas sílabas de cada uma delas.

Na tentativa de encontrar uma classificação para as palavras-valise vistas na obra *Catatau*, de Paulo Leminski, Novais (2008) propõe uma série de critérios que incluem aspectos fônicos na formação, quantidade de bases envolvidas e a maneira como elas se envolvem, sentido criado e classes gramaticais constitutivas. Ainda que Novais (2008) acredite que as particularidades das formações de *mesclas* surgidas em contextos literários talvez não encontrem correspondência na normatividade discursiva, o critério morfossintático das classes gramaticais por ele observado foi possível de ser aplicado aqui. No que se refere aos padrões morfossintáticos das *mesclas*, o autor considera que há dois tipos:

- O primeiro tipo é o das “mesclas paradigmáticas”, que se formam por bases de mesma classe gramatical. São assim chamadas em função da possibilidade de as palavras serem comutadas num plano paradigmático. Por exemplo, numa frase como *João comprou um sapato*, o termo *sapato* pode ser comutado por *tênis* – *João comprou um tênis*, o que faz com que *sapatênis* seja classificado como uma mescla paradigmática.
- O segundo é o das “mesclas sintagmáticas”, que, por outro lado, se formam com bases de classes gramaticais diferentes. Diferentemente, nesse tipo as palavras das mesclas não são passíveis de comutação, mas podem compor uma estrutura sintagmática. Um exemplo disso é a formação *sexonhei*, em que o substantivo *sexo* e o verbo *sonhei* aparecem em posições diferentes na estrutura, como pode ser visto na oposição das frases: *Eu sonhei com você essa noite.* / *\*Eu sexo com você essa noite.*

No *corpus* de Novais (2008), como exemplos do primeiro tipo, estão *sensibilisca* (verbos *sensibiliza* + *belisca*), *constatelação* (substantivos *constatação* + *constelação*), *gratuitária* (adjetivos *gratuita* + *utilitária*) e *ondem* (advérbios *onde* + *ontem*). O segundo tipo, por sua vez, é observado em *alucilâmina* (adjetivo: *alucinante* + substantivo: *lâmina*), *colibristas* (substantivo: *colibris* + adjetivo: *equilibristas*) e *irreversando* (adjetivo: *irreversível* + verbo: *conversando*).

Segundo Novais (2008), as palavras-valise do primeiro tipo são mais produtivas, o que também se atesta no *corpus* aqui analisado. Dentro desse tipo paradigmático no *corpus* aqui

investigado, são cabíveis, ainda, as considerações de Sandmann (1992) sobre os cruzamentos formados por nomes, haja vista que, das 84 palavras-valise paradigmáticas, apenas 5 são formadas por verbos: *aprochegar-se* (*aproximar-se* + *achegar-se*), *curtilhar* (*curtir* + *compartilhar*), *enlouquepirar* (*enlouquecer* + *pirar*), *gostir* (*gostar* + *curtir*) e *roubartilhar* (*roubar* + *compartilhar*).

Assim, em relação à proposta de Sandmann (1992), das 79 palavras formadas por nomes, pode-se dizer que 64 são copulativas (*pagofunk*, *pãe*, *futevôlei*) e 15 são determinativas (*abaralhau*, *herbachatos*, *trensalão*). Esse detalhamento permite ver que, quanto aos aspectos morfossintáticos, as palavras-valise também se unem mais por igualdade que por diferenças. Daí que as formações copulativas, como *forrogode* (mistura de forró e pagode) e *vampeta* (mistura do vampiro e do capeta) ocorrem, na maioria dos casos, ao passo que as determinativas, como *paitrocínio* (*patrocínio* dado pelo *pai*), *sacolé* (*picolé* de *saco*) e *Carnatal* (*carnaval* fora de época da cidade de *Natal/RN*), por consequência, são uma minoria.

#### Padrões Semântico-lexicais

Neste trabalho, observam-se mesclas que se formam por elementos os quais são alocados em um mesmo campo lexical. Os animais inventados e os híbridos reais, por exemplo, esclarecem essas relações. Num animal inventado como a *porcoruja*, pode-se dizer que *porco* e *coruja* se encaixam no campo dos *animais*. Os híbridos reais, dadas às restrições genéticas, estabelecem maior especificidade: em *tigreão*, *tigre* e *leão* são do campo dos *felinos*; em *javaporco*, *javali* e *porco* estão no campo dos *suínos*; e em *zebrasno*, *zebra* e *asno* fazem parte do campo dos *equinos*. *Felinos*, *suínos* e *equinos* podem ser entendidos como subcampos de um campo maior de *animais*.

As mesclas envolvendo elementos de um mesmo campo são vistas também em: *baioque* (*baião* e *roque* – campo: *gêneros musicais*), *brasiguaios* (*brasileiros* e *paraguaios* – campo: *nacionalidades*), *cantriz* (*cantora* e *atriz* – campo: *profissões artísticas*), *caribano* (*carioca* e *paraibano* – campo: *naturalidades*), *carimbolada* (*carimbó* e *embolada* – campo: *gêneros musicais*), *chafé* (*chá* e *café* – campo: *bebidas*), *corrinhada* (*corrida* e *caminhada* – campo:

*atividades físicas*), *coxibe* (*cozinha* e *kibe* – campo: *salgados*), *dramédia* (*drama* e *comédia* – campo: *gêneros filmicos*), *espanglês* (*espanhol* e *inglês* – campo: *línguas*), *forrogo* (*forró* e *pagode* – campo: *gêneros musicais*), *futevôlei* (*futebol* e *vôlei*, – campo: *esportes*), *namorido* (*namorado* e *marido* – campo: *relacionamentos*), *pãe* (*pai* e *mãe*, – campo: *parentes*), *pagofunk* (*pagode* e *funk* – campo: *gêneros musicais*), *portunhol* (*português* e *espanhol* – campo: *línguas*), *sapatênis* (*sapato* e *tênis* – campo: *calçados*), *showmício* (*show* e *comício*, – campo: *eventos públicos*) e *vampeta* (*vampiro* e *capeta* – campo: *assombrações*). Esses exemplos perfazem um total de 40 casos.

Um fenômeno que também se mostra relevante nessas formações é a sinonímia. Embora não seja consenso entre os semanticistas, não se pode negar que o uso cotidiano tem licenciado a possibilidade de certos vocábulos serem substituíveis por outro em determinado contexto linguístico. O cruzamento entre sinônimos foi visto em 14 formações. Alguns exemplos disso são: *aproximar-se* (*aproximar-se* + *achegar-se*), *complifuso* (*complicado* + *confuso*), *desástrafe* (*desastre* + *catástrofe*), *gostir* (*gostar* + *curtir*), *horrorível* (*horroroso* + *horrível*), *precinecessário* (*preciso* + *necessário*), *sinistranho* (*sinistro* + *estranho*) e *vagaranha* (*vagabunda* + *piranha*).

Entre os dados analisados, 40 formações são de elementos de uma mesma categoria (*pagofunk*, *pãe*, *namorido*), 16 são de elementos sinônimos (*precinecessário*, *ansinervoso*) e as 44 restantes envolvem outras relações. Apesar de justificarem grande parte dessas formações, nem as relações de hiperonímia e hiponímia, representadas na lógica dos campos lexicais, nem as relações de sinonímia explicam algumas relações que se estabelecem entre os integrantes das palavras-valise, conforme visto em *crionça* (*criança* + *onça*), *cãopanheiro* (*cão* + *companheiro*), *monstruada* (*monstro* + *menstruada*), *jornazista* (*jornalista* + *nazista*) e *paitrocínio* (*pai* + *patrocínio*), que somente são entendidas dentro de um quadro de análise que dê destaque à metáfora e à metonímia na formação de palavras.

## Considerações Finais

O presente trabalho abordou a formação de palavras-valise lexicais em língua portuguesa, fazendo uma revisão bibliográfica acerca do tema, com a identificação das várias nomenclaturas e diversos contextos de utilização. Fez-se uma tentativa de sistematizar essas formações, seguindo critérios fonológicos, morfossintáticos e léxico-semânticos os quais, embora separados por razões metodológicas, não devem ser observados de maneira autônoma. Tudo isso permitiu visualizar que tais construções não são assistemáticas. No que concerne aos aspectos formativos e conceituais, observa-se que, quase sempre, essas palavras são formadas em contextos de semelhança, mesmo quando essa semelhança não é tão evidente.

Como preconizado, o artigo apresentado tem um caráter mais revisionista, por isso não se tem a pretensão de esgotar os debates acerca desse tema, que ainda carece de mais estudos sistemáticos, sendo fundamental, sobretudo, que sejam destacados os mecanismos cognitivos que atuam na formação dessas palavras e como essas palavras têm sido computadas no léxico mental dos falantes.

## REFERÊNCIAS

- ALMAZ, Edwin Fabricio. **Deconstrucción animal**. 2012. 47 p. Tesina para obtener el titulo de licenciado en artes visuales – Escuela de Artes Visuales, Facultad de Artes, Universidad de Cuenca, Cuenca.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- ANDRADE, Elizabeth Machado Baptestini. **Especiação sem barreiras e padrões de diversidade**. 2010. 82 f. Tese (Doutorado em Física) — Instituto de Física Gleb Wataghin, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ARAÚJO, Gabriel Antunes. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 39, p. 5-21, 2000.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss de Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- CARDOSO, Elis de Almeida. **Drummond: um criador de palavras**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2013.

CARROLL, Lewis. **Alice's adventures in Wonderland and through the looking glass**. New York: D. Appleton and CO, 445, Broadway, 1871. Disponível em: <[http://www.gasl.org/refbib/Carroll\\_Alice\\_1st.pdf](http://www.gasl.org/refbib/Carroll_Alice_1st.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2015.

CARROL, Lewis. Aventuras de Alice no país das maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Disponível em: <<https://blogmeumundopretoerosa.files.wordpress.com/2016/03/alice-no-pais-das-maravilhas-atraves-d-lewis-carroll.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

EULÁLIO, Francynny Helena Fonseca. **Artérias dos Lobos Cervicais Tímicos em fetos de Sus scrofa Scrofa X Sus scrofa domesticus (Javaporco)**. 2010. 26 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

FERREIRA, Lídia Masako; HOCHMAN, Bernardo; BARBOSA, Marcus Vinicius Jardimi. **Modelos experimentais em pesquisa**. Acta Cir Bras [serial online] 2005;20 Suppl. 2:28-34.  
GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorino. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 219-242, 2006.

MADUEKE, Sylvia Ijeoma. L'amalgamation lexicale est la fusion d'une ou deux unités sémantiques autonomes. **The Carillon**, University of Regina Student Newspaper, 2013. Disponível em: <<http://www.carillonregina.com/brunch-smog-et-portmanteau-lamalgamation-lexicale-du-francais/>>. Acesso em: 08 ago. 2014.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O léxico de Guimarães Rosa**. São Paulo: Editora Edusp, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

NOVAIS, Carlos Augusto. **As trapças de OCCAM: montagem, palavras-valise e alegoria no *Catatau***, de Paulo Leminski. 2008. 373 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RIO-TORTO, Graça Maria. **Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português**. Lisboa: Porto, 1998.

SÂNDALO, Mônica. Morfologia. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Ed). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v.1.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, Augusto Soares. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

STEINBERG, Martha. **Neologismos de língua inglesa**. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

Recebido em: 01 de setembro de 2016.

Aceito em: 23 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

**Professor, quanto mais cedo é melhor? O papel diferencial da Educação Bilingue**

**Teacher, how much sooner is better? The differential role of the Bilingual Education**

Ricardo Santos David<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é mostrar a importância da educação bilingue no desenvolvimento infantil. A metodologia adotada é uma pesquisa bibliográfica e os resultados da pesquisa evidenciam que a educação bilingue precoce é favorável ao desenvolvimento cognitivo das crianças. Foi demonstrado o impacto positivo do bilinguismo sobre o funcionamento intelectual em relação ao monolinguismo, desde que o mais cedo possível tenha havido para a criança certa quantidade de exposição bilingue. O efeito do bilinguismo precoce será maior em bilíngues que começaram cedo ativamente a utilização de mais do que uma língua na vida. Essa hipótese está de acordo com a volumosa literatura que aborda os efeitos de aquisição precoce no campo da linguagem e no desenvolvimento da alfabetização.

**Palavras-chave:** Ensino; Bilinguismo; Alfabetização; Benefícios.

**ABSTRACT:** The purpose of this study is to show the importance of bilingual education in child development. The methodology adopted is a bibliographical research and the results of the research show that early bilingual education is conducive to children's cognitive development. The positive impact of bilingualism on intellectual functioning in relation to monolingualism has been demonstrated, as long as there has been a certain amount of bilingual exposure for the child as early as possible. The effect of early bilingualism will be greater in bilinguals who have early started actively using more than one language in life. This hypothesis is in agreement with the voluminous literature that deals with the effects of early acquisition in the field of language and in the development of literacy.

**Keywords:** Education; Bilingualism; Literacy; Benefits.

## Introdução

A aprendizagem e a aquisição da segunda língua têm se tornado um tema recorrente de investigação científica, por se tratar de um dos aspectos que estão relacionados ao sucesso profissional do indivíduo dentro do paradigma da globalização. O estudo do bilinguismo tem

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação: Formação de Professores pela Uniatlantico - Espanha. Mestrado em Educação pela mesma instituição. Especialista em literatura e linguística. Professor de língua inglesa e língua portuguesa para a educação infantil, ensino fundamental I e II. E-mail: ricardosdavid@hotmail.com

sido explorado com vistas a ampliar os conhecimentos nessa área, com o intuito de superar as falhas e dificuldades, visando assim promover o aprendizado com qualidade.

Um crescente corpo de pesquisas sugere que os indivíduos bilíngues superam monolíngues em uma variedade de tarefas cognitivas (BIALYSTOK, 2008; CARLSON e MELTZOFF, 2008; COSTA et al, 2008). Essas vantagens, que foram caracterizadas como vantagens no controle cognitivo, têm sido documentadas ao longo da vida, reconhecendo-se que existe uma melhora cognitiva entre crianças pré-escolares expostas precocemente ao bilinguismo (KOVACS e MEHLER, 2009; POULIN-DUBOIS et al, 2011; YOSHIDA et al, 2011; ANTES e MACWHINNEY, 2010).

O presente artigo tem por finalidade mostrar importância da educação bilíngue no desenvolvimento infantil. A parte inicial do trabalho aborda a definição de bilinguismo na concepção de diversos autores. Em seguida discute-se o tema educação bilíngue, abordando sua importância. Na parte final, busca-se refletir se a aquisição de uma segunda língua por crianças é prejudicial ou favorável ao seu desenvolvimento e a inter-relação entre alfabetização e bilinguismo.

Para a elaboração deste estudo foi adotado o método de revisão bibliográfica. Segundo Gil (2002), por esse método busca-se construir o conhecimento científico embasado em fontes de dados como livros, artigos científicos, monografias e teses que abordam o tema escolhido. A proposta consistiu, portanto, em apresentar um estudo bibliográfico com argumentação de autores acerca deste assunto específico, qual seja a educação bilíngue na infância.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada a coleta de dados secundários. De acordo com Yin (2005), dados secundários serão levantados por meio de uma revisão bibliográfica para a realização da fundamentação teórica. Assim, o acesso aos dados foi por meio da web, se constituindo de artigos, teses, dissertações científicas publicados sobre a temática. Quanto ao tratamento dos dados consistiu em uma abordagem qualitativa.

## Bilinguismo e Educação Bilíngue

Conhecer as definições sobre bilinguismo na perspectiva de diversos autores contribui para compreender acerca da aprendizagem e da aquisição da segunda língua. Foi a

partir do século XX que se buscou definir o bilinguismo com maior precisão. Hornby (1977, p. 8) explica que o bilinguismo trata-se de:

Situação linguística em que duas línguas coexistem na mesma comunidade ou em que um indivíduo apresenta competência gramatical e comunicativa em mais do que uma língua. O bilinguismo costuma ser considerado como um contínuo linguístico, situado entre dois extremos teóricos, o de competência mínima e o de competência nativa.

Na concepção de Perri (2013), o bilinguismo é concebido como sendo a capacidade que tem o indivíduo de estabelecer comunicação em duas línguas distintas, de forma alternada, sendo capaz de escrever, ler, entender e falar, com controle quase total, nessas duas instâncias comunicativas.

Em seu estudo sobre “Bilinguismo e Educação Bilíngue”, Megale (2005, p. 2) assevera que “bilíngue é o indivíduo que possui competências mínimas em falar, ouvir, ler e escrever em uma língua diferente de sua língua nativa”. Na concepção de Myers-Scotton (2006 apud Salgado et al, 2009, p. 3),

Falar somente uma língua, tipicamente a língua que se adquire como sua primeira língua ou ‘língua materna’ (geralmente a língua falada em casa, pela família) é chamado de monolinguismo. Bilinguismo é o termo usado para a situação em que o indivíduo fala duas ou mais línguas.

Cañete (2008), embasado na teoria de Appel e Muysken (1996), afirma que o bilinguismo se refere à pessoa que é capaz de aplicar duas ou mais línguas, sendo que, além disso, deve saber ouvir, falar, compreender e ler em uma segunda língua. Conforme Megale (2005), os estudos sobre bilinguismo devem considerar os seguintes aspectos:

- **Grau de proficiência:** o conhecimento do indivíduo sobre as línguas em questão deve ser avaliado.
- **A função e o uso das línguas:** situações nas quais o indivíduo faz uso das duas línguas também devem ser objeto de estudo, ao conceituar o bilinguismo.
- **Alternância de código:** deve ser estudado como e com qual frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra.
- **Fenômeno da interferência:** deve ser estudado como uma língua influencia a outra e como uma interfere na outra.

Conforme Salgado et al (2009), admite-se que o bilinguismo reconhece como bilíngues aqueles que conseguem compreender ou produzir enunciados falados ou escritos em qualquer grau em mais de uma língua. Dessa forma, os indivíduos que podem ler uma segunda língua, porém não sabem falar essa língua, também podem ser considerados como bilíngues, pois são consideradas como tendo competência receptiva numa segunda língua. Isso significa que não são monolíngues, já que estes possuem habilidade receptiva ou produtivas somente em sua língua materna.

### Educação Bilíngue

A aquisição da primeira língua, a língua materna, é feita de modo natural. O inatismo, como é denominado, é o meio segundo o qual a criança é exposta ao *input* e desenvolve a linguagem. A criança aprende a sintaxe de sua língua de forma natural, sem ter a necessidade de ser ensinada (CHOMSKY, 1977).

O inatismo defendido por Chomsky em uma teoria da aprendizagem pressupõe a existência de estruturas relacionadas a mecanismos cerebrais e às capacidades cognitivas, ou seja, o conjunto de capacidades cognitivas humanas possui uma estrutura fundamental, determinada biologicamente, que mantém estreita relação com a capacidade linguística (SELL, 2002).

Mello (2010, p. 128) relata que:

A educação bilíngue está diretamente relacionada à história, à ideologia e à organização sociopolítica de um povo e, por isso, segue caminhos diferentes. São esses diversos caminhos que deram origem aos diferentes modelos e tipos de programas de ensino bilíngue que focalizamos a seguir.

Sob a visão inatista de Chomsky, todo indivíduo já nasce geneticamente provido com uma gramática na qual se encontram todas as regras possíveis de todas as línguas, ou seja, uma gramática universal. É por meio da Gramática Universal que o indivíduo seleciona códigos e signos desencadeantes do sistema linguístico da língua materna. Nessa perspectiva, Cañete (2008) aponta que o indivíduo realiza operações mentais as quais transformam a gramática universal na gramática da língua a que está exposto. Silva (2011, p.4), por sua vez, afirma que:

Segundo a visão inatista da linguagem, criança detém certa gramaticalidade da sua língua materna, é isso que a faz ser capaz de gerar sentenças de acordo com as regras vigentes da sua língua, mesmo que jamais tenham sido ouvidas daquela maneira, desenvolvendo assim uma característica que sempre esteve presente em sua mente, ou seja, o processo da gramática gerativa transformacional.

Assim sendo, quando a criança passa a incorporar como modelo algumas estruturas da língua-mãe, não é porque tenha ocorrido imitação, mas sim em virtude de ter ocorrido a incorporação de novos modelos de regras para sua língua.

A educação bilíngue pode ser aplicada a diferentes contextos e para diferentes tipos de alunos. Existem variações de programas, os quais são denominados de imersão, a saber: educação bilíngue transicional ou educação bilíngue de manutenção (educação bilíngue compensatória ou assimilacionista/segregacionista/imersão estruturada), educação bilíngue desenvolvimental (educação de língua abrigada), manutenção pluralística ou de grupo (MELLO, 2010).

Ainda de acordo com Mello (2010, p. 120):

A própria expressão educação bilíngue tem sido usada de maneira abrangente para caracterizar diferentes formas de ensino nas quais os alunos recebem instrução (ou parte da instrução) numa língua diferente daquela que normalmente eles usam em casa. Vários são os modelos e tipos de educação bilíngue. Eles, porém, diferem quanto aos objetivos, às características dos alunos participantes, à distribuição do tempo de instrução nas línguas envolvidas, às abordagens e práticas pedagógicas, entre outros aspectos do uso das línguas e do contexto em que estão inseridos.

É importante esclarecer que no Brasil a educação bilíngue está relacionada à educação indígena ou às línguas inglês, francês e espanhol as quais possuem prestígio internacional, sendo denominada de educação bilíngue de elite (MELLO, 2010).

A aquisição precoce de uma segunda língua por crianças: prejudicial ou favorável?

Ainda nos dias atuais há uma preocupação por parte dos pais e de professores se o bilinguismo pode afetar a cognição e o desenvolvimento da linguagem na infância. Cabe ressaltar que durante décadas vários estudos foram desenvolvidos sobre a educação bilíngue,

sendo que inicialmente havia o pensamento de que o bilinguismo era nocivo para o desenvolvimento infantil (SANTOS, 2013).

Nos anos de 1960 foram desenvolvidos os programas no Canadá para imersão francesa de crianças que falavam a língua anglo-fônica. Foi a partir disso que se buscou uma nova compreensão sobre os resultados da educação bilíngue para crianças (SANTOS, 2013). Em 1962, Elizabeth Peal e Wallace Lambert realizaram diversos testes escolares, pelos quais ficou demonstrada a superioridade geral do bilíngue em comparação com o monolíngue (BIALYSTOK, 2011; MARTINS, 2007).

O debate atual sobre o bilinguismo abarca o questionamento se a aprendizagem da segunda língua deverá ocorrer o quanto mais cedo, ou seja, o mais precoce possível. Dessa forma, a compreensão sobre os efeitos do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo da criança tem sido o enfoque de muitas pesquisas científicas, contudo também tem mostrado ser uma tarefa árdua, já que nos relatos da literatura ainda existem muitas contradições acerca dos benefícios do início da educação bilíngue na fase precoce (NOBRE; HODGES, 2010).

Numa perspectiva histórica a educação bilíngue foi considerada nociva para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Foram realizados estudos que demonstravam o bilinguismo estando associado com mudanças de personalidade, com baixo quociente intelectual e também com a confusão linguística. Diante disso, criou-se o mito de que a educação bilíngue precoce seria prejudicial para a criança. Aliado a isso, não havia um real entendimento sobre questões culturais, sociais e econômicas que estavam envolvidas na pesquisa. Eram fatores que impediam o esclarecimento sobre as especificidades da cognição das crianças bilíngues (NOBRE; HODGES, 2010).

Segundo Nobrega e Hodges (2010, p. 6), as principais vantagens do bilinguismo são:

[...] relacionamento com pais, família e amigos, comunicação com pessoas de outras nacionalidades e etnias; sensibilidade para línguas e comunicação; maior conhecimento cultural e com isso maior visão de mundo, entre outros.

Em seu estudo sobre bilinguismo na infância, Bialystok (2008) questiona se este é bom, mau ou indiferente. Para responder a esse questionamento, a autora relata que há evidências crescentes de que várias experiências têm um efeito significativo sobre o desenvolvimento comportamental, neuropsicológico e aspectos estruturais do desempenho cognitivo dos indivíduos, pois conexões neurais podem ser modificadas. Essas mudanças estruturais acarretadas pela experiência também são observadas em pessoas que falam uma

segunda língua, pois foi demonstrado que há um aumento da densidade de matéria cinzenta (conexões neurais) no lado esquerdo inferior do córtex parietal língua (MECHELLI et al., 2004).

Bialystok (2008) lembra que essa mudança de estrutura é mais evidente em bilíngues precoces e naqueles com maior proficiência na segunda. Estudos de neurociências e aprendizagem demonstram que essa região é sensível à aquisição de vocabulários monolíngues e bilíngues (GREEN et al, 2007). A experiência tem um efeito poderoso no desempenho cognitivo, estrutura e organização do cérebro, de modo que o bilinguismo é uma dessas experiências que influenciam em resultados cognitivos positivos (BIALYSTOK, 2008).

Conforme Struys (2013) uma das características mais marcantes do processamento da linguagem do ser humano é a capacidade para acomodar dois ou mais idiomas em um cérebro. Isso aumenta a flexibilidade linguística, porque permite se adaptar a uma ampla gama de situações comunicativas.

Em estudo recente sobre os impactos do bilinguismo para o desenvolvimento infantil Yang e Yang (2016) investigaram a influência do aprendizado da segunda língua sobre o sistema de atenção em um grupo de crianças, jovens e adultos linguística e culturalmente homogêneos. As crianças estavam na faixa etária de 5 a 6 anos. Foram observados efeitos bilíngues vantajosos sobre a atenção nos níveis de processamento globais de eficiência, tempo de resposta e precisão em uma magnitude mais pronunciada em crianças do que em jovens e adultos.

Nesse sentido, Ferronato e Gomes (2008, p. 4) explicam:

O desenvolvimento da linguagem bilingue em crianças pré-escolares pode divergir do desenvolvimento monolíngue em aspectos superficiais, mas fundamentalmente os processos são idênticos. As crianças bilíngues empregam as mesmas estratégias de aquisição que as crianças monolíngues, sendo, porém, capazes de utilizar seus sistemas linguísticos em desenvolvimento de maneira diferenciada sob o ponto de vista contextual.

Com base em evidências anteriores mostrando um efeito benéfico do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo das crianças, Bialystok et al. (2012) realizaram um estudo para examinar os efeitos do bilinguismo na cognição e explorar possíveis mecanismos para esses efeitos. A referida pesquisa mostrou que o bilinguismo tem um papel relevante na proteção

contra o declínio cognitivo. Discute-se, pois, a evidência recente de que bilinguismo está associado com um atraso no aparecimento de sintomas de demência.

Flory e Souza (2014, p.7) expõem em seu estudo as principais vantagens do bilinguismo precoce:

a) mostram vantagens consistentes em tarefas envolvendo habilidades verbais e não-verbais; b) mostram habilidades metalinguísticas avançadas, especialmente manifestada em seu controle sobre o processamento da língua; c) as vantagens cognitivas e metalinguísticas aparecem em situações bilíngues que envolvem o uso sistemático das duas línguas (como a aquisição simultânea ou a educação bilíngue); d) os efeitos positivos do Bilinguismo aparecem relativamente cedo no processo de tornar-se bilíngue e não requerem alto nível de proficiência, nem que se tenha alcançado o Bilinguismo Balanceado.

Se o bilinguismo tem um efeito positivo sobre o funcionamento intelectual e com relação ao monolinguismo, espera-se que uma certa quantidade de exposição bilíngue seja necessária para se observar a vantagem assumida (PAAP; GREENBERG, 2013). Logicamente, essa diferença dependerá da idade inicial de exposição a várias línguas. O efeito bilinguismo precoce será maior em bilíngues que começaram ativamente a utilização de mais do que uma língua cedo na vida. Essa hipótese está de acordo com a vasta literatura que aborda os efeitos de aquisição precoce no campo da linguagem e no desenvolvimento da alfabetização (KOVELMAN et al., 2008; SUNDARA et al., 2006; UCCELLI; PÁEZ, 2007).

Diante de pesquisas realizadas constata-se que existem muitos argumentos favoráveis para expor a criança à educação bilíngue o quanto mais cedo possível. Aliado a isso existe também o crescente número de crianças que estão se desenvolvendo em contexto bilíngue, inclusive na escola, por exigência curricular. Entretanto, ainda existe também o receio de que o bilinguismo provoque conflitos no processo de escolarização e, dessa forma, termine sendo prejudicial para a criança. Em face desse conflito, se torna necessário produzir mais conhecimento acerca da influência do aprendizado precoce de uma segunda língua para o desenvolvimento da cognição infantil, além de discutir a relação entre alfabetização e bilinguismo.

## Alfabetização e Bilinguismo

A aquisição de uma segunda língua pode se dar em um ambiente formal ou não. No contexto escolar a criança aprenderá uma nova língua por meio de instrução em sala de aula. No meio institucional a aprendizagem de uma segunda língua pode ser mesclada com a aprendizagem da linguagem escrita, qual seja a alfabetização.

No contexto formal o ensino da segunda língua integrado à alfabetização, os conteúdos e tarefas são realizados no sentido de expor a criança a situações reais de comunicação em segunda língua (DORNELAS, 2011). Cañete (2008, p. 18) afirma que:

Em contextos formais na sala de aula normalmente é regulado a quantidade de input a ser exposto o estudante, mas há casos autodidatas em que o sujeito adquire a segunda língua por meio de materiais específicos.

No espaço escolar o processo de aquisição da linguagem é realizado gradualmente, constituindo-se a base simbólica essencial para a criança se desenvolver, visando à promoção da construção de conhecimentos. Dessa forma, tanto a linguagem quanto a língua são pilares centrais em qualquer contexto educacional (LACERDA et al., 2013).

O documento recente do Ministério da Educação (MEC) sobre a educação bilíngue, explicita que, de acordo com a 24.<sup>a</sup> Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, promovido pela UNESCO em Barcelona em 1996, “todas as comunidades linguísticas têm direito a decidir qual deve ser o grau de presença da sua língua, como língua veicular e como objeto de estudo, em todos os níveis de ensino no interior do seu território: pré-escolar, primário, secundário, técnico e profissional, universitário e formação de adultos” (THOMA et al., 2014).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), em relação à valorização de diferentes culturas no ensino infantil, declara que “conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998). Sobre esse tema se posiciona a organização das Escolas Bilíngues do Estado de São Paulo (OEBI, 2007):

A proposta pedagógica das escolas bilíngues contempla uma maneira de educar que leva o aluno a interagir na prática com um contexto planetário, seguindo a tendência de globalização que espera da escola a formação de homens preparados para atuarem como cidadãos do mundo. O particular e o universal são trabalhados com bastante eficácia, inclusive, porque a barreira da língua já é ultrapassada no cotidiano de sala de aula.

Na perspectiva de Andreis-Witkosk (2013), o ensino do bilinguismo no Ensino Fundamental é importante, pois a língua contribui para a formação identitária, sendo decisiva para o desenvolvimento cognitivo das crianças e ao seu potencial de aprendizagem. Isso posto, no contexto escolar os professores utilizam a língua oral, escrita e auditiva, para promover o ensino do bilinguismo, buscando integrar todos os alunos nesse processo de aprendizagem.

Salgado et al. (2009) lembram que atualmente no Brasil há muitas escolas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio que apresentam uma proposta bilíngue. Existem também diversos cursos livres de idiomas que buscam desenvolver a condição de bilíngues em seus alunos durante um curto espaço de tempo. Com relação à formação do professor para o ensino do bilinguismo na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, Salgado et al. (2009, p. 4) advertem:

Não basta hoje ter competência linguística somente para ensinar uma língua estrangeira ou uma segunda língua. O professor deve ser preparado para, além de lecionar “a” língua e “na” língua, ser um pesquisador de sua prática pedagógica. Idealmente, esse professor deve ser capacitado a investigar também as questões sociais e psicológicas que envolvem sua prática.

No que se refere à educação bilíngue na educação infantil nas escolas brasileiras, observa-se que, em razão da grande expansão tecnológica e da comunicação mundial, surgiu a necessidade de se ter domínio com diferentes línguas, em especial a língua inglesa. Nesse cenário cultural, social e econômico surge também a demanda pela aprendizagem de línguas nas escolas, para favorecer o ensino da segunda língua, a qual vem sendo usada como meio de comunicação no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, em conjunto com a alfabetização e o letramento (FÁVARO, 2009).

### Considerações Finais

Os resultados deste estudo evidenciam que a educação bilíngue precoce é favorável ao desenvolvimento cognitivo das crianças. Foi demonstrado o efeito positivo do bilinguismo sobre o funcionamento intelectual em relação ao monolinguismo, desde que a criança tenha sido exposta o mais cedo possível a certa quantidade de exposição bilíngue.

Conforme foi constatado no presente estudo o bilinguismo precoce é benéfico para o desenvolvimento cognitivo das crianças, revelando-se também que o ensino do bilinguismo no Ensino Fundamental é importante, pois a língua contribui para a formação identitária, sendo decisiva para o desenvolvimento cognitivo das crianças em seu potencial de aprendizagem.

A partir dos dados analisados na literatura verificou-se que o efeito bilinguismo precoce será maior em bilíngues que começaram ativamente a utilização de mais do que uma língua cedo na vida. Isso sugere, evidentemente, um olhar cada vez mais cuidadoso dos pesquisadores e educadores para esse novo contexto comunicativo que envolve o conhecimento de novas línguas e, portanto, de novas práticas educativas.

## REFERÊNCIAS

APPEL, René, MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1996.

BIALYSTOK, E. (2008). Bilingualism: the good, the bad, and the indifferent. **Bilingualism Language Cogn.** 12 (1), 3-11.

BIALYSTOK, E et al. Bilingualism: consequences for mind and brain. **Trends in Cognitive Sciences**. Volume 16, Issue 4, April 2012, Pages 240–250.

BIALYSTOK, E. Aquisição do segundo idioma e bilinguismo na primeira infância e seu impacto sobre o desenvolvimento cognitivo inicial. In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância** [on-line]. Montreal, Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development; 2011:1-5.

CAÑETE, Greici Lenir Reginatto. **Educação bilíngue: uma experiência em Porto Alegre**. Centro Universitário La Salle - Unilasalle. Canoas-RS, 2008. Disponível em: <[http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/tcc/graduacao/letras/2008/glrcanete.pdf](http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/letras/2008/glrcanete.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA A et al. On the bilingual advantage in conflict processing: Now you see it, now you don't. **Cognition**.2009.

DORNELAS, Andréia Lopes. **Bilinguismo: contatos em conflito**. Centro Universitário Adventista De São Paulo-Campus Engenheiro Coelho, Engenheiro Coelho, 2011. Disponível em: <<https://getiunasp.files.wordpress.com/2013/09/tcc-bilinguismo-contatos-em-conflito.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2016.

FERRONATTO, Bianca Correia; GOMES, Erissandra. Um caso de bilinguismo: a construção lexical, pragmática e semântica. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 22-28, Mar. 2008.

FLORY, Elizabete Villibor; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Influências do Bilinguismo Precoce sobre o desenvolvimento Infantil: Vantagens, Desvantagens ou Diferenças? **Revista Intercâmbio**, volume XIX: 41- 61 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GREEN, D. W. et al. Exploring cross-linguistic vocabulary effects on brain structures using voxel-based morphometry. **Bilingualism: Language and Cognition**, 10, 189–199, 2007.

HORNBY, Peter A. **Dicionário de Termos Linguísticos**, 1977. Disponível em: <[http://www.ait.pt/recursos/dic\\_term\\_ling/dtl\\_pdf/B.pdf](http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/dtl_pdf/B.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2016.

KOVÁCS AM, MEHLER J. Cognitive gains in 7-month-old bilingual infants. PNAS Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America. 2009

KOVELMAN, I. et al. Bilingual and monolingual brains compared: a functional magnetic resonance imaging investigation of syntactic processing and a 284 possible "neural signature" of bilingualism. **Journal of cognitive neuroscience**, 153- 169, 2008.

MARTINS, M. G. L. **Uma experiência de desenvolvimento de projetos didáticos na educação infantil bilíngue**. USP, Faculdade de Educação, Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007

MECHELLI, A et al. Structural plasticity in the bilingual brain. **Nature**, 431, 757, 2004.

MEGALE, Antonieta Heyden. “Bilinguismo e Educação Bilíngue-Discutindo Conceitos”. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL**. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

NOBRE, Alena Pimentel Mello; HODGES, Luciana Vasconcelos dos Santos. A relação bilinguismo-cognição no processo de alfabetização e letramento. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 180-191, dez. 2010.

PAAP, K., & Greenberg, Z. (2013). There is no coherent evidence for a bilingual advantage in executive processing. **Cognitive psychology**, 232-258.

PERRI, Mariana. **A alfabetização em escolas bilíngues: possibilidades e consequências**, 2013. Disponível em: <<http://pedagogiaaopedaleta.com/a-alfabetizacao-em-escolas-bilingue-possibilidades-e-consequencias/>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SANTOS, Thaís Cristine dos. **A aquisição de uma segunda língua por crianças na educação infantil bilíngue**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. Disponível em: <[http://www.dfe.uem.br/TCC-2013/Trabalhos2013/THAIS\\_CRISTINE\\_SANTOS.pdf](http://www.dfe.uem.br/TCC-2013/Trabalhos2013/THAIS_CRISTINE_SANTOS.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SILVA, Beatriz da. **Desenvolvimento da linguagem**: uma proposta inatista. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Disponível em: <

[http://www.filologia.org.br/iiiijnflp/textos\\_completos/pdf/Desenvolvimento%20da%20linguagem-%20uma%20proposta%20inatista%20-%20BEATRIZ.pdf](http://www.filologia.org.br/iiiijnflp/textos_completos/pdf/Desenvolvimento%20da%20linguagem-%20uma%20proposta%20inatista%20-%20BEATRIZ.pdf)

>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SELL, Sérgio. **Chomsky e o inatismo cartesiano**. WORKING PAPERS EM LINGÜÍSTICA, UFSC, N.6, 2002

SUNDARA, M., Polka, L., & Genesee, F. (2006). Language-experience facilitates discrimination of /d- ð/ in monolingual and bilingual acquisition of English. **Cognition**, 369-388.

UCCELLI, P., & Paez, M. (2007). Narrative and vocabulary development of bilingual children from kindergarten to first grade: Developmental changes and associations among English and Spanish skills. **Language, Speech, and Hearing Services in Schools**, 225- 236.

YANG S; YANG H. Bilingual effects on deployment of the attention system in linguistically and culturally homogeneous children and adults. **J Exp Child Psychol**. 2016 Jun; 146:121-36.

YIN, R.K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YOSHIDA H et al. Inhibition and adjective learning in bilingual and monolingual children. **Frontiers in Developmental Psychology**.2011; 2:210.

Recebido em: 27 de setembro de 2016.

Aceito em: 20 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## O caráter gradiente vs. discreto na palatalização de oclusivas em Sergipe

### The gradient character vs. discrepancy in the palatalization of occlusives in Sergipe

Raquel Meister Ko Freitag<sup>1</sup>  
Gládisson Garcia Aragão Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** A análise da variação entre as oclusivas alveolares /t/ e /d/ e das africadas /tʃ/ e /dʒ/ diante da vogal alta anterior não arredondada /i/ requer procedimentos para a transformação de uma variável dependente de natureza contínua, apresentando gradiência, em discreta. O aparato teórico metodológico da Sociolinguística Variacionista e da Fonologia de Usos é evocado para explicar, a partir da análise espectrográfica, a transformação de variáveis contínuas em discretas.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Fonologia de Usos. Variável dependente. Palatalização.

**ABSTRACT:** The analyzes of variation between the alveolar stops /t/ and /d/ and affricate /tʃ/ and /dʒ/ before high front vowel not rounded /i/ request the procedures for the transformation of continuous dependent variable into discrete, in order to provide a sociolinguistic approach. Sociolinguistics Variacionist and Phonology of Usage are evoked to explain this transformation, based on the results of a spectrographic analysis.

**Keywords:** Sociolinguistic Variacionist. Phonlogy of Usage. Depentent variable. Palatalization.

## Introdução

A sociolinguística variacionista opera com uma metodologia que visa investigar os efeitos das variáveis independentes sobre uma variável dependente. Para a análise estatística inferencial, o programa Varbrul, em suas diferentes versões – a mais recente para máquinas PC é o Gold VarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 1995) – realiza uma regressão logística com o cálculo de desvio da média ponderada. Esse modelo costuma ser utilizado para investigar, dentro de um conjunto de possíveis variáveis independentes contínuas ou

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: rkofreitag@uol.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: gladissonsouza@gmail.com

discretas, quais estão associadas à ocorrência da variável dependente discreta, cujos resultados são calculados em função de um valor de aplicação.

Uma das premissas para o procedimento é que a variável dependente seja discreta; e, para a análise utilizando-se máquinas PC, binária, em função das limitações dessa versão do software para operar com variáveis dependentes enébricas. Mas o que fazer quando a variável dependente é de natureza contínua, apresentando gradiência? Este texto apresenta os procedimentos adotados para a operacionalização de uma variável dependente essencialmente contínua para operar em um modelo discreto. O fenômeno em questão é o processo de palatalização de oclusivas alveolares em ambiente seguido por /i/.

O processo fonológico da palatalização é resultado de uma mudança articulatória em que o articulador ativo (a língua) levanta em direção ao articulador passivo (palato duro). A característica em questão refere-se ao processo assimilatório em que as consoantes /t/ e /d/ assimilam tal característica articulatória da vogal alta seguinte, /i/, como em *tia* [tʃia], *dia* [dʒia], ou [i] derivado de /e/, como em *parte* [partʃi], *onde* [ondʒi].<sup>3</sup>

A variação entre a realização oclusiva e a realização africada no ambiente linguístico em questão, resultado do processo de palatalização, já foi alvo de diversos pesquisadores nas diferentes regiões do Brasil (HORA, 1990; ABAURRE, PAGOTTO, 2002; BATTISTI et al. 2007; PIRES, 2007; MATTÉ, 2009; SOUZA NETO, 2014, entre outros). O foco desta análise foi a investigação da variação entre as oclusivas alveolares /t/ e /d/ e das africadas /tʃ/ e /dʒ/ diante da vogal alta anterior não arredondada /i/, no português falado em três comunidades linguísticas do estado de Sergipe – Aracaju, Lagarto e Itabaiana –, que compõem a amostra do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, MARTINS, TAVARES, 2012; FREITAG, 2013).

Para operacionalizarmos o modelo estatístico, discutimos a noção de variação pelo viés da Sociolinguística Variacionista e buscamos um modelo teórico que contemplasse a possibilidade de transformação de variáveis contínuas em discretas, a Fonologia de Usos.

## A Sociolinguística Variacionista

A diversidade linguística no Brasil compreende a dinâmica tanto regional quanto social, em todos os níveis da gramática, do fonético-fonológico, morfológico, sintático,

---

<sup>3</sup> Tal processo assimilatório ocorre também depois da semivogal palatal /j/ (muito, doido) (MOTA, 2008; FREITAG, 2015). Entretanto, esse contexto não é foco do presente estudo.

semântico, discursivo e lexical. A variação é desvelada cientificamente por meio dos estudos sociolinguísticos.

Os estudos sociolinguísticos tiveram como principal precursor o linguista norte-americano William Labov, que desenvolveu, em meados da década de 1960, o modelo teórico metodológico da Teoria da Variação e Mudança, conhecida também como Sociolinguística Variacionista. Essa abordagem procura explicar os fenômenos linguísticos, considerando a natureza probabilística do sistema.

Tais estudos tomam por base as relações intrínsecas entre língua e sociedade. Nessa perspectiva, a língua é assumida como heterogênea, uma vez que é variável, e sofre constantes modificações em suas estruturas heterogêneas, fazendo parte do meio cultural e social do indivíduo. A heterogeneidade linguística proporciona ao falante um conjunto de alternativas as quais podem ser condicionadas a restrições, no que se refere ao contexto linguístico e social. Ao adotarmos tal perspectiva defendida por Labov (1972), tomamos a língua como um fenômeno social e cultural, conduzida por normas sociais que regulam o comportamento linguístico, rica em variações suscetíveis de serem mensuradas e sistematizadas por meio do levantamento estatístico das ocorrências variáveis presente no vernáculo dos sujeitos.

Assim, a perspectiva Sociolinguística Variacionista tem por objeto de estudo os padrões de comportamentos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala, analisando as relações entre a variável linguística e o fator social, sendo o contexto social anterior à fala. Em relação à língua na comunidade de fala, o autor destaca o seguinte:

A comunidade de fala não está definida por um contrato marcado na utilização de elementos da língua, tanto como pela participação em um conjunto de normas comuns; essas normas podem ser observadas em tipos evidentes de comportamento avaliativo, e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariáveis a níveis específicos de uso (LABOV, 1968, p.120-121)<sup>4</sup>

Por comunidade de fala entende-se como um grupo de falantes que não só possuem características linguísticas comuns. A comunidade de fala é aquela em que os falantes compartilham entre si normas comuns e atitudes sociais perante uma língua, levando em conta a uniformidade de padrões linguísticos. Segundo Severo (2008), o conceito laboviano de

---

<sup>4</sup> The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms; these norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant to respect to particular levels of usage” (LABOV, 1968, p.120-121).

comunidade de fala está fundamenta em dois aspectos: nas atitudes dos falantes em relação à língua e nas regras gramaticais que eles compartilham. Dessa forma, os membros de uma comunidade necessariamente não precisam apresentar as mesmas características linguísticas, ou seja, não necessitam falar da mesma forma, já que eles compartilham apenas uma série de avaliações sobre a comunidade de fala; e o que distingue uma comunidade fala de outra são as diferenças gramaticais, e não apenas a frequência de fenômeno variável. Uma comunidade de fala é constituída por falantes que compartilham traços linguísticos entre si que os caracterizam frente a outras comunidades. Esses falantes mantêm uma alta “frequência de comunicação entre si” e compartilham as mesmas normas e atitudes em relação ao uso da linguagem.

Em comunidades de fala os estudos sociolinguísticos têm como objetivo analisar e descrever as principais características que um grupo de indivíduos pertencentes à mesma comunidade de fala compartilham entre si e quais os fatores que influenciam na variação e na mudança linguística.

Como a língua não é propriedade do indivíduo, e sim da comunidade, a partir do estudo na comunidade de fala é possível estabelecer quais as normas linguísticas que os informantes compartilham entre si, especialmente no que diz respeito à realização variável entre as oclusivas e as africadas palato-alveolares em Sergipe, considerando as três comunidades de fala sob análise e o que as distingue uma das outras no tocante a essa variação.

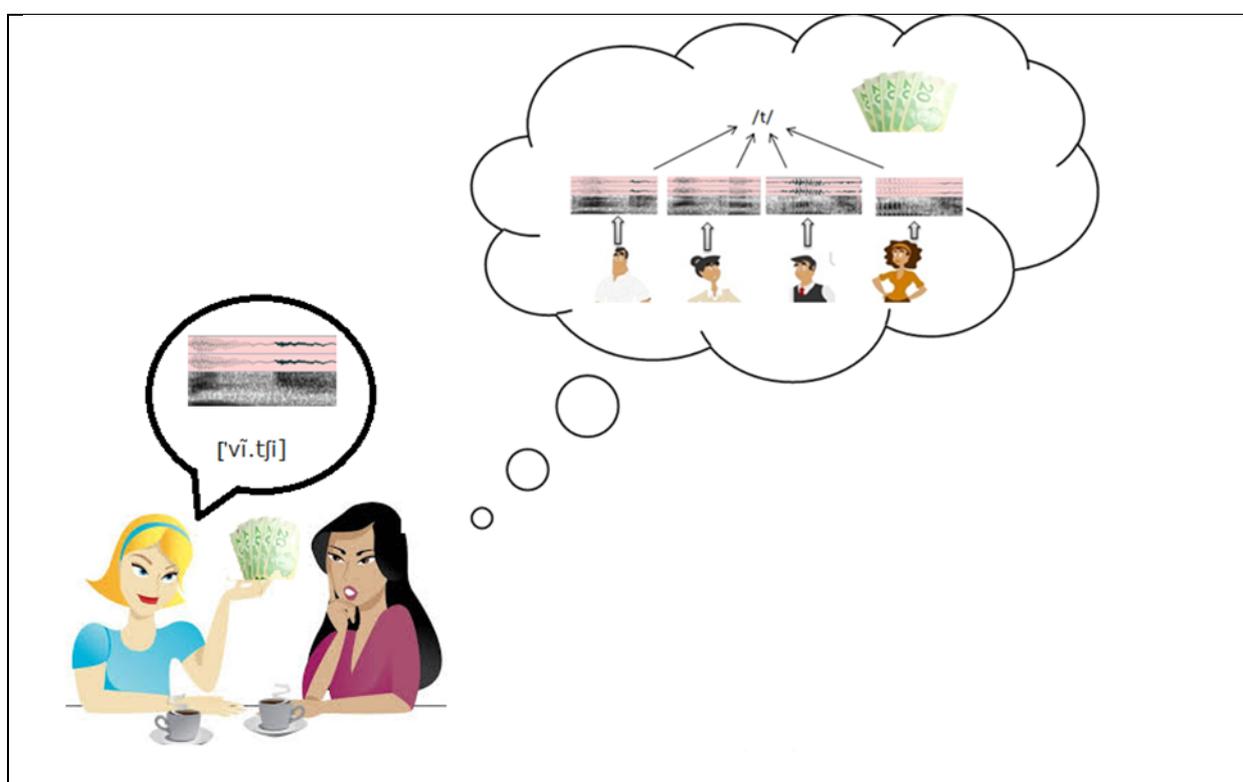
## A Fonologia de Usos

Para a Fonologia de Uso, a experiência linguística do indivíduo influencia o seu padrão sonoro. Tal teoria, proposta por Bybee (2001), parte da premissa de que a língua é moldada pelo uso e que a experiência do falante afeta os mecanismos de variação linguística e a forma como os itens lexicais são armazenados. Nesse modelo, palavras com significados semelhantes são alojadas umas próximas das outras no léxico mental e, quando uma palavra é acessada, ativa automaticamente outras palavras similares.

As mudanças sonoras foneticamente motivadas tendem a ser afetadas primeiramente: quanto mais uma palavra é usada, mais chances ela tem de ser modificada. Já as mudanças sonoras sem motivação fonética mudam primeiro devido à pouca frequência, tendo uma representação mais fraca na memória. Os pressupostos teóricos da Fonologia de Uso

acrescentam um ponto fundamental ao estudo da variação sonora, ao propor que ela seja representada na memória, ativada e acessada pelo falante/ouvinte.

A perspectiva teórica da Fonologia do Uso assume que a experiência é crucial para a organização do conhecimento linguístico e fonológico. Sugere ainda que o conhecimento linguístico seja organizado probabilisticamente (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2012), assim como a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972). Ambas as teorias consideram o uso social e a interação como modeladores da língua. No modelo baseado no uso, a representação cognitiva de uma palavra é constituída por um conjunto de exemplares de palavras vivenciado pelos falantes, e esses exemplares são armazenados em rede de associação entre palavras que mapeia as similitudes nos diferentes níveis, conforme se observa na figura 1.



**Figura 1:** Exemplar da representação mental da palavra 'vinte' adaptado de Drager, K. and M.J. Kirtley

Dessa forma, considera-se que o indivíduo apresenta representações linguísticas múltiplas, e que a variação linguística armazenada na memória, acessada e atualizada de acordo com a experiência do falante. Na medida em que o falante faz uso daquela determinada variante, o indivíduo vai adquirindo traços fonéticos de forma gradual. Nesse modelo, a experiência que o falante tem com a língua e a forma como processa a variação linguística têm impacto na sua representação, na forma como armazena os itens lexicais.

Diferentes realizações fonéticas podem ser correlacionadas a uma única representação mental (com valores sociais e contextuais específicos). De certo modo, podemos entender esse processo como a transformação de uma variável contínua em discreta, já que são minimizados os efeitos de representações sonoras gradientes. Valemo-nos dessa premissa para operar o conceito de regra variável na palatalização, com a transformação de uma variável dependente essencialmente contínua em discreta. A análise acústica dos dados permite identificar a gradiência das variantes e a adoção de critérios para a transformação de variantes contínuas em discretas.

### Análise Acústica

A fonética acústica é a ciência que tem por objeto de estudo os sons da fala e o modo como eles são formados acusticamente. As propriedades acústicas dos sinais da fala explicam a relação existente entre a produção da voz pelo falante e sua compreensão pelo ouvinte, tendo em vista que os mecanismos de percepção captam a pressão das ondas sonoras que constituem a fala.

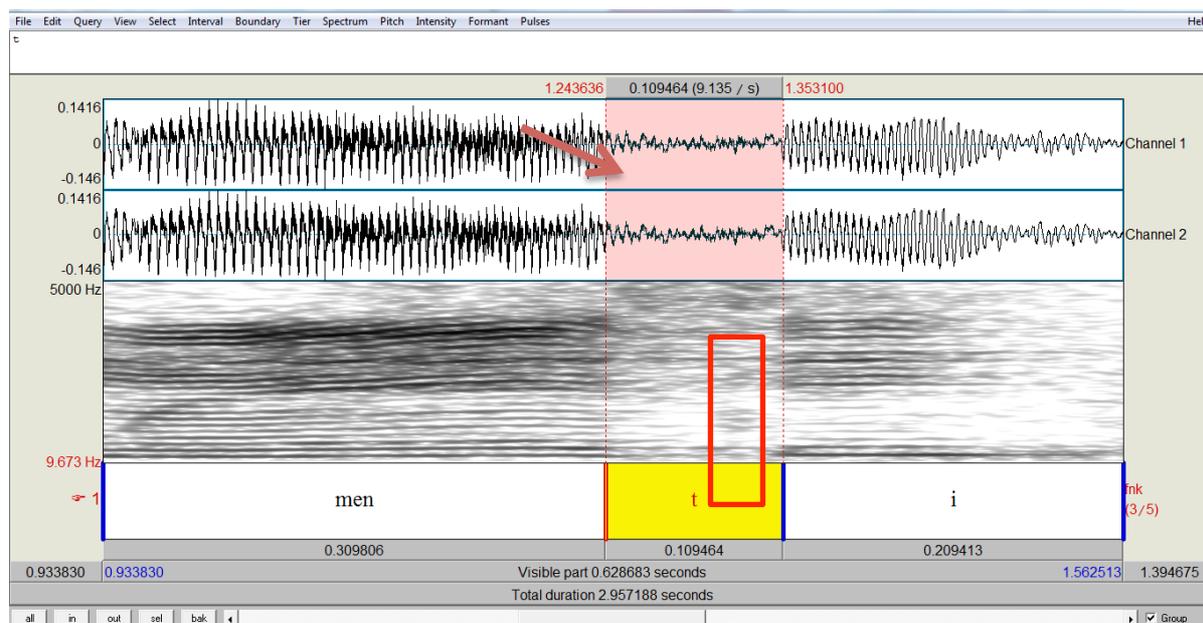
Como o pressuposto da Fonologia de Uso é de que a mudança se instala de forma gradiente, existe a possibilidade de entre uma realização de oclusiva simples e uma oclusiva africada haver uma gama de realizações intermediárias. Partimos da análise acústica, para que possamos observar essa gradiência entre oclusivas simples e africada. As oclusivas apresentam um aspecto descontínuo, apresentam um espaço praticamente em branco, constituindo uma oclusão, uma porção do sinal sem energia sonora. Já as africadas possuem como características um bloqueio durante sua produção, sendo que na fase final ocorre uma fricção decorrente da passagem da corrente de ar.

Com o objetivo de analisar aspectos acústicos dos segmentos que constituem a amostra, foram analisadas amostras de fala dos informantes. Destacamos ainda nossa dificuldade, devido à qualidade acústica das gravações, decorrente do ruído do ambiente, o ruído da rua e a outras interferências as quais reduzem o valor fonético dos dados.

Para a análise dos dados acústicos foi o PRAAT (2011, versão 5303), desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (Centro de Ciências Fonéticas da Universidade de

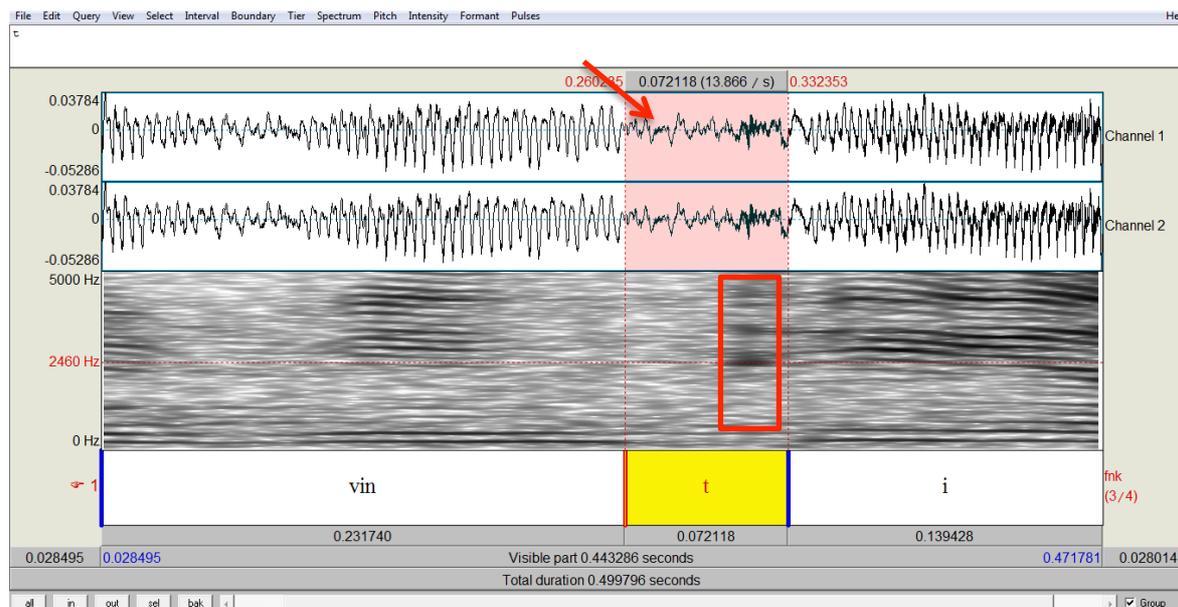
Amsterdã, Holanda), obtido livremente no endereço: [www.praat.org](http://www.praat.org). O *corpus* foi segmentado manualmente, e a partir da segmentação foi realizada a espectrografia.

A figura 2 mostra o oscilograma e o espectrograma da palavra *mente* com a segmentação da palavra. A seta vermelha indica o momento da produção da oclusiva. Observamos a explosão característica em um curto espaço de tempo.



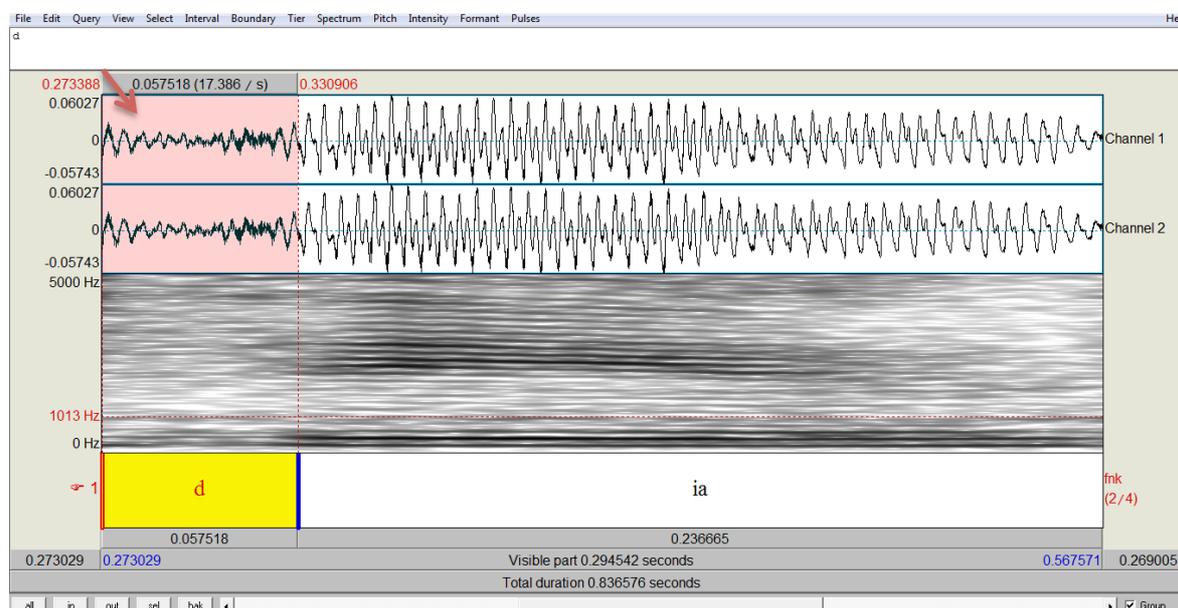
**Figura 2:** Oscilograma e espectrograma da pronúncia *mente*. (*ANC-Fem-LAG*)

A figura 3 mostra o oscilograma e o espectrograma da palavra *vinte* com a segmentação da palavra. A seta vermelha indica o momento da produção da oclusiva. Observamos ainda explosão característica, contudo, em espaço de tempo maior que a anterior.



**Figura 3:** Oscilograma e espectrograma da pronúncia *vinte* (RAF-Fem-Aju)

Na figura 4 temos o oscilograma e o espectrograma da palavra *dia* com a segmentação da palavra. A seta vermelha indica o momento da produção da oclusiva; devido ao ruído na amostra, a lacuna que precede a explosão torna-se pouco visível.



**Figura 4:** Oscilograma e espectrograma da pronúncia *dia*

Na figura 5 temos o oscilograma e o espectrograma da palavra *diria* com a segmentação da palavra. A seta aponta o momento em que ocorre a consoante oclusiva.

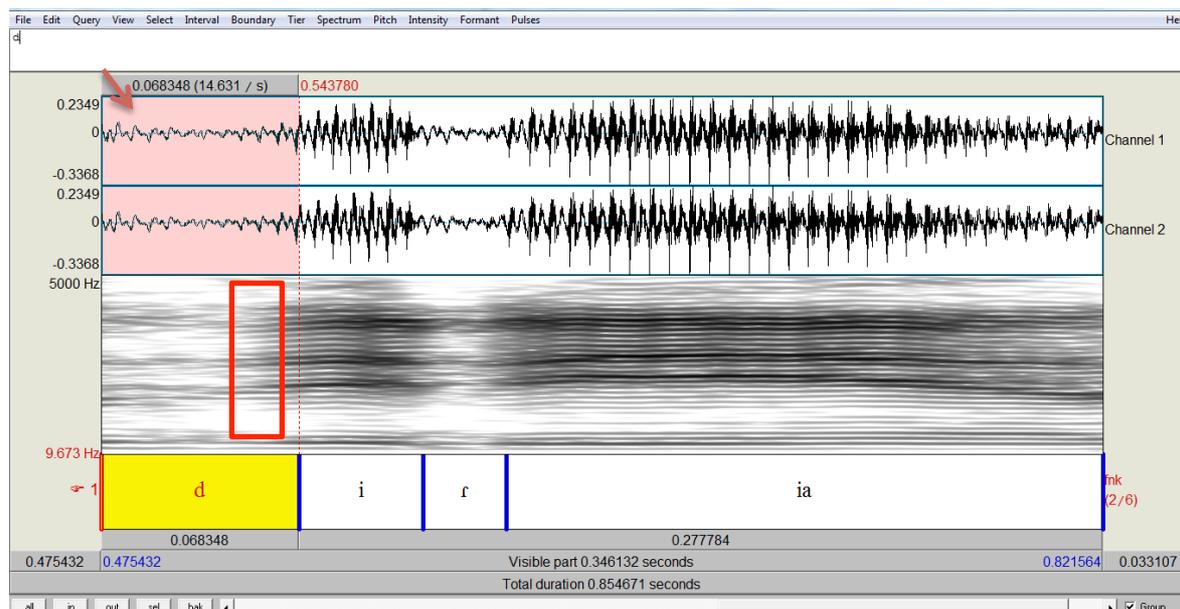
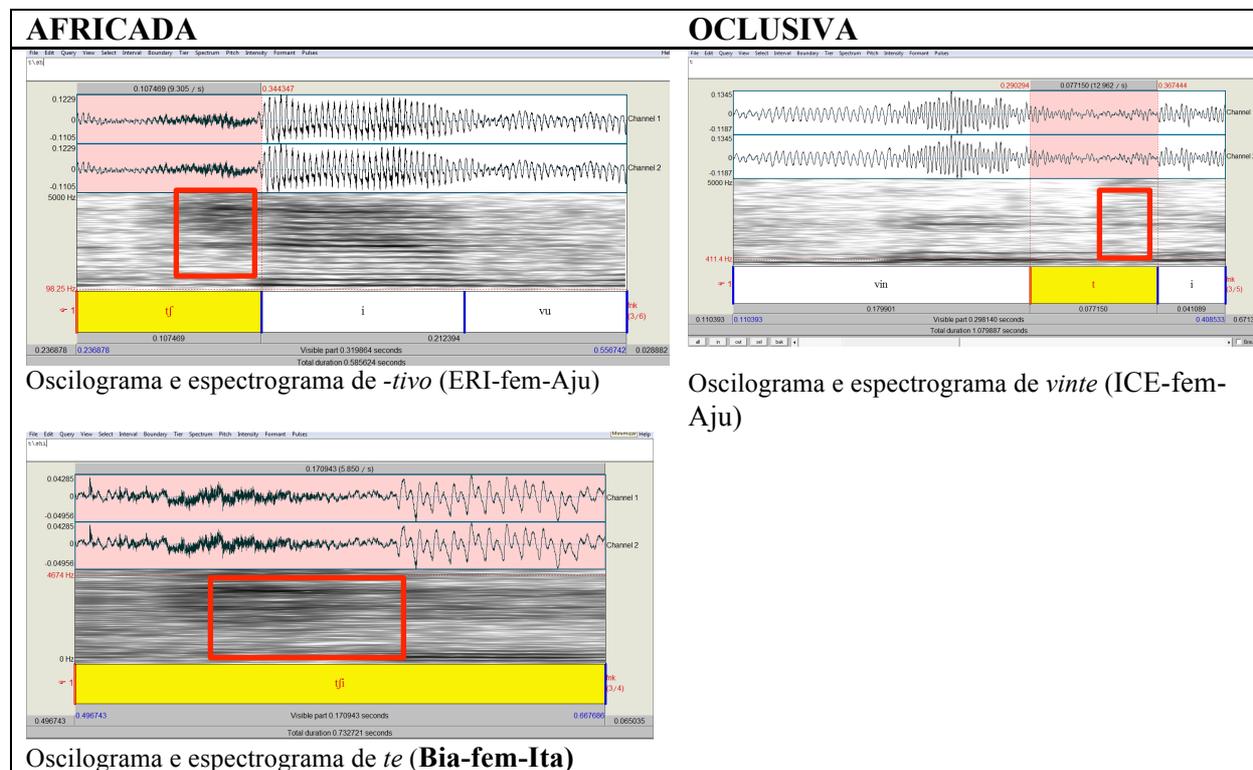
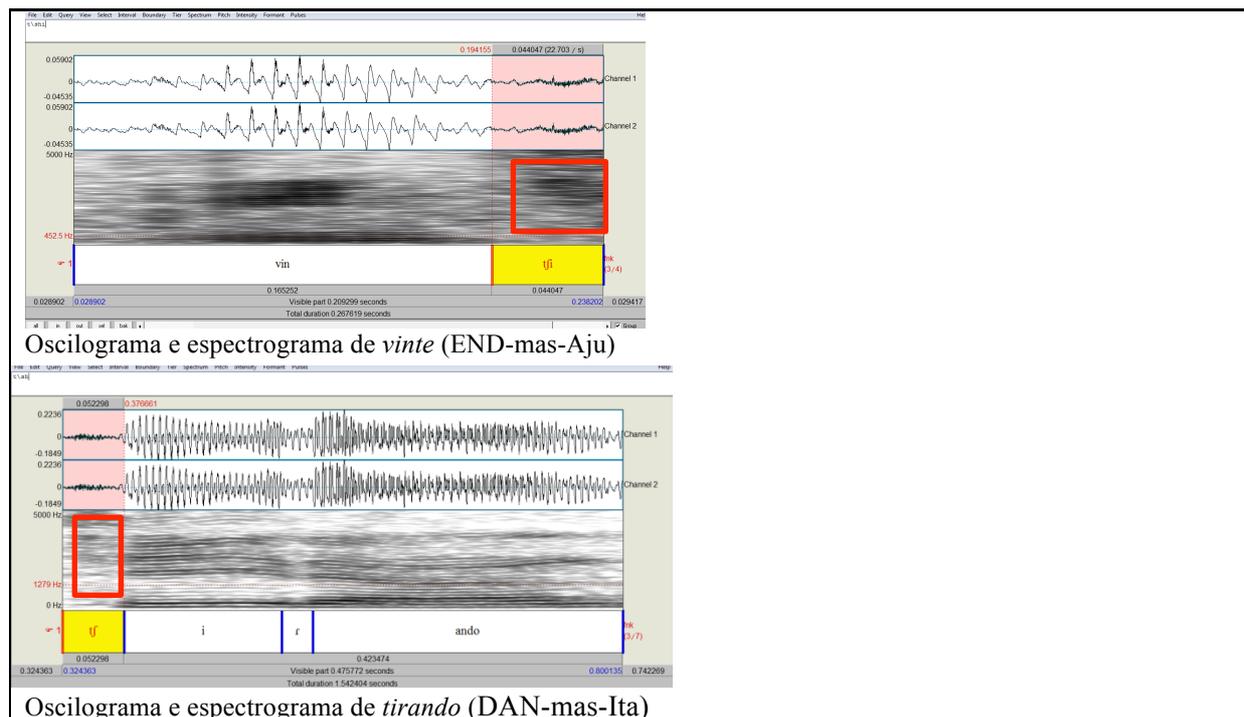


Figura 5: Oscilograma e espectrograma da pronúncia ‘diria’ (JOS-mas-Ita)

Após a análise espectrográfica, os segmentos analisados podem ser agrupados em função das similaridades entre os seus traços acústicos constitutivos, conforme quadro 1.





**Quadro 1:** Realizações africada x oclusiva de /t/ e /d/.

Na análise comparativa entre as produções africadas e a produção oclusiva simples, no quadro 1, podemos observar que o espectro para as africadas alveolares contém relativamente maior frequência de energia do que o espectro da oclusiva. Na realização palatalizada há gradações de realização, e com base no modelo da Fonologia de Uso podemos considerar essa gradiência fonética como indicador de uma mudança em curso.

As variantes gradientes, para fins de análise no aparato da Sociolinguística Variacionista, foram transformadas em binárias, com o controle da realização palatalizada (lado esquerdo do quadro 1) vs. não palatalizada (lado direito do quadro 1). Assim, a análise variacionista por meio de regressão logística pôde ser realizada.

### Considerações Finais

A conversão de variáveis contínuas em discretas, no *modus operandi* da Sociolinguística Variacionista, é um procedimento rotineiro e intuitivamente realizado. No entanto, entendemos ser necessário explicitar o procedimento, a fim de fomentar a reflexão acerca do fazer metodológico do campo, com o uso de critérios técnicos e replicáveis, a exemplo do uso da espectrografia.

Os dados da análise acústica mostram a existência de gradiência entre as realizações de /t/ e /d/ dos informantes. Destacamos a necessidade de uma análise com índice menor de ruído, para que se possa avaliar os parâmetros espectrais e de duração, permitindo dessa forma auxiliar o estudo da gradiência na realização palatalizada.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, Â, C. S. (orgs). **Gramática do Português Falado**. Volume VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; PIRES LUCAS, J. I.; BOVO, N. M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, 2007.

BYBEE, J. L. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012.

DRAGER, K., KIRTLEY, M.J. Awareness, salience, and stereotypes in exemplar-based models of speech production and perception. In BABEL, A. (Ed.). **Awareness and Control**. Cambridge University Press (no prelo).

DUTRA, E. de O. **A Palatalização das Oclusivas Dentais /t/ e /d/ no Município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

FREITAG, R. M. Ko; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, n. 56, v. 6, p. 917-944, 2012.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, p. 156-164, 2013.

HORA, D. O. da. **A Palatalização das Oclusivas Dentais: variação e representação não linear**. 1990. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

LABOV, W. **Sociolinguist Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. The reflection of social processes in linguistic structure. In: FISHMAN, J. (ed.). **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968, p. 240-251.

MATTÉ, G. D. A palatalização variável de /t,d/ em Caxias do Sul. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n 38, 2009.

MOTA, J. Como fala o nordestino: a variação fônica no Atlas Linguístico do Brasil. In: **Anais do I Simpósio Mundial de estudos de Língua Portuguesa**. 2008.

PIRES, L. B. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Edição especial n. 1, 2007.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics, University of Ottawa, 2005.

SEVERO, C. G. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, n. 9, p. 1-17, 2008.

SILVA, H. B. **A Africada Alveolar na Fala de Duas Comunidades Fronteiriças no Extremo Sul do Brasil**: uma análise variacionista. 2009, 131 f. Dissertação (Pós-graduação em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos Fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-Sergipe**. São Cristóvão: EdUFS, 2014.

Recebido em: 03 de agosto de 2016.

Aceito em: 20 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## Os usos funcionais do verbo “dar”: Um caso de gramaticalização?

### The functional uses of verb "dar": a grammaticalization case

Nahendi Almeida Mota<sup>1</sup>  
Gessilene Silveira Kanthack<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo investigar os usos funcionais do verbo “dar”, a partir de um *corpus* constituído de textos de opinião veiculados na revista *Veja*, durante os meses de dezembro/2014 e de janeiro/2015, com o intuito de verificar se os usos que os falantes fazem desse verbo apontam para um caso de gramaticalização, um fenômeno por meio do qual itens lexicais adquirem, em determinados contextos, funções gramaticais ou itens já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Analisamos as funções desempenhadas por tal verbo, se prototípica (conforme preconizado, normalmente, nas gramáticas normativas e dicionários de língua portuguesa) ou gramaticalizada, usando, para tanto, pressupostos de autores como Neves (2001), Gonçalves et al. (2007), Esteves (2008), entre outros.

**Palavras-chave:** Verbo *dar*; Usos; Funções; Gramaticalização.

**ABSTRACT:** In this article, we present the results of a research carried out with the purpose of investigating the functional uses of the verb “to give” (*dar* in Portuguese) from a corpus of opinion essays published in *Veja* magazine (December/2014 and January/2015 issues) in order to verify if Brazilian Portuguese speakers use said verb in a way that points to a grammaticalization case, a phenomenon through which lexical items acquire – in some contexts – grammatical functions or items that are already grammatical become even more grammatical (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003). We analyzed the functions of such verb – either prototypical (according to most of the Brazilian Portuguese normative grammars and dictionaries) or grammaticalized – based on postulates by authors such as Neves (2001), Gonçalves et al. (2007), Esteves (2008) and a few others.

**Keywords:** Verb “to give” (*dar* in Portuguese); Uses; Functions; Grammaticalization.

## Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa que investigou as funções assumidas pelo verbo “dar” – se prototípica ou gramaticalizada –, no intuito de

---

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. nahendi@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística, Professora do Mestrado Acadêmico e do PROFLETRAS, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. gskanthack@yahoo.com.br

averiguar se os seus usos funcionais apontam para uma situação de gramaticalização, um tipo de mudança em que itens ou construções lexicais, em determinados contextos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Trata-se de um fenômeno que, segundo Gonçalves et al. (2007, p.15), é “um dos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral”, pois o falante recorre a recursos já existentes na língua, dando-lhes novas roupagens, isto é, atribuindo-lhes novas funções.

O interesse pela pesquisa surgiu por observarmos que as gramáticas de orientação normativa, assim como os dicionários de língua portuguesa, geralmente se restringem a delimitar os verbos em transitivos, intransitivos ou bitransitivos, regulares ou irregulares etc., não considerando o uso real que os falantes fazem deles em suas práticas comunicativas. É o caso, por exemplo, do verbo “dar”, classificado, normalmente, como bitransitivo e irregular, com noção transferencial. No entendimento de que a língua não é uma entidade autônoma e que sua gramática “se forma a partir dos usos que os falantes fazem dos recursos verbais que estão a sua disposição no sistema” (BAGNO, 2013, p. 164), acreditamos que o verbo “dar” seja usado efetivamente com funções que vão além daquelas estabelecidas tradicionalmente.

Para fins práticos, o presente artigo está assim estruturado. Na primeira parte, expomos alguns pressupostos acerca do Funcionalismo, corrente linguística adotada nesta pesquisa, assim como da gramaticalização, um dos fenômenos estudados sob o viés funcionalista. Na segunda, apresentamos os resultados efetivos da pesquisa, demonstrando o *continuum* de gramaticalização por qual passa o verbo “dar”. Na terceira, procuramos relacionar gramaticalização e ensino de língua portuguesa nas escolas, usando anúncios e tirinhas como ilustração dessa tentativa. Por fim, expomos as nossas considerações finais e as referências.

### Funcionalismo e gramaticalização: pressupostos básicos

Por muito tempo, os estudos linguísticos foram influenciados pela concepção de que a língua corresponde a uma estrutura, um sistema de signos linguísticos que obedece a princípios de funcionamento. Com esse pressuposto, não era possível dar conta, efetivamente, dos processos de mudança linguística, isso porque compreendê-los significa recorrer não à entidade abstrata, a língua, mas, sim, à entidade concreta, a fala, elemento este que passou a

ser o objeto da corrente denominada funcionalismo, que, segundo Cunha (2008, p. 157), “em oposição ao estruturalismo e gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Nessa perspectiva, o objetivo básico é compreender a língua a partir de situações concretas, pois um dos pressupostos é que a motivação para os fatos da língua deve ser explicada em função das situações comunicativas, envolvendo interlocutores, suas intenções e os contextos discursivos.

A corrente funcionalista, segundo Cunha e Souza (2007), considera a língua um fenômeno social, um instrumento de comunicação o qual se adapta a diversas situações comunicativas. Por isso, interessa a essa corrente observar o uso interativo da língua e, assim, analisar suas regularidades, examinando as condições discursivas que as influenciam. Vale ressaltar que

[esses estudos] ultrapassam, portanto, o âmbito da estrutura gramatical, e buscam na situação comunicativa, que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. Um dos pressupostos centrais do funcionalismo é que o contexto de uso motiva as diferentes construções sintáticas. Sendo assim, a estrutura da língua só pode ser explicada levando-se em conta a comunicação na situação social (CUNHA; SOUZA, 2007, p. 15).

Desse modo, por dedicar-se a contextos reais de comunicação, estudiosos que adotam a perspectiva funcionalista evitam lidar com frases inventadas, trabalhando, assim, com dados de escrita ou fala retirados de situações concretas de interação comunicativa, já que estão interessados na língua e em seu meio de uso. Ainda a respeito da visão funcionalista, Neves (2001, p. 15) salienta que “[...] o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória”.

É nesse processo interacional entre os falantes e a língua que as mudanças linguísticas ocorrem. Compreendê-las é um dos objetivos da chamada Gramática Funcional, uma vertente teórica da corrente funcionalista que explica as mudanças por meio da chamada *gramaticalização*, definida como um processo em que itens lexicais adquirem funções gramaticais ou itens já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Ao estudioso Meillet (1912 apud GONÇALVES et al. 2007) é atribuído o primeiro uso do termo *gramaticalização*, referindo-se à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical” (p. 19-

20). Nessa mesma linha, porém, de maneira mais expandida, tem-se a definição consentida por Heine et al. (1991a apud GONÇALVES et al. 2007): “[a gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, i.e., de um formante derivacional para um formante flexional” (p. 22).

Podemos ilustrar esse tipo de mudança com o verbo “dar”, objeto também da pesquisa de Esteves (2008), que investigou sua frequência em construções dar+SN e a alternância entre algumas dessas construções e verbos plenos de sentido equivalentes. Os exemplos abaixo são da própria autora:

- a) ‘Assim, que [eu **dei** o copo d’água pra ela], ela resolveu contar tudo’. (p. 112).
- b) ‘Passando-se por vulto cultural, o candidato copiou e falou da enciclopédia gratuita “online”, e sem qualquer referência, artigos sobre Torga, Antonioni ou Bergman. [Pelo menos, ele **deu** cultura ao povo]’. (p. 115).
- c) ‘(...) [ele (...) **deu banana** à torcida]. Disse não estar nem aí. Desse jeito, ficará mesmo sem lugar para estar. Seja aí, ali, ou acolá’. (p. 123).

Em (a), o verbo “dar” apresenta-se em sua função prototípica. Nessa construção, ele é um verbo pleno, autônomo e manifesta comportamento lexical, além de seu significado ser mais concreto e vincular a noção de transferência. Já em (b) e (c), o verbo “dar” comporta-se de forma não-autônoma. Em (b), ele ainda apresenta noção transferencial, todavia, por já apresentar extensão de sentido, essa transferência passa a ser metafórica, pois o seu SN é [+abstrato]. Já em (c), o verbo “dar” apresenta-se completamente gramaticalizado, pois ele está exercendo papel instrumental na formação de predicados complexos, além de estar semanticamente esvaziado, constituindo uma estrutura semi-lexicalizada (ESTEVES, 2008).

Para dar conta desses valores assumidos pelo verbo “dar”, é preciso, portanto, compreender a linguagem enquanto instrumento de interação social entre os indivíduos, em que as expressões ou estruturas linguísticas não podem ser interpretadas como objetos formais, mas como resultantes das práticas efetivas de comunicação. Pensando nisso, desenvolvemos a nossa pesquisa, cujos resultados serão apresentados na próxima seção.

## Desvendando o Comportamento do Verbo “dar” em Textos de Opinião

### O *corpus* e os dados

Nesta pesquisa, o verbo “dar” teve seu comportamento sintático-semântico analisado a partir de um levantamento feito em textos de opinião publicados na revista *Veja*, meses de Dezembro/2014 e Janeiro/2015, totalizando 16 (dezesesseis) textos. Escolhemos esse *corpus* por nele estar presente o uso concreto da língua, fazendo jus a um dos pressupostos defendidos pela vertente teórica que adotamos.

A propósito do verbo “dar”, ele é definido, comumente pelas gramáticas tradicionais, como pleno, transitivo, que seleciona dois objetos (direto e indireto), apresentando comportamento lexical e, também, noção transferencial. Todavia, em situações concretas de comunicação, nem sempre ele é usado como núcleo da predicação, como verbo transitivo. Ele tem sido usado cada vez mais com valor gramatical, indicando uma noção transferencial e metafórica, devido à sua extensão de sentido.

Assim como Esteves (2008), em nossa análise também verificamos que o verbo “dar” pode pertencer a diferentes categorias que compõem uma cadeia de gramaticalização. Essas categorias são: *verbo predicador pleno*, *verbo predicador não pleno*, *verbo predicador a verbo-suporte* e *verbo-suporte*, que podem variar em sua extensão semântica, indicando noção transferencial metafórica ou não.

O *verbo predicador pleno* é apresentado pelas gramáticas tradicionais como o núcleo da predicação, responsável por arquitetar argumentos e conferir-lhes papel temático. Ademais, ele apresenta comportamento lexical ligado à sua noção transferencial de traço [+concreto]. Para ilustrar essa função, apresentamos (1):

- (1) ‘[...] obtive do Congresso, em troca do compromisso de **[dar]** dinheiro público aos parlamentares], uma licença para desrespeitar a lei’ (verbo predicador pleno). (JRG 2404).

Nesse exemplo, o verbo “dar” apresenta tanto o objeto direto (dinheiro) quanto o objeto indireto (aos parlamentares), cumprindo a sua função de verbo predicador pleno,

bitransitivo, além de sua noção transferencial ser [+concreta], atendendo, dessa forma, ao que é preconizado, comumente, nas gramáticas normativas.

Quanto ao *verbo predicador não pleno*, ele é sintaticamente igual ao anterior, porém, semanticamente apresenta extensão de sentido, fazendo com que a sua noção transferencial passe a ser metafórica, portanto [+abstrata], além de poder, também, apresentar um valor não-transferencial. Ele se divide em três subcategorias: (1) *transferência metafórica de menor grau*, (2) *transferência metafórica de maior grau* e (3) *valor não transferencial*.

A primeira subcategoria caracteriza-se como de menor grau por apresentar um objeto com valor [+concreto] e a transferência metafórica [+abstrata], como exemplificada em (2):

- (2) ‘[**Dá**-me, Senhor, uma tripulação competente], com alta perícia, que me tire destas dificuldades e aflições [...]’ (verbo predicador não pleno – noção transferencial de menor grau). (LL 2402).

Como se pode notar, o objeto direto (tripulação competente) tem valor [+concreto], todavia, a noção transferencial é metafórica [+abstrata], pois não é possível “dar”, no sentido prototípico do verbo, uma tripulação a alguém. Contudo, mesmo tendo sua função semântica diferente da categoria anterior, sintaticamente a oração se estrutura da mesma forma: o verbo está acompanhado de um objeto direto (tripulação competente) e de um objeto indireto (me).

Já a subcategoria de maior grau apresenta o valor do objeto e a transferência metafórica [+abstratos], como pode ser observado em (3):

- (3) ‘Uma vez encadeados os fatos, a narrativa ‘[**dá** um conteúdo ao tempo]’, ‘enche-o de uma forma decente’, ‘assinala-o’, e faz com que ‘tenha algum valor próprio’ (verbo predicador não pleno – noção transferencial de maior grau). (RPT 2406).

Nesse caso, o verbo “dar” tem um objeto direto (um conteúdo) e um objeto indireto (ao tempo) de valor semântico [+abstrato], sendo a sua noção transferencial também [+abstrata]. Essa subcategoria encontra-se ainda mais distante semanticamente da função prototípica do que a anterior, todavia, sintaticamente, elas ainda são semelhantes.

Quanto à terceira subcategoria do *verbo predicador não pleno*, a de *valor não-transferencial*, ela é diferente das outras por não apresentar, sequer, uma noção mínima de

transferência, podendo denotar marcação de tempo, causalidade etc., além de poder ser substituído por um verbo pleno. No fragmento em (4) temos esse tipo de verbo ilustrado:

- (4) ‘Senhor, neste mar indeciso e muitas vezes encapelado em que estou perdida, [dá-me alguma certeza] de que existe uma rota firme e fixa, de que o projeto correto é possível e que no fim desse nevoeiro me espera uma luz positiva’ (verbo predicador não pleno – valor não-transferencial). (LL 2402).

Sintaticamente, essa subcategoria também é semelhante à primeira categoria apresentada no *continuum* de gramaticalização do verbo “dar”, porém semanticamente ela já se encontra bem distante, pois, mesmo exigindo um objeto direto (alguma certeza) e um objeto indireto (me), ele não exprime nenhuma noção transferencial, afinal, não há, ao pronunciar essa oração, a intenção de receber algo [+concreto] de alguém.

A penúltima categoria do *continuum* de gramaticalização é o *verbo predicador a verbo-suporte*, uma categoria híbrida, pois apresenta características tanto de verbo fonte (verbo pleno) quanto de verbo alvo (verbo-suporte), sendo definido, portanto, como pertencente à categoria intermediária (léxico-gramatical). O caso em (5) ilustra essa função:

- (5) ‘[...] a começar pelo fato de que não pode ficar, como o companheiro espanhol, mais de quarenta anos no governo, o que [lhe **dar**ia o equivalente a dez mandatos] seguidos na Presidência da República’ (verbo predicador a verbo-suporte). (JRG 2402).

Nesse exemplo, o verbo “dar” não manifesta nenhum grau de noção transferencial, porém apresenta objeto direto e indireto, como é notado na sua função prototípica, evidenciando, assim, características prototípicas e gramaticalizadas.

A última categoria do *continuum* de gramaticalização é o *verbo-suporte*. Ele é esvaziado semanticamente e se divide em duas subcategorias: verbo-suporte com *valor transferencial* e verbo-suporte com *valor genérico de ação*. O primeiro retém algum grau de transferência, ainda que bastante metafórico, pois retrata a presença de um destinatário, todavia, o valor semântico se dá por meio da junção entre o verbo e o SN, como ilustra (6):

- (6) ‘Na vida real, os governos federal e estaduais anunciarão obras de **[dar água na boca]** às empreiteiras’ (verbo-suporte com valor transferencial). (RPT 2405).

A expressão semi-lexicalizada “dar água na boca” exemplifica o uso do verbo “dar” como verbo-suporte devido ao seu esvaziamento semântico dentro da sentença, pois, mesmo externando uma noção transferencial [-abstrata], não é possível averiguar o seu significado externo à oração.

A segunda subcategoria, verbo-suporte com *valor genérico de ação*, geralmente, compõe uma expressão semi-lexicalizada e o grau de incorporação de elementos na construção é pequeno ou inexistente, devido à sua estrutura fixa. Para ilustrar, temos o exemplo (7):

- (7) ‘Até hoje esse método **[dá certo]**, seja com o futuro pedreiro, seja com o doutorando’ (verbo-suporte com valor genérico de ação). (CMC 2403).

Em “dá certo”, o verbo “dar” não apresenta natureza metafórica e o grau de incorporação de elementos na sentença é muito pequeno, pois é possível inserir advérbios de intensidade entre o verbo e o SN, como “muito” (dá muito certo) ou “pouco” (dá pouco certo), porém essa incorporação é restrita a poucas palavras, tornando-a, assim, uma sentença semi-lexicalizada, devido à impossibilidade de se compreender um dos termos somente por meio de seus significados substanciais; afinal, pode-se entender “certo” como “bem”, mas não é possível compreender o sentido do verbo “dar” sem o seu complemento.

Com esses usos, percebemos que o verbo “dar”, diferentemente da descrição apresentada pelas gramáticas normativas, exerce funções variadas. Tendo ilustrado isso, demonstraremos os resultados quantitativos na próxima seção, pois com eles visualizaremos as frequências de usos de cada uma das funções.

Eis os resultados obtidos...

Do levantamento feito, obtivemos os seguintes resultados:

Verbo predicador pleno (transf. concreta)		Verbo predicador não pleno (transf. metafórica)				Verbo predicador não pleno (valores não-transferenciais)		Verbo predicador a verbo suporte				Verbo-suporte			
		(Menor grau)		(Maior grau)				Valor transf.		Valor não-transf.		Valor transf.		Valor genérico de ação	
Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%	Oc	%
1	3,7	6	22,2	3	11,1	2	7,4	-	-	2	7,4	4	14,8	9	33,4

**Quadro 1:** Cômputo geral das funções do verbo “dar”

**Fonte:** Elaboração própria (2015)

Como vemos, o verbo “dar” foi mais recorrente em sua função totalmente gramaticalizada, ou seja, como verbo-suporte (33,4%), seguido da primeira categoria que apresenta extensão semântica, a de verbo predicador não pleno, com noção transferencial metafórica de menor grau (22,2%). Ademais, vale destacar a ocorrência mínima do verbo em sua função prototípica, a de verbo predicador pleno (3,7%). Novamente, ilustramos as duas situações mais recorrentes em nosso *corpus*: verbo-suporte e verbo predicador não pleno, respectivamente:

- (8) ‘Obviamente, isso **[dá trabalho]**: há que buscar remédios miraculosos, próteses, mandar recauchutar o coração, [...]’ (verbo-suporte). (CMC 2407).
- (9) ‘**[Dá-me, Senhor, águas limpas]** para navegar, pois nestas em que agora navego boiam sujeira e até cadáveres que se prendem na minha quilha ou impedem a hélice de funcionar’. (verbo predicador não pleno de noção transferencial de menor grau). (LL 2402).

No exemplo (8), o verbo “dar” encontra-se totalmente esvaziado semanticamente, além de fazer parte de uma estrutura semi-lexicalizada – aquela em que não é possível compreender o sentido de um dos termos somente pelo conhecimento do significado literal – e com um baixo grau de incorporação de elementos menos determinantes (artigos indefinidos, por exemplo) ou modificadores (como advérbios). Já no exemplo (9), podemos dizer que,

sintaticamente, ele é bastante similar ao verbo predicador pleno, todavia semanticamente sua noção transferencial é metafórica, ou seja, com traço [+abstrato], mesmo que seu sintagma nominal seja [+concreto].

Com os resultados obtidos, confirmamos as hipóteses levantadas: de que o verbo “dar” ocorreria com valores variados e que seria mais usada a função gramaticalizada, de verbo-suporte, corroborando, assim, os resultados de Esteves (2008).

## Gramaticalização e Ensino

Apesar dos avanços dos estudos linguísticos, o ensino de língua portuguesa nas escolas tem sido pautado, geralmente, nas descrições de orientação normativa. Com isso, os alunos, muitas vezes, não conseguem compreender qual é o sentido das aulas e passam a repudiar a disciplina. Acreditamos que, para mudar essa realidade e dar às aulas uma verdadeira razão, seja necessário mostrar aos alunos a sua língua materna como ela realmente é: dinâmica, mutável e social.

Para isso, há necessidade de o professor de língua portuguesa inserir, em suas práticas, o trabalho de análise e reflexão do uso da língua, objetivando desenvolver a competência linguístico-comunicativa. Uma dessas possibilidades inclui as atividades de análises linguísticas. Acerca disso, Geraldi et al. (1999) afirmam:

A análise linguística inclui tanto trabalho sobre as questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto [...]. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina (p. 74).

Tornar a análise linguística uma prática recorrente nas aulas de língua portuguesa é uma maneira de tentar interligar o ensino das normas prescritas pela gramática normativa com o uso real que os falantes fazem da língua. Como se pode notar, não estamos defendendo a exclusão desse tipo de gramática. Entendemos que ela deve ser o parâmetro norteador para as reflexões que podem ser feitas a respeito dos usos linguísticos.

No caso de nosso objeto de pesquisa, é necessário apresentar dados reais de construções com o verbo em sua função tanto prototípica quanto gramaticalizada, para

mostrar aos alunos que esse verbo exerce também outras funções além daquela prevista tradicionalmente, a de verbo predicador pleno, (bi)transitivo, com noção transferencial [+concreta]. Pode inclusive explicar as características que fazem o verbo “dar” se inserir num *continuum* de gramaticalização.

Para isso, uma das possibilidades é usar tirinhas e anúncios, em que o verbo “dar” encontra-se exercendo tanto sua função prototípica quanto a sua função gramaticalizada. Vejamos, primeiro, alguns anúncios:



**Figura 1:** Propaganda da *Havaianas*

**Fonte:** <http://www.sotitulos.com.br/tag/rynaldo-gondim>



**Figura 2:** Propaganda da *Mercedes-Benz*

**Fonte:** <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/02/anuncio-explora-voltinha-de-juiz-com-carro-de-eike-batista.html>

Por meio de anúncios como esses é possível mostrar aos alunos a multifuncionalidade do verbo “dar”. No anúncio (1), ele encontra-se completamente gramaticalizado (verbo-suporte) e faz parte de uma estrutura lexicalizada, pois, ao analisá-lo fora do contexto, é impossível compreender o seu sentido. Já no anúncio (2), ele ainda apresenta uma noção transferencial, porém, com valor [+metafórico].

As tirinhas, gênero textual muito evidente em provas de concurso e do ENEM, assim como em vestibulares de todo o Brasil, também são fontes que podem ser utilizadas para abordar as funções do verbo “dar”, como é possível notar nas situações abaixo:



**Figura 3:** Tirinha - Turma da Mônica – Anjinho e Cebolinha

**Fonte:** <http://www.scoop.it/t/a-arte-da-literatura/?tag=Mauricio+de+Sousa>



Mais imagens legais em [kdimagens.com](http://kdimagens.com)!

**Figura 4:** Tirinha - Calvin e Haroldo

**Fonte:** <http://kdimagens.com/imagem/aprendendo-a-dar-valor-ao-dinheiro-938>)

Na tirinha (1), o verbo “dar” apresenta-se inserido em uma sentença semi-lexicalizada, na qual o seu sentido somente será compreendido dentro da oração; portanto ele assume uma

função gramaticalizada. Já na tirinha (2), o verbo “dar” é usado com sua função prototípica de verbo bitransitivo, na qual o objeto direto é “uma mesada” e o indireto é o pronome oblíquo “te”.

Por meio de anúncios e tirinhas como os supramencionados, podemos mostrar aos alunos o caráter multifuncional, por exemplo, de um verbo como “dar”, que, assim como outros, assumem funções além daquelas previstas tradicionalmente. Reconhecer que as palavras têm suas funções e usos determinados pelo falante, em suas práticas comunicativas, é o primeiro passo para compreendermos a língua enquanto instrumento de interação social. Defendemos esse pressuposto, no intuito de derrubar, por exemplo, preconceitos que surgem em função de desconhecimentos a respeito do que sejam língua, gramática e falante.

### Considerações Finais

Dado o que foi exposto neste artigo, concluímos que o verbo “dar” não pode ser tratado apenas como um elemento de única função, mas que pode assumir funções e sentidos variados, a depender das intenções comunicativas dos falantes. São esses, por sua vez, que determinam os verdadeiros usos desse tipo de verbo, evidenciando assim que os itens de uma língua estão a serviço da comunicação, portanto, a gramática, nessa perspectiva, deve ser concebida como uma atividade resultante da relação entre falantes/ouvintes e situações comunicativas. E é dessa interação que surgem as adaptações linguísticas, como a que está ocorrendo com o verbo “dar”, que, ao assumir novas funções, evidencia o fenômeno denominado de gramaticalização.

Na condição de professor, compreendemos que um fenômeno como esse deve ser abordado em sala de aula, no intuito de superar reproduções de noções tradicionais, prescritivas, e assim proporcionar ao aluno um conhecimento mais amplo e reflexivo sobre os fatos da língua, colaborando, dessa forma, para um ensino mais significativo e motivador.

### REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

CUNHA, M.A. F., SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ESTEVES, G. A. T.. **Construções com dar + Sintagma Nominal**: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples. 2008. 334 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

GERALDI, J. W. et al. (Orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GONÇALVES, S. C. L. et al. **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em: 27 de setembro de 2016.

Aceito em: 07 de dezembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## O duplo

Um tal Julio: cronópio duplicado

## Le double

Un tel Julio: un cronopio en double

Cristina Rosa Santoro<sup>1</sup>

### RESUMO:

Em quase toda a obra de Julio Cortázar percebe-se a construção de uma particularidade presente: o duplo. Paris x Buenos Aires, o rio de La Plata x o rio Sena, as pontes, um lado e outro das margens dos rios e do oceano que separam lugares de vivência do próprio autor e que se tornam as chamadas *dos orillas*, que terminam por construir um caleidoscópio, um movimentado jogo proposto pelo ficcionista em sua obra e para o qual o leitor é convidado a participar. Apreciaremos que o tópico do duplo alude à épocas antiquíssimas, sendo apenas tradução do problema da ameaça de morte do eu. O duplo adota diversas formas e manifestações: espelhos, reflexos, sombras de diversos planos inaugurando imagens deformadas, aparecendo e fazendo alusão aos caleidoscópios de Narciso. A maior parte dos estudos realizados na Europa do século XX sobre o duplo privilegia o ângulo psicológico, a começar pela interpretação psicanalítica de Otto Rank ao relacionar os diferentes aspectos do duplo na literatura com o estudo da personalidade dos autores. Otto Rank sustenta que o medo da morte nos inspira para inventar a ideia de um duplo: essa obscura réplica de nós mesmos que, segundo se diz, sobrevive num mundo fantasmagórico, ou *outro* mundo. Na visão de Rank, duplicar a imagem do eu é trabalho de uma negação narcisista da ideia de extinção pessoal. Otto Rank, psiquiatra, analisou os traços psicanalíticos dos autores na sua pesquisa baseada na literatura, salientando as características das personalidades dos escritores em questão. Rank desenvolve a ideia da literatura como tradução e reflexo da personalidade dos narradores e a ilustra a partir de exemplos das vidas dos autores e das análises de trechos significativos das narrativas. O fato de Rank salientar a aparição ou desdobramento do eu como figura e motor de criação narrativa, torna-se evocativo de várias das características do narrador cortazariano. Na abordagem da problemática do duplo em Cortázar, o tema do desdobramento ilustra-se a partir de uma lembrança - vivência de alucinação (e desdobramento) de Cortázar. O duplo, que se revela nos textos é, portanto, resultado da vivência do autor, que transita entre as duas margens literais e metafóricas. Em Julio Cortázar a escrita é catarse, exorcismo, pulsão, massa narrativa em constante pugna: contra e para outro. O duplo é figura central de nossas reflexões, seja como elemento provocador de impotência – rankiana –, seja como causante de insegurança diante à castração –freudiana- (percebida pelo ser e o texto), todas essas temáticas estando extremamente presentes nos estudos literários, mas também nas abordagens psicanalíticas tanto rankianas, freudianas, quanto lacanianas: análises psico-literárias sempre numa tentativa de descrição da formação do ser, e que para a nossa análise se tornam bases para a compreensão da construção textual, da

---

<sup>1</sup> Doutoranda na Universidade Federal da Bahia - UFBA, Brasil, Doutorado em Literatura e Cultura. Professora ELE (Español para extranjeros) setor de ES na UFBA. E-mail: crissan2002@hotmail.com

passagem/construção para a narrativa traduzida. Trata-se portanto, de uma analogia ‘ser-texto’ singular que nos leva a pensar no ato tradutório como uma figura especular, como um narciso que se desenha, segundo Cortázar, ‘em tiras de palavras’, como uma ponte de linguagem: de um ser para um outro, de uma margem para a outra, de um narrador para o seu leitor, de um narrador para o narrado, de um texto de partida (o original) para o seu texto duplo, o texto traduzido. Analogia ‘ser-texto’ que nos abrirá as portas para esse jogo da amarelinha onde a primeira pedra será jogada desde o texto de partida para vivenciar a tensão criativa, esse *coágulo* cortazariano, essa *angústia* na passagem, essa mimese, essa identificação e repulsa diante do outro -o duplo- na procura e tentativa de atingir o Céu: o texto traduzido.

**Palavras-chave:** Duplo; Texto; Tradução

## RÉSUMÉ :

Le long de toute l’œuvre de Julio Cortázar, on perçoit la présence du double: Paris x Buenos Aires, la rivière de La Plata x la Seine, les ponts, un côté et l’autre des rives des fleuves et de l’océane en séparant les lieux de la vie de l’auteur et devenant ainsi ce qui se connaît par *les orillas*. Particularités qui construisent un caléidoscope, un mouvement, un jeu proposé par cet auteur des fictions dans son œuvre tout en invitant le lecteur à y entrer en tant que participant. On appréciera que jadis le double devient traduction du problème de la menace de la mort du moi. Le double adopte des formes et des manifestations diverses: des miroirs, des reflets, des ombres à des images déformées et qui font allusion aux caléidoscopes de Narcisse. La plupart des études faites en Europe au XX siècle sur le double privilégie l’aspect psychologique. Ainsi, l’interprétation psychanalytique d’Otto Rank met en rapport les différents aspects du double dans la littérature avec l’étude de la personnalité des auteurs. Otto Rank soutient que la peur de la mort nous inspire à inventer l’idée d’un double: cette obscure réplique de nous mêmes survivant à un monde fantasmagorique, ou *un autre* monde. Selon Rank, doubler l’image du moi est une négation narcissiste de l’idée d’extinction personnelle. Otto Rank, psychiatre, dans ses recherches basées sur la littérature, analysa les traces psychanalytiques, en soulignant les caractéristiques des personnalités des écrivains cités. Rank développe l’idée de la littérature comme traduction et reflet de la personnalité des écrivains, et il l’illustre à partir des exemples des vies des auteures et des analyses des paragraphes spécifiques. Rank fait remarquer l’apparition ou dédoublement du moi comme figure et moteur de création narrative, et ce d’doublement évoque plusieurs caractéristiques de l’écrivain cortazarien. Aborder le sujet du double chez Cortázar implique percevoir que le dédoublement s’illustre à partir d’un souvenir, d’une hallucination vécue par Cortázar. Le double se dévoilant dans les textes devient la conséquence des vécus de l’auteur se déplaçant entre deux rives littérales et métaphoriques. Chez Julio Cortázar l’écriture est catharsis, exorcisme, pulsion, masse narrative en lutte constante: pour et contre l’autre. Le double est figure centrale de nos réflexions, soit comme élément provocateur d’impuissance –rankienne-, soit comme cause des peurs devant la castration –freudienne- (perçue par l’être et le texte), sujets tous extrêmement présents aux études littéraires, et aussi aux analyses psychanalytiques rankiennes, freudiennes, lacaniennes. Analyses psycho-littéraires toujours présentes dans la tentative de description de la formation de l’être, et qui pour notre analyse, deviendront des bases pour la compréhension de la construction textuelle, du passage/construction vers le texte traduit. Il s’agit ainsi d’une analogie ‘être-texte’ singulière qui nous mènera à penser à l’acte de la traduction en tant qu’un sujet spéculaire, un narcisse se désignant, selon Cortázar, ‘en lambeaux des mots’, un pont de langage: d’un être vers un autre, d’une rive vers une autre, d’un narrateur vers son lecteur, d’un narrateur vers le narratif, d’un texte de départ vers son texte double, le texte traduit. Analogie ‘être-texte’ nous ouvrant les portes pour ce jeu de marelle où la première pierre sera lancée depuis le texte de départ afin de vivre la tension créative, ce *coagule* cortazarien, cette *angoisse* lors du passage, cette mimesis, cette identification et refoulement devant l’autre -le double- dans la recherche et la tentative d’atteindre le Ciel: le texte traduit.

**Mots clés:** Double; Texte; Traduction

## Estranhas Ocupações

Mis pasos en esta calle	Meus passos nesta rua
Resuenan	Ressoam
En otra calle	Numa outra rua
Donde	Onde
Oigo mis pasos	Ouçõ meus passos
Pasar en esta calle	Passar nesta rua
Donde	Onde
Sólo es real la niebla.	Só é real a névoa
Octavio Paz <sup>2</sup>	Octavio Paz <sup>3</sup>

## Instruções para entender um duplo

Em entrevista concedida por Julio Cortázar a Ernesto González Bermejo, encontramos o seguinte recorte:

EGB: - A gente começa por onde? Pelo tema do duplo? [...]

JC: - Eu tenho em mim uma espécie de obsessão pelo duplo [...] O tema do duplo é uma das constantes que se manifesta em muitos momentos da minha obra [...] Está em *Uma flor amarela* – onde a personagem se encontra com uma criança que é ele mesmo numa outra etapa – um conto escrito vinte anos depois de *A Distante* [...]

EGB: - E está também em ‘*O Jogo da Amarelinha*’. Talvez os casos mais ilustres do duplo na sua obra sejam os de Oliveira/Traveler e A Maga/Talita.

JC: - [...] É verdade que ao final Oliveira chama Traveler de doppelgänger, sentindo que existe uma espécie de repetição [...] não se esqueçam de que os duplos – não sei se explicitamente em Jung, mas, em todo o caso, nas cosmogonias, nas mitologias do mundo – o duplo, os personagens duplos, os gêmeos ilustres, como Rômulo e Remo, Castor e Pólux, os deuses duplos, são

<sup>2</sup> PAZ, Octavio. In: *O Jogo da Amarelinha*, 1974, Cap. 149

<sup>3</sup> Idem. Minha tradução

uma constante do espírito humano como projeção inconsciente convertida em mito, em lenda.<sup>4</sup>

Partout où j'ai voulu dormir,  
 Partout où j'ai voulu mourir,  
 Partout où j'ai touché la terre,  
 Sur ma route est venu s'asseoir  
 Un malheureux vêtu de noir,  
 Qui me ressemblait comme un frère.

Alfred de Musset (Poema '*Nuit de décembre*', 1835)<sup>5</sup>

E sempre onde só quis dormir,  
 E sempre onde só quis sumir,  
 E sempre onde toquei o chão,  
 Sempre sentou-se do meu lado,  
 Vestindo negro, um desgraçado  
 Tão semelhante como irmão.

Alfred de Musset (Poema '*Noite de dezembro*', 1835)<sup>6</sup>

Para compreender a questão fundamental do duplo, na obra de Cortázar, impõe-se analisar os estudos existentes sobre os sujeitos análogos e a presença dessas figuras no

---

<sup>4</sup><http://www.ciudadseva.com/textos/teoria/opin/cortaz4.htm>- *Conversaciones con Cortázar* [Fragmentos] Ernesto González Bermejo. Minha tradução de: EGB: -¿Por dónde empezamos?; ¿por el tema del doble? [...] JC: -Sí, hay en mí una especie de obsesión del doble [...] El tema del doble es una de las constantes que se manifiesta en muchos momentos de mi obra, [...] Está en "Una flor amarilla"- donde el personaje se encuentra con un niño que es él mismo en otra etapa- un cuento escrito veinte años después de "Lejana",[...] EGB: - *Y está también en Rayuela. Quizás los casos más ilustres de dobles en su obra sean los de Oliveira/Traveler y La Maga/Talita.* JC: - Es verdad que, hacia el final del libro, Oliveira lo llama doppelgänger a Traveler, siente que hay una especie de repetición.[...] no se olvide que los dobles -no sé si explícitamente en el sistema de Jung pero, en todo caso en las cosmogonías, en las mitologías del mundo- el doble, los personajes dobles, los mellizos ilustres: Rómulo y Remo, Cástor y Pólux, los dioses dobles, son una de las constantes del espíritu humano como proyección del inconsciente convertida en mito, en leyenda. Grifos meus.

<sup>5</sup>RANK,[http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html), p. 6. Rank ilustra e exemplifica o desenvolvimento das reflexões citando poemas de diferentes escritores, eis Musset.

<sup>6</sup> <http://www.academia.org.br/abl/media/poesia11.pdf>, p. 243.

folclore e na concepção dos mitos. O tópico do duplo remete a épocas antiquíssimas, estando presente em alguns poetas que tentaram revelar o seu sentido. No entanto, podemos entendê-lo, simplesmente, como tradução de: *a ameaça de morte do eu*.

O primeiro texto da tradição ocidental, o *Gênesis*, informa que, a princípio, o homem era um, e que Deus o dividiu em dois. A cisão resultou num enfraquecimento da singularidade e a vida passou a ser uma constante busca pela outra metade perdida. Essa concepção faz-se presente nas religiões tradicionais, com a separação entre alma e corpo. Assim, o homem possuiria uma natureza dupla, estruturada por meio da união de dois elementos diferentes.

[...] Parece que o homem não se aceita como uma unidade. De alguma maneira, sente que poderia estar simultaneamente projetado em uma outra entidade que conhece ou não, mas que existe. Me pergunto [...] se aquelas fantasias de Platão sobre os sexos não têm a ver, um pouco, com isto. Platão se perguntava porque existem homens e mulheres, e acreditava que, originalmente existia só um: o andrógono, que logo se dividiu em dois. O amor seria a nostalgia de todos nós de nos tornarmos andrógenos. Quando buscamos uma mulher, estamos buscando o nosso duplo, queremos completar a figura original. Estes temas reaparecem em múltiplas cosmogonias e mitologias e continuam nos habitando.<sup>7</sup>

Essa dualidade, antítese ou cisão remete, em termos do imaginário, ao fenômeno especular inscrito no duplo: espelhos, duplos e reflexos habitam as lendas, as histórias de magia e as tradições populares, articulando um profundo sentimento de insegurança individual, social ou comunitária. Essa temática faz parte dos temas literários com profundas raízes mitológicas. A noção do duplo, da réplica, perturba e inquieta a identidade, porque testemunha a insuficiência do ser. No imaginário cultural no século XIX -segundo as informações sobre os conceitos mitológicos freudianos acerca do real, da ilusão e da arte, percebe-se que o duplo pertence ao lado escuro do mundo da mitologia e do folclore: representa a dualidade em seu aspecto mais perplexo e sinistro.

O duplo é uma temática vastamente utilizada na literatura alemã do século XIX, representando o humano como um ser dividido entre um 'eu' e um 'alter ego'. Considerado arquétipo e imagem, a representação do duplo parece inicialmente clara e

---

<sup>7</sup> <http://www.constelar.com.br/revista/edicao67/cortazar1.htm>. Cortázar - Entrevista.

acessível, embora logo se mostre indefinível e desconcertante. Um exame mais profundo revela, de maneira dramática, sua natureza fluida e enigmática, que escapa de esquemas meticulosamente organizados do real.

O duplo adota diversas formas e manifestações: espelhos, reflexos, sombras de diversos planos, inaugurando imagens deformadas, aparecendo e fazendo alusão aos caleidoscópios de Narciso<sup>8</sup>. A imagem reflexiva e seus poderes têm uma origem bem antiga, como já foi dito, sendo a arte a encarregada de sublimar essa magia que, desde os primeiros tempos do homem e sob mil formas culturais, permite-lhe assumir sua humanidade com recursos ligados permanentemente às conjunções do imaginário. A primeira iniciativa dessa mentalidade mágica é a instauração de um duplo, um sócia, uma imagem-espectro. É um processo anterior à consciência e se reconhece no reflexo ou sombra, projetada no sonho, na alucinação, na representação pintada ou esculpida, fetichizada, totemizada, sublimada nas crenças, cultos e ritos das religiões primitivas.

Sigmund Freud, em seu ensaio dedicado ao estudo do *Estranho* (“Das Unheimliche”, 1919), investiga os sentidos da palavra alemã ‘heimlich’. Verifica que, além da sua referência mais habitual -de pertencente à casa, familiar, doméstico, íntimo,

---

<sup>8</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narcisismo>. Narcisismo descreve a característica de personalidade de paixão por si mesmo. A palavra é derivada da Mitologia Grega. Narciso era um jovem e belo rapaz que rejeitou a ninfa Eco, que desesperadamente o desejava. Como punição, foi amaldiçoado a apaixonar-se incontrolavelmente por sua própria imagem refletida na água. Incapaz de levar a termo sua paixão, Narciso suicidou-se por afogamento. Freud acreditava que algum nível de narcisismo constitui uma parte de todos desde o nascimento. O narcisismo, em sua dimensão primitiva, tem a ver com esse momento em que são instauradas no sujeito, através do olhar de terceiros, essas qualidades que o definem para os outros e para si mesmo. Isso tudo é o fundamental do narcisismo para cada um de nós. É através desse investimento externo sobre o psiquismo que vai ser instaurado (no narcisismo primário) um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma. Na melhor das possibilidades, então, constitui-se um campo da ilusão, o da ilusão narcísica: o pequeno sujeito vai passar não só a ser alimentado por uma imagem ao mesmo tempo integrada e de perfeição, mas também vai poder, a partir daí, definir-se, identificar-se, reconhecer-se. Freud define essa imagem perfeita de si mesmo como ‘eu ideal’ - muito embora uma distinção mais precisa desse termo e do ‘ideal de eu’ tenha sido feita posteriormente por outros teóricos. À medida que se constitui essa imagem de si mesmo, esta vai ser cultivada e defendida como uma necessidade de satisfação narcísica. Em última análise, é uma relação de amor consigo mesmo que surge e daí para frente se transformará numa demanda: demanda de ser objeto do amor de um outro. O ego ideal erige-se como uma referência perene no psiquismo, uma ilusão e um modelo que o eu sempre buscará ‘retornar’: uma posição na qual estava a perfeição narcísica e na qual se assenta a ilusão de ter sido amado e admirado sem restrições. Desse modo, o outro será incluído como objeto, à medida que vem satisfazer as necessidades narcísicas do psiquismo. Resulta disso, a necessidade do investimento externo, da mãe, sobre o eu. O eu necessita, primeiro ser tomado como objeto, para que possa ser constituído.

não estranho – o vocábulo se desdobra de tal forma que chega a atingir, no seu limite, o significado de ‘escondido’, ‘algo oculto e perigoso’, habitualmente atribuído ao seu oposto ‘unheimlich’. Na língua alemã, portanto, o conhecido leva consigo o seu duplo (o estranho) a partir da própria palavra que o nomeia.<sup>9</sup>

Quanto ao fenômeno específico do duplo, Freud afirma:

[...] Assim, temos personagens que devem ser considerados idênticos porque parecem semelhantes, iguais. Essa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um personagem para outro, através do que chamaríamos telepatia, de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa [...].<sup>10</sup>

A psicanálise discerne significados, agencia significações, constrói sentidos tentando desconstruir as explicações lógicas baseadas na ética e na religião. Vai ao fundo do espírito humano, e busca captar os mais recônditos arquétipos. Narciso, em todo o seu investimento, é uma forma de auto-observação, maneira que o indivíduo tem de manter sua coesão e sua integridade. Aqui entra o duplo, a atividade fantasmática, o retorno da libido (segundo Freud) sobre a própria pessoa, um mecanismo de reversão, como ideal do ego, modelo ao qual o indivíduo procura conformar-se ou como ego ideal, identifica objetos prestigiados e grandiosos, na busca de um enriquecimento para o eu, na procura do duplo: expressão perfeita e imperfeita, acabada ou inacabada de um sujeito, espelho para medir o ego.

Na literatura, o termo *Doppelgänger*<sup>11</sup>, ou duplo, é inicialmente introduzido no final do século XVIII. Motivo bastante recorrente, na literatura romântica, tem a função

<sup>9</sup> FREUD, O Estranho (1919). In: *Obras Psicológicas Completas*. Volume XVII (1917-1919), 1969, p.279

<sup>10</sup>Idem, p. 293

<sup>11</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Doppelg%C3%A4nger>. **Doppelgänger**, segundo as lendas germânicas de onde provém, é um monstro ou ser fantástico que tem o dom de representar uma cópia idêntica de uma pessoa que ele escolhe ou que passa a acompanhar (como dando uma ideia de que cada pessoa tem o seu próprio). Ele imita em tudo a pessoa copiada, até mesmo suas características internas mais profundas. O nome **Doppelgänger** se originou da fusão das palavras alemãs **dopple** (significa *duplo*, *réplica* ou *duplicata*) e **gänger** (*andante*, *ambulante* ou *aquele que vaga*). Existem muitas controvérsias sobre como esta criatura misteriosa é tratada: uns dizem que ela anuncia maus agouros, enquanto outros ditam que é

de resgatar a mitologia. Um renovado interesse por essas manifestações é preponderante no pensamento dessa época, quando a Filosofia e a Arte reconhecem estar diante de uma crise espiritual de dimensões profundas. Os escritores se caracterizam como aqueles que tentam salvar os conceitos tradicionais, os esquemas e valores baseados na relação de sujeito e objeto, traduzindo a problemática de uma época, a partir do ficcional.

A maior parte dos estudos realizados na Europa, do século XX, sobre o duplo privilegia o ângulo psicológico, a começar pela interpretação psicanalítica de Otto Rank<sup>12</sup> ao relacionar os diferentes aspectos do duplo na literatura com o estudo da personalidade dos autores.

O tema do 'duplo' foi abordado de forma muito completa por Otto Rank (1914), que se baseou nas ligações que o 'duplo' tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte; mas lança também um raio de luz sobre a surpreendente evolução da ideia. Originalmente, o 'duplo' era uma segurança contra a destruição do ego, uma 'enérgica negação do poder da morte', como afirma Rank; e, provavelmente, a alma 'imortal' foi o primeiro 'duplo' do corpo. Essa invenção do duplicar como defesa contra a extinção tem a sua contraparte na linguagem dos sonhos, que gosta de representar a castração pela duplicação [...] O mesmo desejo levou os antigos egípcios a desenvolverem a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Tais ideias, no entanto, brotaram do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o 'duplo' inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia de imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte.<sup>13</sup>

Segundo as palavras de Otto Rank – em *O duplo* – a sombra inseparável do homem tornou-se a primeira objetivação da alma humana, provavelmente bem antes de o

---

uma representação acentuada do lado negativo de uma pessoa. No primeiro caso, diz-se que ver o seu próprio *doppelgänger* é um sinal de morte iminente, pois a lenda reza que a pessoa está vendo a sua própria alma projetando-se para fora do corpo para assim embarcar para o plano astral. Em outras circunstâncias, se o *Doppelgänger* é visto por amigos ou parentes, isso é um anúncio de má sorte ou de problemas emocionais que se aproximam.

<sup>12</sup> <http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/otto.html>. Otto Rank (1884-1939) era um estudante de 21 anos, quando encontrou Sigmund Freud. Rank seguiu adiante para fazer um doutorado em psicologia e por fim tornar-se par de Freud, com quem ele forma um comitê secreto e se torna secretário de Freud. Rank via cada pessoa como um artista cuja tarefa final é a criação de uma personalidade individual. Para Rank, o neurótico é um *artiste manqué*, uma pessoa cujo forte impulso criativo é frustrado pelo uso negativo da vontade. Em 1914, ele publica *O traumatismo do nascimento*, propondo uma visão diferente quanto ao *Complexo de Édipo* e afasta-se de Freud. DIALÉTICA RANKIANA: A base para o seu rompimento com Freud foi a visão de Rank de que o trauma do nascimento é mais importante do que o conflito edípico.

<sup>13</sup> FREUD, O Estranho (1919). In: *Obras Psicológicas Completas*. Volume XVII (1917-1919), 1969, p. 293-294

homem ter percebido sua imagem refletida na água. Foi através da sombra e do reflexo que o homem viu pela primeira vez a sua forma. Posteriormente, representou a sua alma e essa crença primitiva se tornou a origem da crença na alma, sustentada pelos povos da cultura antiga. E salienta, ainda, que o duplo é a própria personalidade (sombra ou reflexo), assegurando sobrevivência futura.

Otto Rank sustenta que o medo da morte nos inspira a inventar a ideia de um duplo: essa obscura réplica de nós mesmos que, segundo se diz, sobrevive num mundo fantasmagórico, ou *outro* mundo. Na visão de Rank, duplicar a imagem do eu é trabalho de uma negação narcisista da ideia de extinção pessoal: “Rank baseia a sua interpretação de todo o tema do duplo na teoria freudiana do narcisismo. [sic] Segundo essa concepção, o duplo representa elementos do mórbido amor por si mesmo que impedem a formação de uma personalidade bem equilibrada.”<sup>14</sup>

A vasta abordagem psicanalítica de Otto Rank focaliza o duplo a partir de diferentes pontos de vista: literário, antropológico, biográfico e, fundamentalmente, psicanalítico, abordado a partir do narcisismo e do duplo. Interessante é salientar que Otto Rank desenvolveu pesquisas psicanalíticas como assistente de Sigmund Freud, porém as visões artísticas e literárias imprimem traços peculiares no desenvolvimento científico-discursivo e psicanalítico rankiano. Portanto, em *O duplo* observa-se uma notória influência e presença das produções literárias dos românticos alemães -aliás, a pesquisa rankiana baseia-se neles. Otto Rank salienta a importância das narrações fantásticas de E.T.A. Hoffman <sup>15</sup>, como fonte inspiradora do filme *O estudante de Praga* (1913, de Hans Heinz Eweres) que inicia a saga de produção literária e fílmica, no que se refere à abordagem do duplo nas suas inumeráveis manifestações. Embora o ensaio rankiano se

---

<sup>14</sup> RANK, 1996, p. 7-8. Introdução do organizador, Juan Ventura Esquivel. Minha tradução de: Rank basa su interpretación de todo el tema del doble en la teoría freudiana del narcisismo [sic] Según esta concepción, el doble representa elementos de morboso amor por sí mismo, que impiden la formación de una personalidad bien equilibrada.

<sup>15</sup>[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst\\_Theodor\\_Amadeus\\_Wilhelm\\_Hoffmann](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Theodor_Amadeus_Wilhelm_Hoffmann). ErnstTheodorAmadeus. Wilhelm Hoffmann (1776-1822) foi um escritor, compositor, caricaturista e pintor alemão. É um dos maiores nomes da literatura fantástica mundial. No Romantismo alemão, Hoffmann foi um mestre, o mágico virtuoso da literatura fantástica. Entre suas obras mais conhecida: *O Homem de Areia* inspirou Freud para o seu estudo *O Estranho*.

fundamente no filme *O estudante de Praga*, o autor ilustra a questão do duplo também a partir de vários escritores europeus. Encontram-se, portanto Jean Paul<sup>16</sup> e *O pavilhão invisível*, Oscar Wilde e *O Retrato de Dorian Grey*; Guy de Maupassant e *Le Horla*; Edgar Allan Poe e *William Wilson*; Dostoiévski e *O duplo*. Observa-se, pois, que a análise do duplo rankiano é apresentada sob diversas imagens: sombras, visões, reflexos, fantasmas, espelhos, vozes-ecos, duplos corpóreos, isto é, duplicações ou réplicas, instaurando, assim, um ponto de partida que nos permitirá desenvolver as figuras da analogia, do original-cópia, tópicos fundamentais nas nossas reflexões.

O psiquiatra Otto Rank analisou os traços psicanalíticos dos autores, na sua pesquisa baseada na literatura, salientando as características das personalidades dos escritores em questão.

Não é o nosso objetivo pesquisar [...] a vida e a obra dos escritores que aqui nos interessam. Pretendemos apenas mostrar que uma seção transversal de determinada parte da sua constituição psíquica poderia revelar as coerências complexas de certos traços característicos, dos quais provêm reações psíquicas idênticas. O traço principal que compartilham os autores, que nos interessam, é muito evidente: eles [...] eram personalidades decididamente patológicas que, em mais de um sentido, ultrapassavam o limite da conduta neurótica, ou aspectos que seriam permitidos para o artista. Sofriam, de uma maneira evidente, de perturbações psíquicas ou de doenças neurológicas, e durante a vida demonstraram uma notável excentricidade de conduta, seja no uso do álcool, de narcóticos, ou nos relacionamentos sexuais, com ênfase especial, neste último caso, no anormal.<sup>17</sup>

Ao longo do texto *O duplo*, Rank desenvolve a ideia da literatura como tradução e reflexo da personalidade dos narradores e a ilustra sob seu ponto de vista, a partir de exemplos das vidas dos autores e das análises de trechos significativos das narrativas. Traz, então, numerosos comentários sobre as extravagâncias de Poe e de Maupassant, e também as particularidades da psique de Hoffman: “sabemos que sofria de alucinações,

<sup>16</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Paul](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Paul). Jean Paul (1763—1825), pseudônimo de Johann Friedrich Richter, foi um escritor romântico alemão muito admirado na sua época.

<sup>17</sup> RANK, 1996, p. 51-52. Minha tradução de: No tenemos el propósito de investigar [...] la vida y la obra de los escritores que aquí nos ocupan. Sólo pretendemos mostrar que una sección transversal de determinada capa de su constitución psíquica podría revelar las coherencias complejas de ciertos rasgos característicos, de los cuales resultan reacciones psíquicas idénticas. El rasgo principal que comparten los escritores que nos interesan resulta bastante evidente: ellos [...] eran personalidades decididamente patológicas, que en más de un sentido desbordaban inclusive el límite de la conducta neurótica en otros aspectos permitida al artista. Sufrían – y de manera evidente- de perturbaciones psíquicas o de dolencias neurológicas y mentales, y durante su vida demostraron una notable excentricidad de conducta, ya sea en el uso del alcohol, de narcóticos, o en las relaciones sexuales, con un acento especial, en este último caso, en lo anormal.

de delírios de grandeza e de ideias compulsivas; tudo isso ele gostava de descrever nos seus escritos”<sup>18</sup>. Tornam-se notáveis as deduções de Rank quanto ao escritor Jean Paul, que temia enlouquecer, e teve que enfrentar graves traumas psíquicos na sua luta pela expressão criadora.

Um fator central dos seus conflitos psicológicos é a sua relação com o seu *eu*. O seu biógrafo Schneider evidencia a importância deste [o seu *eu*] para as perturbações mentais de Jean Paul, e para as suas personagens literárias: “Jean Paul conta, como uma das suas lembranças mais significativas da sua infância, que a intuição ‘eu sou um eu’ apareceu quando criança, como um relâmpago; e a partir daí, foi uma brilhante imagem que se erguia diante dele... Durante a sua permanência em Leipzig, essa potente percepção do seu próprio eu se impôs diante dele como um espectro aterrador” [...] <sup>19</sup>

Rank aborda esses traços psíquicos dos diferentes escritores a partir de uma análise pormenorizada dos seus comportamentos, enfatizando como esses aspectos, tão particulares, definem a produção literária de todos eles. O fato de Rank salientar a aparição ou desdobramento do eu como figura e motor de criação narrativa, torna-se evocativo de várias das características do narrador cortazariano.

Ao abordar a problemática do duplo em Cortázar, o tema do desdobramento do eu pode-se ilustrar a partir de uma lembrança – vivência de alucinação (e desdobramento) de Cortázar. A título de esclarecimento vale analisar esse tópico, por meio de diversos parágrafos de entrevistas concedidas por Cortázar, no sentido de exemplificar e confirmar a teoria rankiana.

AB: Para muitos, escrever é um ato de exorcismo. No seu caso, algum conto ou romance teve essa função?

JC: Uma boa parte de meus contos nasceu de estados neuróticos, obsessões, fobias, pesadelos. Nunca pensei em ir ao psicanalista. Fui resolvendo meus tormentos pessoais à minha maneira, quer dizer, com a minha máquina de escrever e com esse senso de humor, condenado pelas pessoas sérias. Então, mais que um conto ou um romance, o meu ato de exorcismo é o fato mesmo de escrever. [...] Vivo como habitado pelo imaginário, que se sobrepõe ao que me

<sup>18</sup> RANK, 1996, p. 52. Minha tradução de: [...] sabemos que sufría de alucinaciones, delirios de grandeza e ideas compulsivas, todo lo cual gustaba de describir en sus escritos. [...]

<sup>19</sup> Idem, p. 53. Minha tradução de: Un factor central de sus conflictos psicológicos es su relación con su yo. Su biógrafo Schneider señala la importancia de éste para las perturbaciones mentales de Jean Paul, y para sus personajes literarios: “Jean Paul relata, como uno de sus recuerdos más significativos de su infancia, que la intuición ‘yo soy yo’ le surgió, de niño, como un relámpago; y desde entonces siguió siendo una brillante imagen que se erguía ante él... Durante su estadía en Leipzig, esa potente percepción de su propio yo se le impuso como un espectro aterrador” [...]. Grifos meus.

rodeia, modifica-o e o desloca. É um sentimento maravilhoso e inquietante ao mesmo tempo, um período no qual se acumulam as *coincidências*, e os *encontros*, como se o livro e a realidade exterior se invadissem mutuamente até o dia – sempre triste para mim – do ponto final.<sup>20</sup>

Numa outra entrevista concedida ao escritor uruguaio Omar Prego<sup>21</sup>, a conversa aborda o conto *Axolotl*<sup>22</sup>, focalizando a temática dos traços obsessivos da personalidade de Cortázar, como fonte de inspiração literária:

[...] Isso é uma experiência da vida cotidiana. Fui para o Jardin des Plantes e o visitei – gosto dos zoológicos – e, de repente, numa sala como a que se descreve no conto, muito vazia e na penumbra, vi o aquário dos axolotl e fiquei fascinado. E comecei a olhar para eles. Fiquei meia hora olhando, porque eram tão estranhos que, no início, pareciam mortos, quase não tinham movimentos [...] Sei que num dado momento, nessa intensidade com a qual eu os observava, foi o pânico. Então, dei as costas e fui embora, rapidamente, sem perder nem um segundo. Coisa que não acontece no conto. No conto, o homem está cada vez mais fascinado e vai e volta, até que a coisa muda e entra no aquário [...] Porém, a minha fuga, naquele dia, foi porque, naquele momento, senti o perigo. [...] E então: fugir. E fugi. E isso é absolutamente certo; um pouco ridículo, mas totalmente certo: nunca voltei para o aquário do Jardin des Plantes, nunca vou me aproximar daquele aquário.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cortazar/barnechea.pdf>. Minha tradução de: AB: Para muchos, escribir es un acto de exorcismo. En su caso, ¿algún cuento o novela ha cumplido esa función? JC: Una buena parte de mis cuentos han nacido de estados neuróticos, obsesiones, fobias, pesadillas. Nunca se me ocurrió ir al psicoanalista; mis tormentas personales las fui resolviendo a mi manera, es decir, con mi maquina de escribir y ese sentido del humor que me reprochan las personas serias. Entonces, más que un cuento o una novela, es el escribir mismo mi acto de exorcismo. [...] Vivo como habitado por lo imaginario, que se superpone a lo que me rodea, lo modifica y lo desplaza. Es un sentimiento a la vez maravilloso e inquietante, un periodo en el que se acumulan las *coincidencias*, y los *encuentros*, como si el libro y la realidad exterior se invadiesen mutuamente hasta el día –siempre triste para mí— del punto final

<sup>21</sup> <http://www.cortazartextual.com.ar/salida.html>. *Los cuentos: un juego mágico*. Charla con Omar Prego.

<sup>22</sup> CORTÁZAR, Julio. *Axolotl*. In: *Final del juego*, 12a. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1971, pp. 161-8.

<sup>23</sup> <http://www.cortazartextual.com.ar/salida.html>. *Los cuentos: un juego mágico*. Charla con Omar Prego. Minha tradução de: [...] Eso es una experiencia de la vida cotidiana. Yo fui al Jardin des Plantes y lo visité -a mí me gustan los zoológicos- y de golpe, en una sala como la que se describe en el cuento, muy vacía y muy penumbrosa, vi el acuario de los axolotl y me fascinaron. Y los empecé a mirar. Me quedé media hora mirándolos, porque eran tan extraños que al principio me parecían muertos, apenas se movían [...] Sé que en un momento dado, en esa intensidad con que yo los observaba, fue el pánico. Es decir, darme vuelta e irme, pero inmediatamente, sin perder un segundo. Cosa que, naturalmente, no sucede en el cuento. En el cuento el hombre está cada vez más fascinado y vuelve y vuelve hasta que se da vuelta la cosa y se mete en el acuario [...] Pero mi huida, ese día, fue porque en ese momento sentí como el peligro [...] Y entonces huir. Yo huí. Y esto es absolutamente cierto; será un poco ridículo pero es completamente cierto: jamás he vuelto al acuario del Jardin des Plantes, jamás me voy a acercar a ese acuario.

A escrita como catarse, exorcismo, pulsão, massa narrativa em constante luta: contra e para outro. Duplos em briga mortal, ou em metamorfose infatigável, criando tensão discursiva, justificativa para uma literatura fantástica que se filtra no cotidiano.

No que diz respeito à vasta produção dos diferentes autores analisados, Rank encontra explicação da ânsia e da necessidade ficcional, salientando a presença do duplo, ao focalizar *a disposição patológica para as perturbações psicológicas condicionada pela divisão da personalidade*.<sup>24</sup> Observa-se, portanto que o elemento do duplo é figura constante.

Trata-se das estranhas representações do duplo como espelho, como sombra, imagem de espelho ou retrato, cuja avaliação significativa não conseguimos entender muito bem, embora a acompanhamos, em termos do emocional. No escritor, como no seu leitor, aqui parece vibrar em forma inconsciente um fator *sobre-individual*, que produz nesses motivos uma misteriosa ressonância psíquica.<sup>25</sup>

#### Julio, os seus solilóquios narrativos

Num sem-número de manifestações, em entrevistas e ensaios, Cortázar nos informa sobre as suas vivências durante o ato de produção narrativa, sobre os quais já foram mencionados certos aspectos.

Observa-se em Cortázar a escrita como pulsão, laço comunicante entre narrador e discurso/leitor, mimese e experiências de fusão e metamorfose com as personagens que habitam os seus contos; produção como experiência *alucinante que se instala desde as primeiras frases para fascinar o leitor [...] arrasá-lo numa submersão mais intensa e avassaladora*.<sup>26</sup>

#### Construção textual *avassalando* narrador e leitor.

Em todo caso, tive vontade de escrever muitos contos, inclusive, em alguns relativamente longos, como *Las armas secretas*, a angústia onipresente, ao longo

<sup>24</sup> RANK, 1996, p. 68. Minha tradução de: La disposición patológica hacia las perturbaciones psicológicas está condicionada en gran medida por la división de la personalidad

<sup>25</sup> Idem, p. 69. Minha tradução de: Son las extrañas representaciones del doble como espejo, como sombra, imagen de espejo o retrato, cuya evaluación significativa no entendemos del todo, aunque podamos seguirla en términos emocionales. En el escritor, lo mismo que en su lector, aquí parece vibrar en forma inconsciente un factor sobre individual, que otorga a estos motivos una misteriosa resonancia psíquica.

<sup>26</sup> CORTÁZAR, *Valise do cronópio*, 1974, p. 231

de um dia todo, me obrigou a trabalhar obstinadamente até terminar a narrativa e só então, sem cuidar de relê-lo, descer à rua e *caminhar sozinho, sem ser mais Pierre, sem ser mais Michèle*.<sup>27</sup>

A escrita cortazariana acarreta presença e rechaço das *criaturas invasoras* na construção narrativa: pavor e fascínio do duplo – *criaturas invasoras* – exorcismo e repulsa, visando paradoxalmente a *existência universal, ao mesmo tempo em que as situa no outro extremo da ponte*<sup>28</sup>. Julio Cortázar vai se filtrando nas nossas inquietações, nos propondo os seus parâmetros criativos numa tentativa de compreensão da gênese fantástico-narrativa, olhando para *as duas margens*, temática de base dessas reflexões.

### Julio, as suas errantes duplicações

Talvez seja exagero afirmar que todo conto breve plenamente realizado, e em especial os contos fantásticos, são produtos neuróticos, pesadelos ou alucinações neutralizadas mediante a objetivação e o traslado a um meio exterior ao terreno neurótico; de toda forma, em qualquer conto breve memorável se percebe esta polarização, como se o autor tivesse querido desprender-se, o mais rápido possível e da maneira mais absoluta da sua criatura, exorcizando-a do único modo que lhe é permitido fazê-lo: escrevendo-a.<sup>29</sup>

Cortázar explica-se e nos esclarece a questão rankiana a partir da sua ótica de contista do fantástico, salientando o ato de criação literária como uma fase de produção, na magia da escrita.

[...] certa gama de contos nasce de um estado de transe, anormal para os cânones da anormalidade corrente, e que o autor os escreve enquanto está no que os franceses chamam um *état second*. [...] Não faltará quem julgue que exagero esta noção de um estado ex-orbitado como o único terreno onde possa nascer um conto breve, [...] me refiro a narrativas onde o próprio tema contém a 'anormalidade', como os [...] de Poe [...] Como descrever a atmosfera que antecede e envolve o ato de escrevê-lo? [...] sem aviso prévio [...] *é um conto*, uma massa disforme, sem palavras, nem rostos, nem princípio, nem fim, mas já um conto [...] há uma espécie de *um grande coágulo* [...] há *a angústia* e a ansiedade e *a maravilha*, porque também as sensações e os sentimentos se contradizem nesses momentos, escrever um conto assim é simultaneamente *terrível e maravilhoso* [...] E então a massa negra se aclara [...] o que provocou a

<sup>27</sup> Idem, p. 231. Grifos meus.

<sup>28</sup> CORTÁZAR, *Valise do cronópio*, 1974, 230

<sup>29</sup> Idem, p. 230

obsessão, o coágulo abominável que era preciso *arrancar em tiras de palavras*. [...]<sup>30</sup>

Cortázar escreve criando pontes entre o narrador e o narrado, entre o narrador e o leitor, já que para ele existe uma *ponte* que os precede: a ponte de uma linguagem “indo de uma vontade de expressão à própria expressão. Ao mesmo tempo essa ponte me separa, como escritor, do conto como coisa escrita, a ponto de a narrativa ficar sempre, após a última palavra, na outra margem”.<sup>31</sup>

Surge, então, a linguagem estabelecendo pontes discursivas, delimitando margens, criando contos, fantasiando o duplo, vivenciando personagens literários e corpóreos, indo sobre a ponte a partir de um ser de palavras/linguagens, para um ser textual. Indo para o texto, o duplo.

O duplo é figura central de nossas reflexões, seja como elemento provocador de impotência (segundo o já desenvolvido na vivência – rankiana – assustadora diante do duplo), seja como causa de insegurança diante à castração freudiana (percebida pelo ser e o texto). Todas essas temáticas estando extremamente presentes nos estudos literários, como se pode apreciar ao longo das nossas observações, mas também nas abordagens psicanalíticas tanto rankianas, freudianas, quanto lacanianas: análises psico-literárias sempre numa tentativa de descrição da formação do ser, e que para a nossa análise se tornam bases-justificativas e ponto de partida para a compreensão da construção textual, da passagem/construção (textual) de um texto (o original) para o seu duplo (o traduzido). Analogia ‘ser-texto’ singular a ser abordada e ilustrada nos capítulos seguintes e que nos abrirá as portas para esse jogo de amarelinha, no qual a primeira pedra será jogada a partir do texto de partida, para vivenciar a tensão criativa, *esse coágulo* cortazariano, essa *angústia* na passagem, essa mimese, essa *identificação e repulsa paradoxais* diante do outro – o duplo – na procura e na tentativa de atingir o Céu: o texto traduzido.

De um conto [*de uma tradução*] assim se sai como de um ato de amor, esgotado e fora do mundo circundante, ao qual se volta pouco a pouco com um olhar de surpresa, de lento reconhecimento, muitas vezes de alívio e tantas outras de resignação. O homem que escreveu [*que traduziu*] esse conto [*essa tradução*] passou por uma experiência ainda mais extenuante, porque de sua capacidade de transvasar a obsessão dependia o regresso a condições mais toleráveis; e a tensão

<sup>30</sup>Idem, 1974, p. 233-234. Grifos meus.

<sup>31</sup>CORTÁZAR, **Valise do cronópio**, 1974, p. 230

do conto [*da tradução*] nasceu dessa eliminação fulgurante de ideias intermédias, de etapas preparatórias, de toda uma retórica literária deliberada, uma vez que estava em jogo uma operação de algum modo fatal que não tolerava perda de tempo. [...]<sup>32</sup>

## REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. Axolotl. In: **Final del juego**, 12a. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1971

\_\_\_\_\_. **O Jogo da Amarelinha**. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

\_\_\_\_\_. **Valise do cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FREUD, Sigmund. O Estranho (1919). In: **Obras Psicológicas Completas**. Volume XVII (1917-1919). Rio de Janeiro: Imago, 1969. Trad: Eudoro Augusto Macieira de Souza.

PAZ, Octavio. In: **O Jogo da Amarelinha**, 1974, Cap. 149

RANK, Otto. **El doble**. Argentina: JVE Psiqué, 1996.

\_\_\_\_\_. Don Juan et le Double (1932). Études psychologiques (1932). Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1973. Versão eletrônica: [http://classiques.uqac.ca/classiques/rank\\_otto/don\\_juan/don\\_juan.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/rank_otto/don_juan/don_juan.html).

### Documentos eletrônicos

CORTÁZAR, Julio. **Conversaciones con Cortázar** [Fragmentos] Ernesto González Bermejo. In: <http://www.ciudadseva.com/textos/teoria/opin/cortaz4.htm>

CORTÁZAR, Julio. **Los cuentos: un juego mágico**. Charla con Omar Prego. In: <http://www.cortazartextual.com.ar/salida.html>.

<sup>32</sup> CORTÁZAR, **Valise do cronópio**, 1974, p. 231. Grifos meus.

CORTÁZAR, Julio. Entrevista Revista Constelar. In:

<http://www.constelar.com.br/revista/edicao67/cortazar1.htm>.

CORTÁZAR, Julio. Entrevista Barnechea. In:

<http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cortazar/barnechea.pdf>

HOFFMAN, Ernst Theodor Amadeus Wilhelm. In:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst\\_Theodor\\_Amadeus\\_Wilhelm\\_Hoffmann](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Theodor_Amadeus_Wilhelm_Hoffmann). ErnstTheodorAmadeus.

RANK, Otto. *Classiques\_des\_sciences\_sociales/index.html*, p. 6.

In: [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Narcisismo>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Doppelganger>.

<http://www.academia.org.br/abl/media/poesia11.pdf>, p. 243.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean\\_Paul](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Paul). Jean Paul

<http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/otto.html>.

Recebido em: 02 de outubro de 2016.

Aceito em: 30 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## Jehová de Carvalho, o Cronista (de) Salvador

## Jehová de Carvalho, the Columnist (of) Salvador

Raimundo Dalvo Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo consiste em recuperar a vida e obra do cronista baiano Jehová de Carvalho, na sua relação com a cidade de Salvador. Para melhor entendermos sua história e o seu olhar crítico sobre o urbano, recorreremos às crônicas publicadas nos jornais *Diário de Notícias*, *A Tarde* e ao livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*. O trabalho contempla leituras sobre a história da Bahia em livros e fontes primárias as quais oferecem informações sobre as mudanças urbanas e sociais de Salvador (1940-1980), com a intenção de entender a metamorfose urbana e contextualizar os fatos narrados pelo cronista.

**Palavras-Chave:** Jehová de Carvalho; Crônica; Cidade.

**ABSTRACT:** This research consists of a recovery of the life and work of Brazilian, born in the state of Bahia, chronicler Jehová de Carvalho, his relationship with the city of Salvador and the people who passed or lived there, transformed into characters of his stories. For a better understanding of his story and his critical look over the urban, we went over the chronicles published on the Brazilian newspapers *Diário de Notícias*, *A Tarde* and the book *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia* (The city that does not sleep: nocturnal chronicles of São Salvador of Bahia). This paper contemplates readings about the story of the state of Bahia in books and primary sources, which offer information about the urban and social changes of the city of Salvador, with the purpose of understanding the urban metamorphosis and contextualizing the facts narrated by the author.

**Keywords:** Jehová de Carvalho; Chronicle; City.

### Introdução

Jehová de Carvalho nasceu em Santa Maria da Vitória, na década de 30 do século passado, e recebeu uma formação religiosa presbiteriana. Aos quatorze anos, chegou a Salvador e, mais tarde, tornou-se jornalista, pertencendo à redação de alguns jornais da Capital. O primeiro foi *A Crítica*. Tempos depois, o jornalista Jorge Calmon convida Jehová

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras – PUCRS. Professor Adjunto Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: costadalvo58@gmail.com

para o Jornal *A Tarde*, o mais importante do Norte e Nordeste do Brasil, em cujo veículo passa a desempenhar atividades de revisor, redator, repórter especial para assuntos da cidade, e logo surgiu a oportunidade de cobrir reportagens de cunho policial. No *Diário de Notícias*, desenvolve a função de chefe de reportagem. Em ambos (*A Tarde e Diário de Notícias*), assinou as colunas “*A cidade que não dorme*”, “*Foro*” e a “*Velha e nova Bahia*”, além da folclórica “*Bahia, beco e boteco*”. Em 1957, foi integrante da primeira redação do *Jornal da Bahia* e, em seguida, foi convidado para o *Jornal Tribuna da Bahia*. Na imprensa nacional, trabalhou na famosa *Revista O Cruzeiro*, na sucursal do Estado da Bahia, ressaltando-se a edição sobre a Bahia, no ano de 1971.

Na década de 1970 concluiu o curso de Direito. Jehová, em razão de ter uma ligação com os mais humildes e trabalhar em causas populares, passou a ser conhecido como o “pai dos pobres”. Transitava no meio de intelectuais e, em muitos momentos, conviveu com Grande Othelo, Pablo Neruda, Mário Lago e com o amigo Jorge Amado, tendo sido personagem de algumas obras deste.

A sua paixão pela literatura o fez escrever alguns livros, a exemplo de *Um passo na noite*, com prefácio de Jorge Amado. Alguns poemas presentes nesse livro, de 1964, foram considerados, à época, estranhos e desafiadores à ditadura militar. A obra *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*, como bem disse Carlos Drummond de Andrade, na abertura desse livro, “é a Bahia em toda a sua beleza luso-africana. A crônica ‘Do carroceiro Diodé no Largo do Ouro’ traz a leveza da prosa de Rubem Braga. Apenas os elementos ambientais são marcados pela cor do dendê e pelos mistérios dos orixás”. *A Reinvenção do Reino dos Voduns* trata sobre a conciliação linguística e semântica entre as remanescências jeje-nagôs e a língua portuguesa, em sua expressão baiana e brasileira, sendo na verdade uma coletânea de poemas; e, por último, o livro *Memória da Cantina da Lua*, que são lembranças e momentos vividos por Jehová de Carvalho ao lado dos boêmios e intelectuais.

Jehová foi um estudioso da cultura africana, marcando presença em várias palestras, inclusive fora do Estado. Fez diversas conferências no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (Ufba), no Ciclo de Estudos da Natureza das Nações Africanas. Na Academia de Polícia Civil, discursou sobre a “*Linguagem na Reportagem Policial Moderna – preconceitos e estereótipos*”. Participou em Salvador do *II Encontro Mundial de Tradição Orixá*, apresentando a temática sobre “*Do Povo Jêje e sua contribuição ao movimento Libertário de 1835, na Bahia*”.

Participou dos filmes *Tenda dos Milagres*, de Nelson Pereira dos Santos, em 1976/1977, e *Mistério de Azanaodô*, de Agnaldo Azevedo, dentro do projeto de produção da Embrafilme para 1984. Foi Assessor-Chefe de Comunicação Social da SUNAB – cuja implantação lhe coube, em 1966 – e membro da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador. Em 1976, foi Assessor e Planejador de Comunicação Social de Fundação Cultural do Estado, como também Assessor de Comunicação da Secretaria de Segurança Pública, de 1975-1979.

Diante do exposto, podemos afirmar que o poeta Jehová de Carvalho viveu a ebulição da produção cultural, dando a sua contribuição intelectual para Salvador, no que tange às questões sociais, culturais e literárias da cidade, divulgando a cultura africana por meio de livro e palestras, como também fez uma antropologia urbana, apontando muitas vezes para as mazelas sociais.

#### A Cidade e o *Progresso*

Salvador, desde o início do século XX, passou por mudanças econômicas e urbanas importantes, o que refletiu na sua vida cultural, intensificando-se na década de 1970, por meio da política desenvolvimentista, de modo que “a cidade se constituiu como um dos estados com história mais marcante no planejamento”.<sup>2</sup> Essa metamorfose não passou despercebida aos olhos do cronista Jehová de Carvalho.

A maior concentração do comércio varejista estava nas ruas Chile, Misericórdia, Ajuda, Carlos Gomes, J.J.Seabra e nas avenidas Joana Angélica e Sete de Setembro. O Elevador Lacerda e os planos inclinados faziam a ligação entre a cidade alta e a cidade baixa, apresentando-se como alternativa de rápida locomoção.

Com o crescimento populacional, a ampliação do comércio e o fluxo de veículos, buscou-se ampliar ruas com a criação de novas áreas residenciais de luxo, como Graça, Vitória e Barra, fazendo com que tradicionais bairros com casarões antigos fossem abandonados, alugados ou invadidos pela população carente, quando não, muitas vezes, derrubados para construir edifícios ou garagens.

---

<sup>2</sup> MENDES, Victor Marcelo Oliveira. **A problemática do desenvolvimento em Salvador**: análise dos planos e práticas da segunda metade do século XX (1950-2000). 2006. 265 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 137.

Dessa maneira, o planejamento urbano, tendo uma preocupação direta com o lucro, não observou as consequências futuras para a cidade. A população foi obrigada a residir distante dos centros, incentivada pelo governo, por intermédio da implantação dos primeiros conjuntos habitacionais.

O surgimento de novos bairros está associado ao crescimento do sistema de transportes que se amplia entre os anos de 1960 a 1970, estimulando de maneira acentuada a especulação imobiliária. A população que não possuía rendimento fixo, na sua maioria ambulantes, passou a residir em invasões, aumentando de maneira significativa o processo de proletarização social e urbana. O professor Renato Cordeiro Gomes assevera que “o desenvolvimento das cidades sem um planejamento amplo que visasse a atender os mais carentes terminou por prejudicá-los no que se refere à moradia, ao desenvolvimento intelectual e ao seu bem-estar social”.<sup>3</sup>

Jehová de Carvalho fez sua própria leitura dos acontecimentos dessa época. Como a crônica é filha da cidade e a cidade está na essência do cronista, ele viu essas mudanças de forma subjetiva, mas também muito criticamente, não aceitando o progresso e as reformas urbanas, quando estas se mostravam sem limites. Não eram apenas casas ou prédios antigos jogados ao chão, mas a tradição e a cultura de um povo – era a construção do novo em detrimento do passado.

Toda essa mudança se encontra associada à ideia da modernidade que atingiu muitos baianos os quais, paradoxalmente, viveram o conflito entre o tradicional e o moderno.

Além das diferenças sociais e econômicas que marcavam a cidade, também as arquitetônicas foram temas de Jehová. Construções surgiam sem limites, opondo-se aos casarões coloniais, imprimindo a contradição ao espaço da cidade, como afirma Milton Santos:

[...] próprio à cidade atual que fornece a explicação da presença, ao lado de um conjunto de construções modernas, dos restos do passado, velhas casas ricas que perderam seu antigo papel residencial e se degradam. O quadro antigo, herança do passado, não foi completamente substituído, enquanto sobre um sítio artificialmente criado, nascia uma cidade moderna [...].<sup>4</sup>

O modernismo baiano passou a desprezar sua memória histórica. Para o professor Renato Cordeiro Gomes, esse ataque à cultura de uma cidade “é um ato de violência,

---

<sup>3</sup> GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, A cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>4</sup> SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador: estudo de geografia urbana**. 4. ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1950. p. 23.

imposição do poder: atemoriza, desorienta os sentidos com sua arquitetura sem fim. A monumentalidade pela monumentalidade.”<sup>5</sup> Assim o progresso pintava a vida urbana e dos seus humildes habitantes, radicalizando as dualidades rico/pobre, ontem/hoje, casarios coloniais/prédios modernos, sem possibilidade de diálogo para um equilíbrio nas relações e distribuição de forma equitativa do trabalho, sem prejuízo dos mais pobres.

Salvador ia, conseqüentemente, perdendo seus traços marcados pela arquitetura colonial, caminhando em direção a um planejamento urbano de imponência, que se assentava nas construções modernas e na proposta política de desenvolvimentismo. Jehová não gostou desse modelo de cidade e fez questão de externar esse sentimento na crônica “Do desfile e da loucura da cidade quadrissecular”:

Os monstregos de cimento armado continuam ocupando os lugares dos seus prédios coloniais, na tentativa de uma arquitetura piegas, quase de arremedo para atendimento aos interesses imediatista de um comércio sem visão, que muda de esquina de um dia para o outro. O Campo Grande de ontem, um dos mais belos jardins do país, conforme a opinião de famosos paisagista é hoje um aglomerado de edifícios funcionais, de escassez de árvores e tomado de sujeira de uma cidade que cresce sem a proporção do seu organismo de limpeza. A Avenida Sete é outra como a outras já estão sendo Praça Thomé de Souza e a Rua da Misericórdia. A Sé, ainda uma praça antiga no início de 1960, é uma mascara do que foi antes, com uma construção de prédios miseravelmente concebidos em forma a destoar do resto do conjunto [...].<sup>6</sup>

A cidade é tratada e representada de forma pejorativa quando é denominada pelo cronista de “monstrengo de cimento armado”. A palavra “monstrengo” no texto significa falta de beleza, destoando com a tradição das construções coloniais. Nessa linha de pensamento, Jehová nega a forma de viabilizar um paisagismo que contraria a história descrita pelos seus casarios, sobrados e ruas dos tempos de outrora.

O seu olhar sobre esses acontecimentos, visto como degradante e irracional, começa também pela destruição do verde, das árvores milenares que davam à paisagem uma beleza própria e necessária aos seus moradores. O cronista recorda esse momento considerado como “desumano”:

A cidade cresceu. A calma da Praça Deodoro foi acabando. O tráfego intenso, pesado e louco, afastou para os bairros a carroça tradicional. Foi sumindo a figura do carroceiro, com seu bernal de couro, chicote na mão e o

<sup>5</sup> GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, A cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 25.

<sup>6</sup> CARVALHO, Jehová de. Do desfile e da loucura da cidade quadrissecular. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 31 mar. 1973.

“ôba” na boca e – no entendimento do burro – entre os trilhos dos bondes abertos. Sobre eles, sobre essa categoria de trabalhadores anônimos da cidade, alijados de sua paisagem pelo progresso, vieram os motoristas dos caminhões, veículos capacitados a conduzir, com mais pressa, o açúcar que as velhas e lentas carroças transportavam. Mas São Cristóvão ficou, sem que os motoristas pudessem entender sua presença na centenária árvore da Deodoro. Agora, a praça vai perder seu arvoredo, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto [...].<sup>7</sup>

O cronista vai identificando determinadas ruas da cidade alta como a Avenida Sete, Praça Thomé de Souza, Rua da Misericórdia e a Sé que, segundo ele, perdem sua originalidade. A cidade baixa, nas ruas Portugal e Conselheiro Dantas, passaram também a ser afetadas. Do mesmo modo, os opostos se apresentam na crônica: a figura do carroceiro segregado do grande centro e os motoristas dos caminhões que passam a transportar o açúcar, tirando de cena as carroças. O cronista faz o contraponto, quando afirma que “a praça vai perder seu arvoredo, a única concentração de verde que a Bahia contava em sua já desumana armação de metal e concreto.” Numa construção poética, mistura verde, metal e concreto. O verde morre para dar lugar ao metal e ao concreto, que são as edificações. O jogo da negação, do sim e do não vai permeando a narrativa, assim como as marcas do tempo presente na frase “veículos capacitados a conduzir, com mais pressa”. A velocidade, registrada pela palavra “pressa”, é o *cronos* da história, feita por homens e não apenas um tempo meramente físico. Homem e espaço transformam-se juntos na antítese de suas vidas na cidade. A crônica se multiplica em diversos significados, o que, sem reduzir a crítica social, impõe o caráter literário do texto. Alia simplicidade e coloquialismo, como é próprio do gênero crônica que se “situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem comunicativa [...]”.<sup>8</sup>

As crônicas abordadas retratam a alma do autor, que insiste na não aceitação da realidade por conta das impressões causadas pelo contato direto com as mudanças no espaço urbano, que atingem seu sonho de cidade feliz. “O progresso também acabou com as quitandas baianas talvez as mais bonitas [...]”.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> CARVALHO, Jehová de. Sem Fidelis/sem os carroceiros/sem São Cristóvão. In: \_\_\_\_\_. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 149.

<sup>8</sup> ARRIGUCCI Júnior, Davi. **Enigma e comentário**: ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras 1987. p. 55.

<sup>9</sup> CARVALHO, Jehová de. O afro-comércio das quitandas. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 1, 19 fev. 1972.

A preocupação excessiva em acusar o progresso como o responsável pelo desmantelamento de Salvador antiga é um ideia fixa enclausurada no “eu” do narrador, que ofusca a possibilidade de enxergar as mudanças necessárias na cidade. Buscando realismo na cena apresentada, ou seja, a metamorfose do urbano, ele utiliza de recursos estéticos, por meio da linguagem, com o intuito de convencer o leitor que sua argumentação é dotada de veracidade. Ou seja, em muitos momentos Jehová trabalha a crônica de forma artística, assim como o entalhador que, sobre a madeira, desenha imagens com recursos de detalhes e cuidados nos cortes para imprimir realismo.

As transformações apontadas pelo cronista traziam no seu bojo a destruição da memória social que paulatinamente produziria fragmentações da identidade cultural,<sup>10</sup> que iam se esfumando no seio dos baianos, principalmente dentro da religiosidade africana:

As iaôs, há muito tempo atrás não falavam com ninguém em seu percurso. Quero dizer: eram proibidas de comunicar-se com estranhos. Omolu as castigava, fatalmente [...] Mas o progresso mudou o comportamento das yaôs no Iococi e noutras “obrigações” do culto afro-baiano. O asfalto queima os seus pés. O trânsito obstruído e louco lhe impede, às vezes de chegar ao Terreiro antes que a noite chegue. Os turistas as assediam para fotografar. Fazem-lhes, com insistências, perguntas a respeito do fetichismo que lhes soa como algo cheio de encanto e mistério. O jeito que tem é falar. E pelo visto, Omolu já está tolerando a imprudência de suas filhas.<sup>11</sup>

Na visão do autor, o progresso desrespeitou, ignorou a cultura negra, descolorindo-a, maculando-a, desmontando imaginários, destruindo as raízes no passado. Os modos viventes e a cidade vão se tornando uma coisa sem vida e sem expressão artística e religiosa. O mundo popular falece junto com a Salvador antiga.

As imagens místicas, os diálogos que cria ficcionalmente em algumas crônicas mostram que até os orixás – santos do candomblé – estão insatisfeitos com essa realidade, ao ponto de castigar aqueles que colaboraram com a destruição da natureza:

A primeira vez em que baixei minha curiosidade no Bonocô foi quando a yalorixá Maria da Penha, a “Yenecy” do candomblé de Angola [...] retirava mais um barco; isto é, abria a porta da camarinha para que três yaôs saíssem a ver a luz do sol [...] já que estiveram recolhidas ali seis meses. As casas de pau-a-pique penduradas nas encostas pareciam pombais azuis [...] Quando as

<sup>10</sup> Identidades culturais aqui devem ser entendidas como pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Elas são partilhadas e congrega os sujeitos sob uma mesma identificação In: HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

<sup>11</sup> CARVALHO, Jehová de. O Iococi de Omolu. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 20 jul.1973.

picaretas e as britadeiras do então prefeito Antonio Carlos Magalhães gritaram no verde dos brongos do Bonocô. João Bocage [...] botou os olhos no Bonocô [...] e disse profetizando: – Meu pai, Omolu, a coisa vai ser feia. Tão derrubando as árvores sagradas! Certa manhã, um trabalhador braçal deu com o machado numa árvore de Loôco sem saber que não o poderia fazer, desde que de suas raízes, à última folha da copa, o príncipe negro que perdeu a medalha no deserto, “encantando-se” por desobedecer o pai, tomava a árvore, dela fazendo sua morada, para haver de cumprir sua tarefa divina no atendimento aos pedidos que lhe chegaram em forma de dendê, amalá. No segundo corte, o machado falseou o ferro, e quase que metade do pé do homem ficava ali junto à “comida” do orixá.<sup>12</sup>

É sobre a história do desenvolvimento, dos planejamentos políticos urbanos que atingem a tradição baiana que o cronista pretende tratar, transformando esse gênero literário, a crônica, em um documento de denúncia sobre os transtornos que o progresso trouxe. Com esse ideal, seus escritos se constituem como uma fonte rica da memória histórica, social e cultural de Salvador, ratificando o que Eliana Vasconcellos escreve sobre a crônica como documento: “[...] É um documento vivo do período em que foi escrito. Relata os fatos corriqueiros do dia a dia, os *faits divers* que alimentam o noticiário dos jornais.”<sup>13</sup>

Afinal, esse sempre foi o papel do gênero:

Ocupando a princípio a seção 'folhetim' nos jornais, desde o início os cronistas procuravam incorporar o aspecto social e político, por diversas vezes de forma crítica e corajosa, embora algumas vezes se rendessem aos 'projetos de modernidade' encaminhados pelas elites. Mas em geral denunciavam a crescente separação social, sempre de maneira agradável, direta e cosmopolita, antenando o local com as novidades mundiais.<sup>14</sup>

A ideia do social acoplado ao desenvolvimento de Salvador continuou presente nas crônicas de Jehová de Carvalho, trazendo a voz de um trabalhador da economia informal, que dialoga com o cronista e externa sua opinião sobre as mudanças nessa localidade:

– Seu Manoel Cabelinho como está achando as coisas por aqui neste Largo da Barroquinha? E ele fazendo a careta própria de quem não gosta muito de tratar assunto consumado, infelizmente consumado responde: – Como toda cidade, está uma desgraça. Estamos quase sem ouvir um ao outro, com esta barulheira desgraçada de ônibus. É que Manoel Cabelinho vem dos bons tempos, tardos tempos em que o Largo da Barroquinha era simplesmente o

<sup>12</sup> \_\_\_\_\_ . Das coisas do Bonocô que invocam os cegos. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 22 mar.1973.

<sup>13</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista: Uma leitura de suas crônicas. In: **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações. Rio de Janeiro: Editora Unicamp,1992. p. 255.

<sup>14</sup> MELO, Victor Andrade de. A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro como fonte de transição do século XIX/XX. Disponível em: <[www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica\\_remo\\_art\\_conbrace.doc](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica_remo_art_conbrace.doc)>. Acesso em: 15 fev. 2013. p. 4.

poético Largo do Barracão das Hortas. Sua quitanda ficava num quarteirão onde atualmente se vê uma espécie de jardim sem flores [...] Manoel Cabelinho toma um susto [...].<sup>15</sup>

A conversa entre o autor e Manoel inicia-se com uma pergunta, como forma de sugerir ao leitor que o cronista não é o único a discordar dos avanços de Salvador. A aparente “conversa fiada” não tem nada de gratuito: ambos convergem ao mesmo ponto. A cidade aqui é representada pelo popular como “desgraça”, contrapondo-se a uma época que esse local “era simplesmente o poético Largo do Barracão das Hortas”. Na segunda frase, fica clara a necessidade de se preservarem as hortas como forma de manutenção dos empregos dos mais precisados, mas o lugar fica “uma espécie de jardim sem flores”, ou seja, um paisagismo sem arte, naturalidade e sem humanização, assim acredita o autor. Dessa maneira, embora os mais humildes não tenham voz diante desse “espetáculo” do progresso, eles ganham espaço na crônica de Jehová, que, de certa forma, democratizou a palavra dos excluídos.

Jehová usava a palavra para denunciar, assumindo o seu papel de crítico, compreendendo que alterações de espaço, paisagem e ambientes naturais para o surgimento da cidade de concreto e das máquinas acarretariam alterações no comportamento humano, na cultura e no trabalho de seus habitantes. Essa é a leitura que Jehová faz da cidade.

#### A Cidade Literária

Apesar de o cronista rejeitar o progresso urbano, ele percebia que existia no seio de toda essa turbulência uma cidade literária que já se apresentava para ele desde a década de 1950. Jehová, um estudioso da história da literatura baiana, traz na sua coluna “*Velha e Nova Bahia*”, no Jornal *Diário de Notícias*, a crônica “*A Bahia e os efeitos de vinte e dois*”, um breve comentário da influência do movimento da Semana de Arte Moderna de São Paulo em alguns estados do Brasil, especialmente na Bahia, em 1927. Essa inovação ou “revolução” no mundo das letras atingiu seu ápice, de fato,

[...] só a partir de 1950, é que, com o Caleidoscópio de Heron de Alencar, na “A Tarde”, ele professor de Literatura da Faculdade de Filosofia, é que as bases da Semana foram tomadas por expressiva área da intelectualidade local, no romance, no jornalismo, na poesia (Wilson Rocha e Jair Gramacho) e, sobretudo, as artes plásticas com a volta da Europa de artistas como Mário

---

<sup>15</sup> CARVALHO, Jehová de. *Velha e nova Bahia: Cabelinho não viu que a cidade mudou. Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 3-4 dez.1972.

Cravo Júnior e Carlos Bastos, respaldadas por Caribé. Aí era o Caderno da Bahia, movimento articulado por estes e Claudio Tavares e cujo principal momento foi o seu livro “Pássaro de Sangue”, a negação de tudo quanto se fazia, nessa terra, em termos de poema. E foi da progressão de Carlos Chiacchio, com sua Ala das Letras e das Artes que vimos a “Geração Mapa”, o surgimento de intelectuais como Florisvaldo Matos e sua nova poesia política; Glauber Rocha e seu cinema protesto; José Maria e sua gravura-denúncia. Chegou tarde aqui a Semana de Vinte e Dois; mas, isso feito, abalou a inteligência nacional. Sem baianismos.<sup>16</sup>

Vários escritores baianos tiveram uma grande importância, no sentido de fomentar e apoiar esse período no campo da poesia, romance, contos, novelas e crônicas, assim como fez Vasconcelos Maia.<sup>17</sup> Era o momento político que cruzava com os movimentos culturais, quando se exaltava o nacionalismo de cunho socialista, que buscava valorizar suas raízes e a situação dos menos favorecidos socialmente. Essa tendência político-cultural se fortalece no estado da Bahia e ganha novos ares em 1960, quando foi realizado o I Festival de Literatura e Arte da Bahia, que deu ao público a possibilidade de conhecer livros de antigos escritores e estreantes no ambiente das letras, do teatro e das artes em geral. As Universidades e o Museu de Arte Moderna foram os acolhedores desse evento no estado, conforme relato de Daniel de Oliveira:

Nos jardins do Teatro Castro Alves reuniram-se os escritores residentes na Bahia e os escritores baianos famosos no sul do país, para juntos autografarem seus livros em benefício da campanha do menor abandonado. Vieram os escritores baianos do Rio e de São Paulo e entre eles havia quem não voltasse à Bahia há trinta anos. Foi um encontro cordial e comovente. Todos os grandes nomes da nossa literatura ali se encontravam, ao lado dos escritores jovens, e o público que compareceu em massa comprou livros de uns e de outros, num total de mais de mil volumes e de mais de quatrocentos mil cruzeiros. Foram recordistas de vendas: Vasconcelos Maia, cujo livro de crônicas foi lançado no Festival, Jorge Amado, com apenas três dos seus livros, estando os demais esgotados, e o governador Juraci Magalhães, com seu volume *Minha Vida Política na Bahia*.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> CARVALHO, Jehová de. A Bahia e os efeitos de vinte e dois. **Diário de Notícias**, Salvador, 1º mar. 1972. Caderno I, p. 4.

<sup>17</sup> Escritor e jornalista baiano. “Fundou e dirigiu, com os mais novos e expressivos nomes da cena cultural de Salvador, a revista de cunho modernista, cujo objetivo era implementar a vida intelectual de Salvador dentro do clima de pós-guerra e dar uma ressignificação identitária para a Bahia. Caderno da Bahia: revista de cultura e divulgação, como se intitulava, foi publicada, pela primeira vez, em agosto de 1948, por um grupo de escritores locais para que tivessem um canal próprio de expressão. De cunho social, a revista divulgava a cultura popular, tratava da questão do negro, o caldo cultural de uma Salvador que, então, buscava sua identidade [...]”. SOARES, Edna Maria Viana. **Uma cidade dia sim, dia não. Salvador nas crônicas de Vasconcelos Maia-1958/1964**. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2010. p.18.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Daniel. Bahia. **A viagem dos argonautas**. Salvador, 2010, p.1. Disponível em: <<http://aviagemdosargonautas.net/2012/08/10/bahia-por-daniel-de-oliveira/>>. Acesso em: 8 out. 2012.

Diversas manifestações, contos, poesias, ensaios e crônicas tiveram destaque nesse Festival de Literatura e Artes da Bahia. Muitos dos escritores resolveram assumir posições ideológicas de esquerda, fazendo denúncias, participando de movimentos sociais, usando a literatura como forma de protesto diante dos problemas que afligiam os mais carentes. Ainda por volta dos anos de 1970 os grupos culturais se faziam presentes, ao declamar poesias, pintar, esculpir, dançar e escrever sobre o universo africano e a cultura popular.

O ambiente literário era também pleno de altercações e vaidades intelectuais e mostrava relação direta com a posição social que cada um ocupava na sociedade e sua conduta comportamental no espaço da cidade. O campo das letras e das artes em Salvador estava dividido por facções que se diferenciavam: de um lado, poetas, romancistas e cronistas rebeldes; e, de outro, os mais tradicionais.

Surgiu na cidade uma importante feira de livro que Jehová terminou por dar visibilidade em sua crônica “*Do gênio baiano na feira do livro*”<sup>19</sup>, ao comentar, por conta de ter ouvido, na mesa de bar, o escritor e jornalista Rui Espinheira falar sobre o evento “[...] instalada quinta-feira passada no Belvedere da Sé [...]”<sup>20</sup>, que reuniu muitos letrados.

Soma-se a isso o papel da Biblioteca Pública do Estado que teve

[...] momentos em que chegou a sair de sua limitada destinação de depósito de livros para consultas para assumir a dimensão de organismo propulsor do movimento artístico-literário da Bahia de 1960, com exposições dos nossos maiores plásticos entre os quais Juarez Paraíso, Leonardo Alencar, José Maria, Adam Finerkaes, Udo, Yeda Maria e a divulgação de grandes ficcionistas e poetas como José Benjamin, Noênio Spínola, Ildasio Tavares, Anísio Melhor, conforme bem o documentou a “*Revista da Bahia*” pela mesma Biblioteca editada. Foi sua fase áurea, imposta pela dinâmica de Péricles Diniz Gonçalves.<sup>21</sup>

A cidade, aos olhos de Jehová, transpirava criação, nascida de qualquer lugar. Era o tempo dos poetas que versejavam versos nos saraus e cantavam fados, como relata o cronista:

Egas Moniz Barreto de Aragão, então diretor do Instituto de Criminalística da Secretaria de Segurança Pública, recitava poemas da autoria de seu famoso pai, Pethion de Vilar. À sua direita, o Delegado Adelino Carvalho.

<sup>19</sup> CARVALHO, Jehová de. Do gênio baiano na feira do livro. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 4, 30-31 jul. 1972.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> CARVALHO, Jehová de. De ficar no asfalto o barroco tremendo na canícula. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 1, 9 out. 1972.

Na cabeceira, o poeta João Muniz. O restaurante Porto vivia, mais uma vez, um dia de vinho branco. Moreira, o proprietário, cantava fados [...]”<sup>22</sup>

Já em outra crônica, narra: “E Murilo declamava versos de Florbela Espanca e Nuno Amarante, com sotaque de acento lisboeta, lembrando-lhes as serenatas de fado nas noites de Évora [...]”<sup>23</sup>, e na crônica “*Esta rua nossa de cada dia*”, como afirma:

Sob o Edifício Eduardo de Moraes, erguido para homenagear um expoente da Medicina baiana, estão... os versos declamados por Carlos Benjamin de Viveiros... E, bem depois, os poemas agrários de Florisval Matos, parnasiano... as soluções políticas encontradas por Antonio Balbino, Rui Santos, Heitor Dias, Antonio Carlos Magalhães, tudo à galhofa do cronista Raimundo Reis. Isso - os versos, os diálogos políticos, a discussão em torno da doutrina jurídica- [...]”<sup>24</sup>

Salvador vai, assim, sendo mapeada pelo cronista, apontando os lugares em que as manifestações literárias populares se faziam presentes por meio dos atores da palavra, como o cordelista José Gomes, conhecido como Cuíca de Santo Amaro, que escrevia versos, mandava imprimir e vendia durante seus recitais:

À época de Cuíca de Santo Amaro, a literatura de cordel funcionava como um jornal do povo. Lendo os folhetos obtinha-se informação dos fatos que aconteciam na cidade. Em seus versos, o poeta tornava públicas as histórias ocorridas nos bastidores da sociedade baiana [...]”<sup>25</sup>

Jehová mergulhava na literatura das calçadas, ao conviver ao lado de escritores de rua, trazendo uma parte da riqueza da cidade literária quando escrevia sobre ela, como pode ser lido na crônica “*O anônimo itinerário de um homem sofrido*”:

Se lhes falo de José Augusto, pouco interessaria o meu falar. Ora, José Augusto! E daí? Quantos José Augusto existem neste Brasil afora! Mas este é Zé Augusto cuja vida, ao menos nos últimos vinte anos, entre o Terreiro de Jesus e o Alto de Santana, toda ela de amor à cidade que ele, utilizando-se mal de linguagem alheia, chamava de “negra de peitos fartos”. Quando Cuíca de Santo Amaro e Rodolfo Coelho Cavalcanti recitavam suas trovas – o primeiro, à porta do Elevador Lacerda e o segundo, em frente ao Plano

<sup>22</sup> \_\_\_\_\_. Falta uma alegria no meio-dia do Porto. In: \_\_\_\_\_. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 26.

<sup>23</sup> \_\_\_\_\_. Quem fez distante o olhar da nega arara? **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 109.

<sup>24</sup> CARVALHO, Jehová de. Crônica: Esta rua nossa de cada dia. **A cidade que não dorme**: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. pp. 151-152.

<sup>25</sup> Matéria - Cuíca de Santo Amaro. **A Tarde**: Salvador, p.8, 25 mar. 2007.

Inclinado, no Comércio – falando da vida alheia, criticando políticos ou os que versavam em torno da superioridade do homem sobre a mulher, José Augusto, magro, declamava, em frente à Catedral Basílica, suas loas à Bahia, “amor que trago nos nervos, governado o coração.”<sup>26</sup>

A narrativa tem uma densidade centrada na condição humana de “Zé”, que faz o cronista perceber a poética existencial desse escritor, reverenciando-o. Também exalta o pintor baiano Ângelo Roberto:

[...] um dos maiores pintores do país [...] Ângelo pinta como o rio corre para o mar, a criança nasce, o homem morre [...] Ano passado, falei de seus cavalos que avançam, em disparada, além das telas [...] Exibiu-se na Galeria de Arte da Bahia, naquela mesma Pousada da Praia [...].<sup>27</sup>

Essa vai ser uma das tarefas do cronista: trazer para o panorama da cultura baiana pessoas que viveram nos espaços da cidade, transformando-a em cenário de beleza, história e arte. Ele fez ver que a literatura e as artes estavam presentes no coração de alguns cidadãos, porta-vozes de um tempo poético e musical, que marcou a cultura baiana.

Antonio Risério, ao escrever sobre a história da Bahia, acredita que:

Num sentido mais amplo, a modernidade estético-intelectual teve, em terras baianas, uma rede de irrigação mais vasta e emaranhada, passando por bares, cursos, clubes de cinema, suplementos jornalísticos, etc. Para melhor entender essa circunstância da história da cultura na Cidade da Bahia e seu Recôncavo, devemos levar em conta dois processos fundamentais – e simultâneos. De uma parte, o entrelaçamento da cultura boêmia e da cultura universitária [...] E essa inexistência de um “cordon sanitaire” entre o campus e a praça, a escola e a rua, o bar e o gabinete, enriqueceu, como não poderia deixar de ser, o circuito diário dos signos.<sup>28</sup>

Para Jehová, a década de 1970 em Salvador “marcava, definitivamente, o fim da rima rica e do verso escondido por estas plagas da Bahia tão afastada das repercussões da Semana de Arte de São Paulo.”<sup>29</sup>

A literatura e as artes passaram a despertar na alma dos cidadãos a possibilidade de pensar Salvador como um lugar possível de trazer e fazer com que seus moradores atentassem

<sup>26</sup> CARVALHO, Jehová de. O anônimo itinerário de um homem sofrido. In: \_\_\_\_\_. **A cidade que não dorme:** crônicas noturnas de São Salvador da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 116.

<sup>27</sup> CARVALHO, Jehová de. Ângelo Roberto, o desenho que extrapola a moldura. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 28 jul.1973.

<sup>28</sup> RISÉRIO, Antonio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2004. p. 529.

<sup>29</sup> CARVALHO, Jehová de. O poeta de bronze no ocaso de hoje. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 18 maio 1973.

para a mudança cultural que reforçava uma identidade regional urbana, tendo essas manifestações como símbolos de registro identitário cultural. Tudo leva a crer que existia um sentimento, uma vontade de fazer com que a cultura fosse o maior produto social, podendo servir de exemplo para os baianos.

Assim, os apaixonados pela literatura definiam lugares para plantarem sementes de letras e um desses ambientes foi a Civilização Brasileira, onde buscavam novidades literárias, lembrando que os intelectuais baianos tinham uma produção bastante acentuada em Salvador nas décadas de 1940 a 1980 quando eram produzidos e editados livros de poesia, literatura, medicina, história, entre outros. Isso reflete a paixão pelo saber e pelas letras que eram respaldadas por algumas pequenas editoras baianas que nesse momento histórico foram de fundamental importância, no sentido de fomentar diversas publicações de escritores do estado da Bahia.

## Conclusão

O presente artigo buscou, inicialmente, conhecer a pessoa Jehová de Carvalho, haja vista o entendimento de que seria impossível compreender as crônicas separadas do autor, assim entendendo que cidade e cronista se interligam. No posfácio do livro *A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia*, Franco Barreto escreve: “Quanto a Jehová, sua vida é um livro. Dono da cidade, de suas noites, duende amadiano, cantado e decantado pelos seus contemporâneos, Xangô de mil mulheres.”<sup>30</sup> Sendo “dono da cidade”, era também da noite, vagando de bar em bar, transformando a boêmia em poesia e crônicas. Nessas andanças buscava também se conhecer, como ele mesmo apresenta no “Soneto ponto final”

Andei demais, amigo.  
Andei jogando  
pedaços de mim a todo o lado  
a ponto de hoje trôpego e cansado  
viver passo por passo me encontrando.  
Cêdo parei de andar de vez. E quando  
eu me procuro e vejo assim parado  
os meus passos cobertos de passando  
penso que o tempo é que se vai parando.

<sup>30</sup> CARVALHO, Jehová de. **A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994. p. 175.

Meus pés ficaram atrás de mim. E escuro  
 é o trilho acidentado do futuro  
 onde falece a última esperança  
 Daqueles que, como eu, ouvem sózinhos  
 do coração de areia dos caminhos seus passos vacilantes de criança.<sup>31</sup>

A busca pelo autoconhecimento, bem como a falta de esperança no futuro marcam a trajetória de vida de Jehová, filho do seu tempo, leitor das ruas, um ser social contaminado pelos acontecimentos históricos.

Outro ponto que precisa ser destacado na vida de Jehová, enquanto paradoxo, era o discurso a favor das mudanças sociais, por um lado; porém, quando se tratava das transformações e alterações para o desenvolvimento da cidade, dentro de uma proposta moderna no espaço urbano, o cronista se mostrava tradicionalista, negando veementemente qualquer alteração. O sim e o não, a permanência e a ruptura se debatiam nas reflexões do cronista. E nesse mal-estar consigo mesmo, ele buscava se encontrar nas noites boêmias da cidade, de modo que aquilo que vivenciava na noite servia de matéria para as suas crônicas.

Assim, Jehová de Carvalho se valia dos seus olhos, vivências e experiências, para retratar o cotidiano, de forma apaixonada e tradicionalista; usava a caneta e o papel como instrumento de revelação daquilo que era observado. Dessa maneira, suas crônicas podem ser consideradas um acervo documental e histórico de uma cidade que passava por uma metamorfose urbana e cultural retratada literariamente por Jehová, em riqueza de detalhes como jamais fez nenhum outro cronista baiano.

Conforme observamos, o desenvolvimento urbano e as alterações que se fizeram nos espaços, ruas e bairros não foram aceitos por Jehová. Para chamar a atenção dos cidadãos – de que tais modificações não eram apenas espaciais, mas que traziam a destruição da tradição, da natureza, das relações sociais e de uma vida mais humana –, utilizou o espaço conquistado na imprensa como forma de protesto. O cronista era um defensor dos menos favorecidos e ele temia que o progresso os afetasse.

Jorge Amado, que visualizava o comprometimento de Jehová com sua história e com o povo, escreveu:

No canto apaixonado de Jehová de Carvalho, encontro o homem e o mundo, sua dor, seu protesto, sua luta, “a aurora e sua mensagem rubra” e o amor “sobre o tempo e sobre a vida”. Seu canto de protesto não é simples arrumação de palavras nem demagogia nem generosa inconsciência: o poeta

<sup>31</sup> \_\_\_\_\_ . Escrito no **Jornal da Bahia**, em 03/1960.

tem plena consciência de seu tempo e seu gesto nasce do conhecimento: “Não por ser jardineiro entregue a rosa a quem ame. Entrego-a a quem por amor continua o tempo havendo e põe o povo na aurora.”<sup>32</sup>

Ao descrever um fato, Jehovah tomava partido, aparecia no texto dialogando quase sempre com pessoas do povo e criticando a política urbana que interferia fortemente na tradição baiana. Esse diálogo era apresentado sempre numa linguagem coloquial, simples, como uma espécie de relato que pode ser classificado como sentimental ou lírica.

Mesmo sendo a crônica um gênero híbrido, que transita entre o jornalismo e a literatura, a de Jehovah consegue ser dotada de luz própria, trazendo o inusitado, o alegre, o sofrimento, as alterações sociais, com um tom e um texto que oscilam entre o real e o ficcional.

Muitas de suas crônicas foram marcadas pela crítica social e política, publicadas nos momentos em que a cidade passava por uma transformação urbana, que destruiu espaços culturais antigos e casarios, criando-se uma nova linguagem da cidade que afetou os mais carentes e a cultura baiana. A negação do progresso nas narrativas cronísticas chega ao extremo, evocando uma tradição sem possibilidades de que ela se reinvente, reformule e reincorpore outros valores. Para Jehovah, as metamorfoses urbanas eram um ataque à cultura de um passado que ele traz apenas nas suas lembranças. O que é perceptível nas crônicas é o sentimento de pura nostalgia que emana das palavras do cronista, revelando uma saudade avassaladora de uma Salvador que falece por conta do desenvolvimento.

Por isso mesmo esse gênero literário não deve ser pensado ou entendido como algo abstrato, desvinculado de um campo estruturado de tensões simbólicas e imaginárias, históricas e estéticas. Existem nele núcleos de problemas múltiplos e diferenciados presentes em uma sociedade que precisa externar suas mágoas, alegrias, amores e dificuldades de toda ordem.

As crônicas de Jehovah buscam imprimir sentido também ao ambiente. Sua intenção é manter uma relação entre o homem e seu lugar com significações próprias, construindo um sentido identitário entre o espaço e as pessoas. Portanto, cidade e crônica em Jehovah se constroem nesse processo de união para encontrarem múltiplas leituras, ganhando assim a tessitura da alma do escritor.

Jehová de Carvalho cronista (de) Salvador é a história do escritor e sua relação com a cidade e como ele a sente e a representa. Por isso acreditamos na importância deste estudo,

---

<sup>32</sup> CARVALHO, Jehovah de. **Um passo na noite**. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969. p. 5.

que pretende tirar do anonimato um dos maiores cronistas da Bahia, o único no seu estilo de ser e de escrever.

## Referências

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentários: ensaios sobre literatura experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BANDEIRA, Gisele Pereira. **Exílio e memória nos contos de Cyro Martins**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CARVALHO, Jehová de. **A cidade que não dorme: crônicas noturnas de São Salvador da Bahia**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

\_\_\_\_\_. **Memória da Cantina da Lua**. Salvador: EDUFBA: Câmara Municipal de Salvador, 1995.

\_\_\_\_\_. **Reinvenção do reino dos voduns**. Salvador: Ouro Negro, 1977.

\_\_\_\_\_. **Um passo na noite**. Salvador: Mensageiro da Casa Grande, 1969.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, pp. 68-75.

MELO, Victor Andrade de. **A crônica como fonte e o remo no Rio de Janeiro como fonte de transição do século XIX/XX**. Disponível em: <[www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica\\_remo\\_art\\_conbrace.doc](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/producoes/cronica_remo_art_conbrace.doc)>. Acesso em: 15 fev. 2013. p. 4

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

OLIVEIRA, Daniel. Bahia. **A viagem dos argonautas**. Salvador, 2010, p.1. Disponível em: <<http://aviagemdosargonautas.net/2012/08/10/bahia-por-daniel-de-oliveira/>>. Acesso em: 08 out. 2012.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS, Milton. **O centro da Cidade de Salvador: estudo de geografia urbana**. 4.ed. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista: Uma leitura de suas crônicas. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações**. Rio de Janeiro: Editora Unicamp, 1992. p. 255.

Recebido em: 12 de setembro de 2016.

Aceito em: 27 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## **Variação na Concordância Nominal de Número no Português Popular de Vitória da Conquista - BA: Sócio-História do Português do Brasil**

## **Variation in Nominal Number Concordance in Popular Portuguese of Vitória da Conquista - BA: Socio-History of Brazilian Portuguese**

Maria Aparecida de Souza Guimarães<sup>1</sup>  
Jorge Augusto Alves da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

Neste artigo, oferecemos uma visão resumida do número nominal de acordo com os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos fornecidos pela variação da Teoria da Mudança e da Linguística proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008). Foram utilizadas como referência obras bem conhecidas como Scherre (1988), Carvalho (1997), Lopes (2001), entre outras. Este estudo tem o discurso de corpus de 12 informantes que compõem a comunidade de fala de Vitória da Conquista - BA. Desta forma, apresentamos mais evidências sobre a realidade que observamos na "linguagem vernácula conquistense", a fim de contribuir para a construção de uma história social do português popular (inferior ao normal). Os dados mostram que, em relação ao acordo nominal, há uma tendência a adquirir as marcas, sendo, sobretudo, jovens e mulheres a iniciarem esse processo.

**Palavras-chave:** Português popular, Linguagem vernacular, Vitória da Conquista

**ABSTRACT:** In this article, we offer a brief-view of nominal number agreement taking the theoretical assumptions and methodological procedures provided by variation of Change Theory and Linguistics proposed by Weinreich, Labov and Herzog (2006) and Labov (2008). We use approaches taken by authors who try to explain the source of differences between standard and substandard nominal agreement and direction of the ongoing linguistic change. Accordingly, well known works such as Scherre (1988), Carvalho (1997), Lopes (2001), among others, were used as reference. This study has the *corpus* speech of 12 informants that make up the speech community of Vitória da Conquista - BA. In this way, we present more evidence about the reality we observe in "conquistense vernacular language" in order to contribute to the construction of a social history of popular (substandard) Portuguese. The data shows that, relative to the nominal agreement, there is a tendency to acquire the marks, being younger and women who initiate this process.

**Keywords:** Popular Portuguese, Vernacular language

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística – UESB. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: maparecidaguimaraes@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em Letras e Linguística – UFBA. Professor Titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: jorgeaugustodabahia@gmail.com

## Introdução

Tomamos como objeto de estudo para este artigo a concordância nominal de número no sintagma nominal de número, objetivando com isso explicar a origem da variação da concordância nominal e o direcionamento da mudança linguística em curso no *corpus* Português Popular em Vitória da Conquista (*corpus* PPVC). Para tanto, partimos da questão: De que forma a sócio-história de uma comunidade [Vitória da Conquista] pode determinar o vernáculo dos falantes, considerando, nesse caso, o fenômeno linguístico da concordância nominal de número no sintagma nominal?

Abordamos, inicialmente, a concordância nominal com vistas à origem do português popular. Posteriormente, apresentamos alguns dados da nossa pesquisa e procedimentos metodológicos, acrescidos da discussão desses dados. Por último, explanamos nossas considerações finais.

### A concordância nominal e a origem do português popular do Brasil

Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a realidade linguística brasileira espelha-se na realidade histórica e social do Brasil. Nossa sócio-história está marcada, notadamente, por um abismo econômico e cultural, no qual se podem ver marcas de um passado colonial. A origem do português culto estaria ligada a uma elite herdeira dos valores europeus, e a origem do português popular a uma grande massa populacional com cultura predominantemente oral, a qual adquiriu os padrões linguísticos que usa a partir de um contexto sócio-histórico formado por índios de diversas tribos e línguas, negros de várias regiões da África e brancos portugueses de diversas origens e tradições (SILVA, 2005, p. 16).

Isso posto, o estudo que realizamos na comunidade de fala de Vitória da Conquista, por meio do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC), apresenta-se como um dos acréscimos à compreensão da sócio-história do português popular do Brasil, pois “todos esses agentes [brancos, índios remanescentes, africanos e afrodescendentes] postos em um mesmo espaço geográfico criaram relações sociais de coesão a fim de sobreviverem na nova terra” (SILVA, 2005, p. 16). Pesquisas realizadas por Gregory R. Guy (1981), Alan Baxter e Dante Lucchesi (2009) e Norma Lopes (2001) sinalizam para contextos em que a situação sócio-histórica dos utentes do português popular pode explicar

não somente a variação, mas também o “curso da mudança linguística” no Brasil, contrariando a deriva românica.

Além disso, a discussão da origem da concordância variável de número no Português Brasileiro (PB) está ligada ao debate mais amplo do processo de “transmissão linguística irregular” que muito tem contribuído na análise de inúmeras pesquisas relacionadas à origem do PB.

Segundo Lucchesi (2006), o conceito de “transmissão linguística irregular” remete àquelas situações em que uma grande população de adultos falantes de línguas diversas precisa aprender uma segunda língua emergencialmente em situações precárias promovidas num regime de sujeição, como as que ocorreram com a escravização de índios e, sobretudo, de africanos, ao longo dos três primeiros séculos da história do Brasil.

Naro e Scherre (2007), por outro lado, afirmam que a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada nas mentes de seus falantes. Nesse momento da língua, segundo os autores, trata-se de uma variação inerente, estruturada em função de aspectos linguísticos e sociais. E, pelo menos em termos de escrita, pode-se levantar a hipótese de a variação não ser específica do português do Brasil. Dessa forma, suscitam o seguinte questionamento: Até que ponto as variações encontradas podem ser interpretadas como um processo de descrioulização?

Lopes (2001, 2008) apresenta algumas respostas para a questão levantada. Mormente, em sua tese de doutoramento, a pesquisadora apresenta raciocínio na linha de Myers-Scotton e Jake (2000) a fim de demonstrar como se dá a aquisição de morfemas. Em relação ao português brasileiro, Lopes (2008) observou que: 1) Os morfemas têm mais marcas de número os núcleos quando estão em 1ª posição no sintagma; 2) A posição à direita do núcleo é altamente desfavorecedora e; 3) Apesar de a posição à esquerda do núcleo ser, sem dúvida, a mais favorecedora de concordância, o elemento de posição anterior não adjacente ao núcleo não é marcado, a exemplo de “no meus estudos”, “o meus filhos”, “tudo aqueles coisas” (LOPES, 2008, p. 21).

Recorrendo ao estudo sistemático feito por Lopes (2001, p. 93), podemos ver que no percurso da aquisição da linguagem “as características dos dados a que a criança tem acesso são de fundamental importância para a definição do ponto final a ser adquirido”. A autora, após exaustiva análise da tipologia dos morfemas proposta por Carol Myers-Scotton e Janice L. Jake (2000), conclui que a concordância feita no nível do SN apresentaria dois tipos de morfemas, ou duas estratégias de representação morfológica:

Nesse sentido, num sintagma nominal do tipo “os meninos”, em “Os meninos saíram”, o morfema de plural “os” é inserido, logo, ele deve ser considerado um *early system*; o “s” de “menino” parece não ser gerado no mesmo momento, pode ser considerado um tipo de *late system*. Essa pode ser a explicação para o morfema de plural –s de os meninos ser registrado com menos frequência em processos de variação, e ser fixado mais tarde em processo de aquisição (LOPES, 2001, p. 98-99).

Para entendermos a pertinência da conclusão de Lopes (2001) é necessário fazer o percurso e nele perceber a pertinaz lógica do raciocínio. A estudiosa lança mão da visão de Myers-Scotton e Jake (2000) para compreender, numa tipologia gradativa, o processo de aquisição de morfemas.

Assim, os morfemas seriam divididos em dois grandes grupos, a saber, os *contente morphemes* e os *system morphemes*, assim traduzidos, morfemas de conteúdo e morfemas sistêmicos. Os morfemas de conteúdo seriam adquiridos em primeiro lugar, já que comportariam mais traços semântico-pragmáticos: substantivos, adjetivos e verbos. Em relação aos morfemas sistêmicos, seriam de três naturezas: os *early system morphemes*, os *bridge system morphemes* e os *outsider system morphemes*.<sup>3</sup> Tais morfemas, ao contrário dos morfemas de conteúdo, são indiretamente eleitos e estão ligados à intenção discursivo-conceptual dos falantes: são elementos da estrutura funcional, portanto, elementos sistêmicos.

Analisando o exemplo de Lopes (2001), “os” conteria a ideia de “definitude” de “meninos” e seriam definidos mais “mais cedo” no momento em que se dá a seleção dos morfemas de conteúdo. No entanto, a seleção do –s de “meninos” se daria de outro modo, pois o morfema de plural cumpriria apenas o papel de uma “orientação gramatical, a concordância” (p. 97). Tal situação explicaria, tanto na análise de Lopes (2001) quanto na nossa, a frequência de marcação do primeiro elemento, bem como a frequência de apagamento do núcleo do SN.

Em outros termos, no que tange ao nosso escopo, podemos observar que as marcas de plural do SN seriam incorporadas à gramática<sup>4</sup> da criança após a sedimentação dos substantivos e dos adjetivos. Seguindo a linha de raciocínio de Lopes (2001), podemos

<sup>3</sup>São tratados como *early system morphemes* – os morfemas de plural nos nomes quando são os primeiros ou os únicos elementos pluralizáveis do sintagma ou aqueles em elementos anteriores imediatamente ao nome. Os *bridge system morphemes* são todos os outros morfemas de plural do sintagma, pois eles são pluralizáveis apenas para cumprir orientação gramatical e os *outsider system morphemes* são caracterizados como os morfemas que dependem de informação gramatical fora do sintagma em que eles ocorrem (LOPES, 2001, p. 97).

<sup>4</sup> Lopes (2001, p. 92) assevera: “Lightfoot (1999) defende que a gramática é uma entidade individual e que as pessoas desenvolvem gramáticas, que são representadas nas suas mentes e que caracterizam seu conhecimento linguístico”.

afirmar que no caso do português popular, em que verificamos maior frequência no uso de plural no primeiro elemento do sintagma, o fenômeno de número se dá pela confluência de dois processos morfológicos: o dos *bridge late systems morphemes* e dos *early system morphemes*; ademais, considerando ainda que, no caso da concordância, os elementos pluralizáveis cumprem uma orientação gramatical, podemos concordar com Lopes:

[...] Analisando a forma apresentada por Myers-Scotton e Jake (2000a, 2000b), o presente trabalho considera, pois, que a morfologia referente à concordância dentro do sintagma nominal, no português, estaria ora entre os *early system morphemes*, ora estaria se comportando como os *late system morphemes* (LOPES, 2001, p. 98).

Lopes (2008) não é voz única no tratamento da questão, pois Anna Jon-And<sup>5</sup> (2010) recorre à pesquisa de aquisição de estruturas para explicar os fenômenos observados na variedade do Português de Moçambique. Lembra bem a pesquisadora que:

Concordância variável significa que as regras de concordância do português padrão (PP) – sendo esse definido de acordo com as normas de gramáticas prescritivas, normas ensinadas na escola – são aplicadas em algumas ocasiões e em outras não (JON-AND, 2010, p. 28).

Em relação ao Português de Moçambique, segundo Jon-And (2010), há três variáveis que influenciam a concordância de número no SN, quais sejam: “1) Idade de início de aquisição de português; 2) Idade e; 3) Posição em relação ao núcleo / posição linear”. Jon-And (2010) discute os resultados dessas variáveis e destaca os resultados da terceira variável, no caso a Posição em relação ao núcleo / posição linear, comparados com os resultados de outros estudos sobre concordância de número no SN realizados no Brasil, em São Tomé e em Cabo Verde.

Assim posto, teríamos duas posições polarizadas: a que postula a variação no SN como decorrência da deriva românica e aquela que procura na formação histórica e social do Brasil razões não apenas para a variação, mas do mesmo modo para o mecanismo de mudança que ora pode ser verificado no Português do Brasil.

---

<sup>5</sup> Jon-And (2010), Universidade de Estocolmo, em um artigo intitulado **Concordância variável de número no SN no português L2 de Moçambique – algumas explicações sociais e linguísticas**, tendo como objetivo investigar, de forma quantitativa, a concordância de número no sintagma nominal (SN) no português popular falado em Maputo, Moçambique (PM), variedade de português L2, com falantes que têm línguas bantu de Moçambique como L1 conclui que: “Concordância variável significa que as regras de concordância do português padrão são aplicadas em algumas ocasiões e em outra não” (JON-AND, 2010).

## Nossos dados e procedimentos metodológicos

A variação na concordância nominal de número é considerada, em nosso estudo, como variável dependente, assim tratada no processo de quantificação dos dados.

Para fins de estudo linguístico, a literatura contempla duas abordagens: uma sintagmática e outra mórfica (também chamada atomística).

Na perspectiva da análise mórfica<sup>6</sup>, a qual assumimos em nosso estudo, o pesquisador interessa-se por estudar os elementos constituintes da estruturação sintagmática nominal, a fim de descortinar quais condicionantes estariam agindo para a realização da concordância (entendida como “solidariedade” entre os constituintes). No mencionado estudo são consideradas importantes as posições dos determinantes na ordem do constituinte, sua posição em relação ao núcleo e o comportamento de estruturas, tais como os modificadores na ordem sintagmática. Além disso, não se deve olvidar a classe gramatical do constituinte, nem a natureza da diferenciação entre o singular e o plural (a saliência fônica), procurando se verificar, também a presença de marcas em relação ao elemento nominal analisado.

Nesse sentido, tal abordagem procura analisar todos os constituintes flexionáveis dos SN encontrados nas amostras de fala, objetivando descrever e analisar quais variáveis atuam especificamente sobre cada elemento do SN, determinando assim a “solidariedade” entre os constituintes (SCHERRE, 1988, p. 61).

A variável dependente, fenômeno linguístico em análise, define-se pela marcação, em nosso estudo, do plural em cada constituinte do SN, sendo que esta pode se apresentar como marcada e não marcada, conforme exemplos:

(+) plural marcado: Exemplos - “a gente ia vender limão ESSAS coisaS” (WSO).

(-) plural marcado: Exemplos - “só ficava os FILHO” (MJPS).

Seguindo a perspectiva mórfica ou atomística, submetemos as ocorrências à análise dos seguintes fatores condicionantes:

---

<sup>6</sup>A opção pelo tratamento dos dados pela perspectiva mórfica ou atomística nada tem a ver com a escolha por um melhor caminho explicativo. A escolha fez-se pelo recorte necessário para se alcançar os objetivos de uma dissertação de mestrado. Nesse sentido, a escolha se fez por delimitações necessárias aos fins de estudo.

a) Posição linear do constituinte; b) Posição do constituinte com referência ao núcleo do SN; c) Classe gramatical do constituinte; d) Saliência fônica.

Em relação aos condicionamentos sociais, ou variáveis sociais, consideramos no âmbito de nossa análise os seguintes fatores: a) Faixa etária; b) Sexo (ou gênero); c) Estada fora da comunidade; d) Nível de letramento; e) Exposição à mídia<sup>7</sup>.

Ressaltamos que os dados estatísticos não podem ser tratados, no conjunto das ciências humanas, como verdades absolutas, mas como fatos interpretáveis e submetidos ao crivo do pesquisador. Os números, embora eloquentes, não se afiguram absolutos em demonstrar as realidades linguísticas (sociais) que devem ser postas em contínua análise e questionamento dos cientistas que lidam com a sócio-história das línguas.

Nesse sentido, após extrairmos do *corpus* do PPVC 2.979<sup>8</sup> ocorrências de estruturas pluralizáveis, submetemos os dados codificados ao Programa Estatístico GOLDVARB. Foi encontrado um total de 2.979 ocorrências, das quais, numa análise mórfica, 1.708 – o equivalente a 57,3% – apresentaram marcas de concordância; enquanto 1.271 – ou seja, 42,7% – não apresentaram marcas de concordância entre os elementos formadores do sintagma nominal. O nível de confiabilidade da análise estatística foi de 0,08 (com *input* de 0.850).

Na tabela 1 apresentam-se de forma esquemática os resultados obtidos.

**Tabela 1** – Variável dependente: Concordância nominal de número

<b>Concordância Nominal</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>
Com marcas de Plural	1.708/2.979	57,3%
Sem marcas de Plural	1.271/2.979	42,7%
<b>Total de Ocorrências</b>	<b>2.979</b>	

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d).

Assim, partindo de uma análise mórfica, isto é, considerando-se os constituintes imediatos e o grau de adjacência, constatamos que há uma tendência à marcação dos elementos pluralizáveis em 57,3%. É, portanto, uma realidade que se assemelha a estudos realizados por outros pesquisadores, tais como Martins (2013), cuja tese intitulada **Variação na concordância nominal de número na fala de habitantes do Alto Solimões**

<sup>7</sup> Os condicionantes “Estada fora da comunidade” e “Exposição à mídia” não foram selecionados pelo Programa Estatístico GOLDVARB.

<sup>8</sup> Foram excluídas as ocorrências formadas por locuções prepositivas (às duas), seguindo orientação de Scherre (1988), bem como as ocorrências em que a tradição faculta o uso do plural ou do singular (um tanto de menino/meninos). Além disso, não foram considerados os casos em que o núcleo do SN é invariáveis (ônibus).

(Amazonas)<sup>9</sup> encontra-se como um dos mais recentes estudos sociolinguísticos realizados sobre o tema. Observamos que a pesquisadora desenvolveu seu estudo com amostra de fala de moradores de centros urbanos de médio porte, tal qual a realidade que vivenciamos em Vitória da Conquista.

Martins (2013) realizou entrevistas, seguindo a metodologia norteadora do estudo que agora apresentamos. Na referida pesquisa, das entrevistas realizadas foram retiradas 7.270 ocorrências de estruturas linguísticas, dentre as quais 4.458 apresentavam marcas explícitas de plural. Submetendo-se os dados ao programa estatístico GOLDVARB 2001, chegou-se ao percentual de 58% de estruturas com marcas de plural no SN e 42% de estruturas em que as marcas não foram verificadas, isto é, “ausência de marcas formais/informais de plural”.

Em nossa pesquisa, quanto à variável dependente, no total de 2.979 ocorrências, encontramos 1.708 marcas de plural, equivalendo a 57,3% e 1.271, sem marcas de plural, o que equivale a 42,7% com um resultado um tanto próximo à pesquisa nos municípios amazonenses.

Em pesquisa, nos moldes labovianos, Andrade (2003), com base em *corpus* do Português Afro-Brasileiro, analisou a frequência da marca de plural em cada item do SN de falantes da comunidade de Helvécia (BA). Das 2.893 ocorrências analisadas por Andrade, 55% não apresentaram as marcas de concordância no SN, isto é, em um total de 2.893 ocorrências, 1.310 apresentam concordância, 45%, e 1.583/2.893, 55% não apresentaram concordância. Andrade (2003) justifica os dados encontrados com base na “Transmissão Linguística Irregular” (LUCCHESI, 2000), mostrando evidências que remontam para um passado em que as marcas de concordância tendiam a ser menores e que a aquisição das marcas é uma realidade própria da alteração do *status quo* da comunidade, entendida como a abertura da comunidade a normas adventícias.

Se considerarmos um *continuum* de variação, podemos perceber que as duas realidades expostas *vis-à-vis* espelham os núcleos populacionais urbanos (MARTINS, 2013) e rurais (ANDRADE, 2003), em que o aparato urbanizador faz-se, hodiernamente, em maior ou menor intensidade. A profusão dos contatos sociais é uma das características do processo de urbanização, expondo os falantes à norma de prestígio. No caso de Vitória da Conquista, podemos ver que a urbanização ocorre de forma gradual, atingindo aos poucos os moradores de bairros periféricos.

---

<sup>9</sup> Composição de amostra constituída por meio da realização de entrevistas com 57 informantes em cinco das nove localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões, quais sejam, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa.

## Discussão dos dados

Em nossa pesquisas, constatamos que os falantes mais jovens tendem a apresentar mais marcas de concordância do que os falantes mais velhos. O peso relativo demonstra, portanto, uma tendência à aquisição das marcas, comprovando que o imperativo da urbanidade altera não apenas o quadro socioeconômico de uma comunidade, mas também os padrões linguísticos.

Isso posto, podemos reconhecer que a sócio-história de uma comunidade pode explicar as alterações linguísticas pelas quais ela vem passando. No caso de Vitória da Conquista, estamos observando um quadro em que o aparato urbanizador altera, lentamente, o vernáculo dos falantes do Português Popular.

Com o propósito de uma melhor visualização, apresentamos a tabela 2.

**Tabela 2** – Variável Faixa Etária

	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
Faixa I	499/837	59,6%	0.58
Faixa II	683/1213	56,3%	0.41
Faixa III	526/929	56,6%	0.53

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d)

Os nossos dados assinalam para uma situação de aquisição de marcas de concordância no SN, demonstrando que os mais jovens tendem a se aproximar da norma culta da língua portuguesa falada no Brasil, contrariando assim a deriva românica que levaria a um processo de simplificação.

Silva (2005), ao interpretar estudos desenvolvidos a partir de 1993 por Baxter e Lucchesi (2009), mostra que esses autores vêm apresentando evidências a favor do contato entre línguas na formação do português popular do Brasil, justificadas pela rejeição das concepções imanentistas, nas quais a origem das alterações verificadas no português popular é vista como mera ação das forças inerentes ao sistema e já pré-determinadas pela índole da língua portuguesa.

Além da defesa à origem do português popular como um produto do contato entre línguas, aponta ainda que esses autores veem que, por influxo da urbanização e seus derivados, está ocorrendo um processo de eliminação das marcas decorrentes do processo de “transmissão linguística irregular” desencadeado nas situações de contato em que as variedades populares do português brasileiro se originaram, sobretudo, no interior do país

(SILVA, 2005, p. 90). É nessa perspectiva que explicamos os resultados encontrados em nossa pesquisa, que incidem para maior aplicação da regra de concordância entre os mais jovens, bem como as mulheres, de acordo com tabela abaixo, considerando que tais agregados estão passando por transformações sociais e culturais advindas do *continuum* processo de urbanização de Vitória da Conquista, interior do estado da Bahia.

**Tabela 3** – A aplicação da regra concordância nominal de número na variável sexo

	Ocorrência	Percentual	Peso Relativo
Mulheres	940/1539	61,1%	0.57
Homens	768/1440	53,3%	0.41
<b>Total</b>	<b>1708/2979</b>		

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d)

A proposta da teoria da deriva, de algum modo, nega os princípios daqueles que defendem os fundamentos da “transmissão linguística irregular”, dada a interpretação sócio-histórica desta. Sumariamente, vale lembrar que a teoria da deriva é consolidada no âmbito da compreensão da mudança linguística, surgida no estruturalismo. De acordo com Araújo (2014), a proposta da teoria da deriva surgiu com o americano Sapir (1954 [1920]), linguista que retoma o interesse pela mudança linguística, tema central da linguística do século XIX.

Essa teoria sustenta a autonomia das estruturas linguísticas e a subjetividade da língua, sob o aspecto do indivíduo, assim depreendida: “[...] a deriva de uma língua consta da seleção inconsciente feita pelos que falam, das variações individuais que acumulam numa dada direção” (SAPIR, 1954 [1920], p. 124 apud ARAÚJO, 2014, p. 80).

A fim de controlarmos o nível de letramento numa pesquisa cujo recorte é o português popular, trilhando o percurso das recentes abordagens das ciências neurológicas que tratam da escrita/leitura,<sup>10</sup> propusemos três fatores: 1 a 2 anos;<sup>11</sup> 3 a 4 anos e; 5 anos.

Segundo Leffa (1996), o espaço cerebral responsável por armazenar dados de leitura/escrita corresponde ao aperfeiçoamento da tendência inata de apreender e reconhecer imagens. Nesse sentido, ler e escrever seria, na verdade, um aporte neuronal que resultaria no desenvolvimento de uma habilidade inata. Tal aporte traria ampliação vocabular e capacidade de manejar estruturas dentro das regras fonotáticas da língua, bem como das regras morfossintáticas. Isso posto, os anos de contato com atividades de letramento estariam dando

<sup>10</sup> Para fazermos tal percurso, seguimos os caminhos sugeridos por Dehaene (2012) e Leffa (1996).

<sup>11</sup> Não foram encontrados informantes que não tenham se submetido a, pelo menos, um ano de escolaridade, graças aos inúmeros projetos públicos em favor do letramento das classes populares.

ao falante uma possibilidade de aproximação de estruturas que seriam incorporadas a seu vernáculo.

Nesse sentido, o contato com outros grupos e a modificação do entorno social são elementos coadjuvantes no processo de aquisição de uma outra norma. No caso dos falantes do português popular, cremos que, ao entrarem em contato com a norma de prestígio, haja uma alteração lenta e gradual em seu vernáculo, notadamente marcado por um nível menor de letramento (alguns dos informantes contam que seus pais não tinham “leitura”).

Os dados de nossa pesquisa demonstram que a quantidade de anos de letramento influencia a alteração das estruturas usadas na realização da concordância nominal, conforme podemos observar na tabela 4:

**Tabela 4** – Aplicação da regra concordância nominal de número na variável nível de letramento.

<b>Anos de letramento</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
1 a 2 anos	896/1589	56%	.44
3 a 4 anos	255/458	55,7%	.49
5 anos	557/932	59,8%	.59

Fonte: Elaborado pelos autores (s/d)

A partir dos dados, podemos perceber que há uma tendência à concordância, se comparamos o aumento dos anos de letramento, considerando o peso relativo.

É necessário frisar que os anos de letramento trazem, além do contato com outras normas, uma ampliação de perspectivas de vida econômico-social, já que o grau de escolaridade há de marcar a escolha das profissões.

### Considerações Finais

Podemos reconhecer, no Brasil, a existência de duas realidades linguísticas bipolarizadas: de um lado a norma culta e de outro a norma vernácula ou popular. Escrever a história do português do Brasil exige que busquemos retratar essas duas vertentes, procurando nelas a origem e o percurso de sua formação. Neste trabalho, discutimos a concordância nominal de número no SN no vernáculo de moradores naturais de Vitória da Conquista, apresentando uma análise atomística ou mórfica, considerando o fenômeno como variável.

Dado o recorte às variáveis sociais, pudemos perceber que as mulheres e os mais jovens tendem a aplicar mais a regra de concordância. A tendência de aplicação da regra verificada na população de Faixa I no *corpus* demonstra que a mudança em curso é um processo decorrente da ampliação de horizontes desse grupo, pois ele está mais em contato com os grupos externos e sente a pressão que deles procede, no sentido de se adaptarem à vida urbana. Além disso, tais grupos são os mais atingidos pelos meios de comunicação, pela televisão e pelo rádio, veículos que imprimem valores diferentes dos estabelecidos pelo ambiente familiar ou pelo círculo de relações.

Nesse contexto de aquisição de marcas, buscamos explicar a efetivação da concordância nominal de número no sintagma nominal no Português Popular do Brasil na comunidade de fala de Vitória da Conquista.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. **Um fragmento da constituição sócio-histórica do Português do Brasil: variação na concordância nominal de número num dialeto afro-brasileiro**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – UFBA, Salvador, 2003.

ARAÚJO, S. S. de F. Sociolinguística e sócio-história do português falado em Feira de Santana. In: LOPES, N.S.; BULHÕES, Lígia P.L.; CARVALHO, Cristina S. **Sociolinguística: estudos da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro**. Sociolinguística paramétrica e sociofuncionalismo. Feira de Santana: Editora UEFS, 2013.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos linguísticos e literários**, n. 19, p. 65-84, mar. 2009.

CARVALHO, H. M. **Concordância nominal: uma análise variacionista**. 1997. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 1997.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. 1981. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981.

JON-AND, A. Concordância de número no SN no português L2 de Moçambique – algumas explicações sociais e linguísticas. **Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, v. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.umac.mo/FSH/ciela/rcblpe/doc/concordancia%20Mocambique.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, N. da S. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. 408 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – UFBA, Salvador, 2001.

LUCCHESI, D. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, dez. 2006.

MARTINS, F. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões(Amazonas)**. 2013. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, J. A. A. da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado de Bahia**. 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em: 13 de agosto de 2016.  
Aceito em: 20 de novembro de 2016.

# TABULEIRO DE LETRAS

## Desejo e Amor entre Iguais na Contística do Século XX

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

Maristela Rodrigues Lopes<sup>1</sup>

*O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX* é uma obra de crítica literária e cultural publicada pela Scortecci em 2015, cujo autor é Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, professor e crítico literário. Fernandes é graduado em Letras e mestre em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba. Faz parte do corpo docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Unidade Acadêmica de Garanhuns, lecionando Literatura Brasileira e Portuguesa. Além disso, é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Embora esse seja o seu primeiro livro, Fernandes tem uma produção de quase uma década acerca de literatura brasileira e representação de grupos não-hegemônicos. Segundo o autor, sua produção está divulgada em eventos, em revistas acadêmicas e em livros de pesquisa. Como docente e crítico literário, volta-se para um debate de promoção à igualdade de gênero e de sexualidade por meio da literatura, que sempre foi seu objeto de estudo e devoção (FERNANDES, 2015a).

A obra está estruturada em Introdução, cinco capítulos e Considerações Finais. Logo na Introdução, Fernandes (2015) enfatiza o texto literário, já que a literatura é capaz de problematizar os sujeitos e a sociedade da qual fazem parte, levando à compreensão do próprio ser humano. Nesse sentido, as relações amorosas e eróticas são mencionadas como um forte aspecto do ser humano, que são plasmadas e problematizadas na literatura, além de serem motivo literário universal. No entanto, existem formas de amar diferentes: as aceitas e as interditas na ordem social. O amor entre iguais fulgura como um desse tipo e, geralmente,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus – BA. E-mail: lopes.maristela@hotmail.com

associado a um comportamento doentio e imoral, é silenciado e julgado. Assim, a recepção da temática homoerótica na literatura também provoca reações adversas, como se percebe nas obras *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *O poço da solidão*, de Radcliff Hall.

Fernandes (2015, p. 11), ao discutir a temática da diversidade sexual na literatura, pretende dar visibilidade a “uma subjetividade sempre presente nas sociedades”. Ele acredita que a leitura dessa temática “pode também ser uma forma de compreender a intimidade dos sujeitos homoeróticos, não pelo viés da autoria, mas pelo viés do texto e da configuração da realidade que, por meio da verossimilhança, é materializada nas personagens de ficção” (FERNANDES, 2015, p. 11). Para tanto, o autor procurou mapear, de forma inovadora, a trajetória das configurações do homoerotismo na literatura. Delimitou o século XX como recorte temporal e tomou o gênero literário conto como *corpus* de descrição e análise a partir de duas categorias: a personagem de ficção e o desejo homoerótico. A escolha desse tipo de desejo como um dos focos de observação deve-se às “influências teórico-críticas dos estudos gays e lésbicos, sobretudo, pelas discussões postuladas por Eve Kosofsky Sedgwick” (FERNANDES, 2015, p. 13). Portanto, o objetivo central do livro é “descrever e analisar o desejo homoerótico vivido pela personagem de ficção em contos brasileiros do século XX” (p. 14). Ademais, busca-se comparar e discutir semelhanças e diferenças entre as obras, bem como compreender as diversas formas de configurar temas dessa natureza e de construir personagens homoeróticas – masculinas e femininas – nos dez textos que formam o *corpus*.

O Capítulo 1 é de caráter bibliográfico e está dividido em três seções. Na primeira, o autor trata “das terminologias utilizadas para se referir às pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com seu igual e as implicações políticas que cada uma enseja” (FERNANDES, 2015, p. 19), tendo o cuidado de contextualizá-las e justificá-las. Embora o termo “homossexualismo” seja o mais recorrente, o autor prefere *homoerotismo* e sua forma adjetiva *homoerótico*, uma vez que são mais abrangentes “para descrever de maneira mais produtiva a pluralidade de práticas e desejos entre pessoas do mesmo sexo” (p. 23) e não trazem subjacentes a eles uma carga semântica negativa.

Na segunda seção, Fernandes (2015) fala sobre o conceito de desejo e o que se entende pela expressão *desejo homoerótico*. Para corresponder a esse intento, recorre a teóricos que tratam da noção de desejo e chega à conclusão relacionando as contribuições de Marilena Chauí, Jeffrey Weeks e Sedgwick, para afirmar que o desejo homoerótico “diz respeito a um

conjunto de ações e sentimentos que um indivíduo direciona para um outro de mesmo sexo, com implicações afetivas e sexuais” (FERNANDES, 2015, p. 42).

Na terceira seção, o foco recai sobre personagem e narrador, elementos essenciais da narrativa, os quais são conceituados e classificados. O autor enfatiza a importância das personagens de ficção – esses “seres de papel” que problematizam questões socioculturais e refletem as vivências dos seres humanos –, já que, por meio delas, é possível discutir questões culturais. Ressalta também a interação e tensão entre as “vozes do texto” representadas pelas personagens principais, secundárias e pelo narrador. Ao discorrer sobre vozes, o autor amplia a discussão com o pensamento de Bakhtin acerca dos tipos de discurso.

O Capítulo 2 principia a descrição e análise das obras, a partir das primeiras décadas do século XX (1900-1920). O autor o inicia afirmando que relações afetivas / sexuais entre iguais sempre existiram no Brasil e que, no século XX, com o processo de urbanização e industrialização essas relações ganham mais proporção. Fernandes, antes de tratar especificamente do período em questão, recua no tempo e cita obras que já abordavam temática homoerótica: obras que vão do século XVI como o poema “Nise”, de Gregório de Matos, ao ano de 1900 com os contos “Impotência” e “Ódio”, de João do Rio.

Os contos escolhidos para análise nesse capítulo foram “Pílades e Orestes” (1906), de Machado de Assis, “História de gente alegre” (1910), de João do Rio, e “O menino do Gouveia” (1914), de Capadócio Maluco. No primeiro, constata-se a sublimação do desejo homoerótico, sendo camuflado pela amizade entre homens. No segundo, percebe-se, além da negativização da relação entre lésbicas, o desejo homoerótico associado à prática sexual, à prostituição, ao vício e à doença, restando aos pares homoeróticos a morte e a loucura como punição. Já na terceira narrativa, rompendo com o cânone da época e transgredindo a concepção binária da sexualidade, tem-se a subversão desse desejo na personagem Bembem.

No Capítulo 3, correspondendo às décadas de 1930-1950, encontra-se a análise dos contos “A grande atração” (1936), de Raimundo Magalhães Jr., “Frederico Paciência” (1947), de Mário de Andrade, e “A moralista” (1957), de Dinah Silveira de Queirós. As narrativas escolhidas desse período problematizam um viver estratégico para burlar o sistema de regras imposto pela sociedade e dar vazão aos desejos proibidos. Nesse contexto, o sujeito homoerótico é posto diante do dilema: viver ou não o desejo homoerótico. Se decidir por vivê-lo, é preciso enfrentar e burlar as regras. Caso contrário, é preciso sublimar, negar ou “curar” esse desejo.

Assim sendo, as personagens homoeróticas das narrativas desse capítulo materializam as seguintes abordagens: o protagonista Luigi Bianchi, de “A grande tentação”, encontra uma forma de viver seu desejo homoerótico – é travesti no circo de sugestivo nome: Politeama; já as personagens de Mário de Andrade procuram bani-lo, evidenciando o conflito e a não resolução desse desejo; por fim, em “A moralista”, em que a autora relaciona disciplina, religião e homoerotismo, a personagem é submetida a um processo de “cura” desse “mal”, e isso resulta em sua morte – por sinal, misteriosa: suicídio por não suportar a repressão ou assassinato motivado pela homofobia? Não importa: sua morte configura a materialização da punição, por não apresentar um comportamento heteronormativo.

No Capítulo 4 – “Ainda sob o jugo da condenação: décadas de 60, 70 – revolução e repressão sexual” –, o “ainda” indica que, mesmo num contexto mais revolucionário, em que se percebe com mais força o engajamento artístico e político dos sujeitos homoeróticos, o rechaço ao homoerotismo continua nas décadas subsequentes. A discussão apresentada por Fernandes (2015, p. 173) “procura levantar as disparidades entre esses dois polos incrustados na relação do homoerotismo com a sociedade: revolução e repressão”. A análise concentra-se nos contos “Paixão segundo João” (1969), de Dalton Trevisan, e “Ruiva” (1978), de Júlio César Monteiro Martins. A primeira narrativa é um exemplo da (auto)repressão, que impede a concretização do desejo homoerótico entre Pedro e João. Opostamente, a segunda narrativa é o retrato da transgressão: o protagonista e relojoeiro Juarez Moreira sai de Montes Claros-MG em direção a São Paulo para transformar-se na travesti ruiva chamada Gina, em busca de amor e liberdade. No entanto, na tentativa de ser ela mesma, descobre que, mesmo numa cidade grande, é difícil a vida dos travestis, geralmente vítimas do preconceito e da violência.

Concentrando-se no fim do século XX (1980-1990), em que se percebe maior visibilidade do desejo homoerótico, no Capítulo 5 analisam-se os contos “Terça-feira gorda” (1982), de Caio Fernando Abreu, e “Família” (1997), de Rubem Fonseca. O enredo do conto “Terça-feira gorda” gira em torno de duas personagens masculinas que, numa festa de carnaval, começam a trocar olhares e, posteriormente, carícias mais íntimas. E isso acontece diante da multidão, tornando público o desejo homoerótico tão reprimido na sociedade. Não há sublimação, disfarce, negação, estereotipação. Contudo, aqueles que estão em volta iniciam os pré-julgamentos e cometem uma barbárie, instigada pela violência do sentimento homofóbico. O desfecho trágico em pleno carnaval revela o paradoxo da sociedade e a necessidade de revisão dos paradigmas sociais (FERNANDES, 2015).

Em “Família”, percebe-se uma relação lesbiana entre a protagonista Dora e Eunice, num contexto em que esse tipo de relacionamento também não é aceito. Entretanto, diferentemente do casal do conto anterior, Dora consegue libertar-se desse contexto e vive seu desejo homoerótico, formando uma família com sua companheira. Esse é o caso da homoparentalidade tão discutida nos dias atuais, mas ainda tão questionada pelos conservadores, por representar uma ruptura no modelo tradicional de família. É, pois, um conto que apresenta uma perspectiva inovadora, ao contemplar os anseios dos seres reais por meio dos “seres de papel”.

Nas Considerações Finais, dentre outros aspectos, Fernandes (2015) aponta possíveis semelhanças e diferenças entre as narrativas analisadas. Além disso, em suas últimas palavras, lembra “o sistema excludente que relega ao silêncio textos com temas concebidos como ‘escabrosos’ e que fogem aos critérios de formação de nosso cânone literário” (FERNANDES, 2015, p. 248). Nesse sentido, pode-se dizer que, com *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*, o autor dá visibilidade não somente a textos desconhecidos por boa parte do público leitor, mas também a um tema quase intocado nos espaços conservadores.

Dessa forma, Fernandes contribui não apenas com a Academia, mas também com a sociedade de um modo geral. Por se tratar de uma obra acadêmica, seus leitores geralmente são pesquisadores, estudantes de Letras ou interessados em literatura ou em temática homoerótica. Todavia, a reflexão proporcionada pela leitura vai além dos “muros” e, certamente, desvelará concepções arraigadas que negam a existência do *outro* e tornam a sociedade cada vez mais incomunicável e intolerante. Portanto, cabe aqui lembrar as palavras de Todorov (2010, p. 34), quando este diz que “reconhecer a pluralidade dos grupos, das sociedades e culturas humanas, colocar-se no mesmo plano dos outros, faz parte da civilização”. Por outro lado, retrair-se em si mesmo e recusar-se a conhecer o outro são indícios de barbárie (TODOROV, 2010). Assim, ao tratar do amor e do desejo entre iguais, o autor, implicitamente, propõe uma sociedade mais civilizada, menos bárbara.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes. [Fevereiro de 2015]. Entrevista concedida ao Portal do Escritor. Disponível em: <

<http://portaldoescritorscortecci.blogspot.com.br/2015/02/entrevista-com-carlos-eduardo.html>>. Acesso em 12 de fev. de 2016.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros**: para além do choque das civilizações. Trad. de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Recebido em: 27 de setembro de 2016.

Aceito em: 20 de novembro de 2016.